

REVISTA DE ENSINO

ORGAN OFFICIAL DA DIRECTORIA DA INSTRUCCÃO PUBLICA

ANNO II

MACEIÓ, JANEIRO-FEVEREIRO DE 1928

NUM. 7

REVISTA DE ENSINO



Com o presente numero, entra a REVISTA DE ENSINO no seu segundo anno de existencia. Não têm sido poucos os sacrificios para manter a publicação dentro dos moldes estrictamente pedagogicos, pois sabido é quanto o nosso Estado é pobre de pessoas que se interessem por assumptos de instrucção. Podemos affirmar a victoria da Revista, apesar da quasi indifferença com que ella está sendo olhada.

Aproveitamos a oportunidade para pedir desculpas aos leitores de uma irregularidade cuja culpa não nos cabe: O ultimo numero da Revista traz um artigo assignado pelo Snr. Craveiro Costa com a nota — continúa.

Pois apesar do nosso appello, o autor recusou-se a dar a continuação do estudo, sem entretanto motivar a recusa. Como se vê nenhuma responsabilidade cabe á Revista nesta omissão.

Daqui, e reproduzindo o pensamento do Exmo. Snr. Dr. Director Geral da Instrucção Publica, appellamos mais uma vez para o professorado alagoano a fim de nos enviar a sua collaboraçãõ. E que esta se não limite a exercicios de methodologia, mas ataque questões pedagogicas derivadas de observações directas, no exercicio da profissãõ. Não se explica a timidez de muitas das nossas patricias que podem ser comparadas ás melhores professoras do Brasil. E' questão de um pouco de esforço e bõa vontade.

A proposito de Congressos

(RENATO DE ALENCAR)

Ninguem acredita na efficiencia de Congressos. Os de hygiene, de geographia, de estradas, e fal, por inuteis, têm contribuído geralmente para o descredito em qualquer Congresso, inclusive o das leis...

Haverá pessimismo, exagero nisso? E' phobéa, espirito de contradizer, de detrair? Ou será razoavel o juizo do povo?

O povo tem razão; mas, deve haver abatemento no demerito radical contra os Congressos.

Com effeito, os ditos têm sido recinto para exhibições de loquacidade, de cavações mais ou menos honestas, de elogios reciprocos, barretadas a poderes constituídos e outras cousas de congressistas *praticos*.

Com a "Primeira Conferencia Nacional de Educação" a que, inesperada e erradamente se deu o baptismo de "Congresso de Educação", denominação que eriou logo raizes de joazeiro, o pensamento censural do publico deve ser amenizado com uns polvilhos de açúcar de generosa verdade.

Em Curitiba, séde do consilio, juntaram-se nomes de real prestigio no scenario pedagogico do Brasil, sendo apresentadas mais de cem theses. Tal affluencia demonstra o quanto interessam ao professorado brasileiro os assumptos educacionais.

De todos os Estados do Brasil, excepção de três, houve representantes; muitas theses foram remetidas por autores que não puderam comparecer, e esteve sempre o recinto do Congresso, repleto de professores, alumnos e familias do Paraná, numa

prova irrefutavel da grande importancia que ali se dá á instrucção.

Os mais variados assumptos de referencia á educação foram trazidos á balha, ali discutidos com calor, aprovados ou regeitados.

Coisa singular: — não houve discursos, propriamente ditos. Isso, felizmente, pelo regimento da Conferencia, que dava a cada conferencista, 10 minutos para apresentar relatorios e discutir pontos em votação e discussão.

Verdade, verdade, que houve algumas transgressões á ordem... naturalmente por se estar exactamente na Casa de um Congresso Legislativo...

Dentre as theses regeitadas ou desaprovadas, figurou a em que um professor defendia o *Celibato Pedagogico*.

Theoria inexplicavel, pelo menos no tostante ao nosso país, causou o assumpto calefrios ás normalistas paranaenses, e sobressaltos ao director da Escola Normal de Curitiba, antevendo o resultado fatal se tal aberração viesse a prevalecer: — o fechamento das Escolas Normaes por falta de alumnas!

Com effeito. Qual a filha de Eva que sacrificaria o seu sonho de noiva por uma martyrizante cadeira de suportar meninos... dos outros?

A renuncia no magisterio tem seus limites. Aquelle está alem de todos os limites. Nascido, certamente de adeptos do celibato, de naturezas solteironas, a singular instituição traria dentro de suas calamidades de ordem particular esta col-

minante, de ordem etico-social : — proporcionar amores clandestinos...

Criaria então a Pedagogia mais um ramo de estudos para normalistas. A inquisição tomaria assento em cathedras de educação, num flagrante paradoxo para o qual difficilmente se acharia premissa de defesa aceitavel.

Mas, o interessante é que, alguém se lembrou de fortificar o argumento em prol da these iniqua, apontando Sta. Catharina como havendo adoptado o celibato para as professoras.

Levanta-se então o representante daquelle Estado e, com a vehemencia e entusiasmo quase revolucionario com que sempre falou; depois de condemnar o celi-

bato, acrescenta : — “E eu, de Blumennau, onde tabalhava na instrução, lancei meu protesto por telegramma, contra a malfadada lei, que teve de cair por inaceitavel”.

Foi agua na fervura.

De quem se esperava apoio, vinha esse contratempo !

E a these caiu tambem por unanimidade, com suspiros de alivio de muitas normalistas que ja se preparavam para inventar um meio de convencer os paes, de que ja não tinha vocação para o magisterio, e sim para dactylographas...

Não ha duvida. Isto é o seculo das machinas !

As leis biologicas da linguagem

(AURYNO MACIEL)

Depois da obra colossal de Grimm (1819/37) — que lhe deu as primeiras leis phoneticas — a Linguistica pôde ser considerada verdadeira sciencia, com o seu elenco de principios constantes, como qualquer das outras sciencias exactas.

Não obstante, ainda agora, na ultima edição do seu celebre “Essai de Sémantique” (1), Miguel Bréal nega-lhe o caracter de sciencia natural, porque, diz elle, “o objecto de que ella se occupa não existe na natureza”. Em todo caso, sciencia.

Não parece razão de sabio, todavia.

O presupposto de que, sob rigorosa technica verballistica, a sciencia da Linguagem deve pertencer ao grupo das chamadas sciencias historicas, é despido de senso philosophico.

A mesma Historia tem caracter definitivo de sciencia da natureza; os seus principios decalam-se sobre o alto e baixo relevo das pathognoses humanas.

Arsenio Darmesteter contesta-o superiormente: “Se ha uma verdade hoje charra, é que as linguas são organismos vivos, cuja vida, nem por ser de ordem puramente intellectual, não é menos real, e pode-se comparar á dos organismos vegetaes e animaes”. (2).

Max Muller corrobora Darmesteter, Whitney a Bréal.

Como quer que seja a theoria da linguagem, até que conseguiu fixar-se de todo, soffreu a influencia de varias philosophias.

Augusto Schleicher que escreveu o primeiro compendio de grammatica compa-

rada das linguas classicas, teve a inspiraçoão immediata do hegelianismo. Nas suas "Investigações de glottologia comparada" (1848) é flagrante o pensamento de Hegel : — No desenvolvimento do genero humano assignalam-se dous periodos: o pre-historico, em que o espirito parece peado, como num sonho; e o historico, em que elle desperta, para desenvolver-se livremente. Para elle as linguas são organismos naturaes, que vivem, como os outros organismos, entrando, por isso, na serie dos estudos naturalogicos, cujo processo lhes deve ser applicado.

Applicando esse principio á glottogia, diz Schleicher que as linguas se formaram na idade prehistorica, e que na idade historica se dialectizaram e se dividiram amplamente.

Schleicher, grande botanista, como o fôra a principio Darwin, veio a ser, de resto, estrenuo sectario da theoria darwiniana da evoluçáo; nos phenomenos da linguagem só via confirmações daquella doutrina, e applicava aos estudos glotticos o mesmo processo analytic das sciencias da natureza. Demais a palavra "historia", em sentido etymologico, quer dizer observação, conforme se diz em "Historia da creação" ou "Historia natural".

A "Origem das especies", apparecida em 1859, e que revolucionou todas as sciencias com os seus processos de "selecção natural" ou de "luta pela existencia", não podia deixar de influir na Linguistica — sciencia pura da idéa, fundada na nossa fatalidade, ou se quiserem — na nossa capacidade organica de falar.

E' certo que, antes de Darwin, o transformismo já era uma theoria organizada, graças ao genio de Lamark, o primeiro que tentou explicar a varia morphologia da natureza sem a intervençáo do sobrenatural.

Mas a orientaçoão que Darwin seguiu nos seus estudos e experiencias da geraçáo *ab*

ovo, creou novos aspectos á philosophia da vida.

Se a linguagem era uma acquisição evolutiva da animalidade, era logico que a victoria estaria sempre do lado do mais falador.

A conclusáo é especiosa, porque a natureza não tem por escopo a brutificaçoão; a natureza, entregue a si propria, como que só evolve qualitativamente; a quantidade, expressáo de força multiplicatriz, parece obra da intelligencia organizada; enfim, do ponto de vista de Darwin, a victoria seria de quem falasse melhor.

A Linguistica estava atrasada pelas idéas theosophicas da idade media. A sabedoria medieva considerava a fala dom de Deus.

Já os indianos, porém, tinham estudado a linguagem como funçáo organica, sujeita, por isso, ás mesmas leis de progresso e de regresso impostas á vida.

Darwin contribuiu para reporem-se os velhos processos naturalisticos dos grammaticos indianos.

Certamente não se applicam, de bloco, á linguagem todas as leis biologicas codificadas pela "Origem das especies" e seus amplificadores.

As leis de Mendel e de Galton, por exemplo, applicam-se a certos factos biogeneticos especiaes, escapos á finalidade linguistica.

Dentro da propria Grammatica, que é a systematizaçoão dos factos da linguagem, são uns os principios da Phonetica, outros os da Semantica e ainla outros os da Etymologia.

Montesquieu no *espirito das leis* dizia que ellas eram simplesmente as relações necessarias das cousas.

Miguel Bréal, tomando-a em sentido philosophico, diz que "lei é a relação constante que se deixa descobrir numa série de phenomenos" (3).

Na Linguística da hora presente essas relações, porém, já são tão profundas que só o seu caracter de constancia lhes assegura e impõe a denominação positiva de Lei, talqualmente vem consignado nos codices modernos.

Da mesma maneira não se applicam immediatamente á Physica todos os principios ou leis applicaveis á Chimica, apesar da intima connexão que existe entre essas duas sciencias da natureza.

A Linguística, estudo da formação e evolução das linguas, participa da Psychologia, através do principio fundamental da "associação das idéas", formulado desde Stuart Mill; da Physica e da Physiologia, através da Phonetica, erigida em sciencia experimental desde a obra formidavel do abade Rousselot. (4); da Sociologia, da Historia, da Geographia, da Archeologia e ainda de outras sciencias correlativas, pelas relações de parentesco entre os varios povos e as varias linguas subdivisórias, de cuja analyse se occupa; participa até da Moral, diz Leclerc du Sablon, "pelos actos que provoca". (5).

A Lei da queda dos corpos é uma, e o da queda das consoantes intervocalicas ou das vogaes atonas medias é outra, conquanto ambos os factos estejam subordinados, por presumpção, ao mesmo principio geral de Mecanica.

Todas se entreajudam, todas mutuamente se soccorrem; mas nenhuma vive da outra; todas têm vida propria, e está nessa interdependencia o seu caracter de sciencias fundadas.

Em Linguística as leis principaes e mais cedo constituídas foram do dominio da Phonetica, partindo da "Lei da rotação dos sons" formulada por Grimm em 1819 e que tomou o seu nome.

Descoberta por Erasmo Rask, sabio glottologo dinamarquês, a Lei de Grimm deu a maxima importancia ao estudo das pha-

ses historicas e do valor phonetico dos elementos das palavras, adquirindo a dialectologia valor scientifico de primeira ordem. (6).

A *Lei da rotação dos sons* é a seguinte : — Nas linguas classicas no sanscrito, no grego e no latim, as consoantes mudas, em geral, conservam o mesmo gráo que tinham no protoariano, isto é, as tenues conservam-se tenues, e as medias, medias.

As novas modalidades dessa Lei, de accordo com a evolução interna e externa das linguas, são capituladas nos tres grandes principios :

1 — *A Lei do menor esforço* : A linguagem tende constantemente a realizar o seu fim da maneira mais simples.

A essa lei, formulada por Whitney (*La vie du langage* — 1875 chama-se tambem "Lei de economia physiologica"; releva, porém, notar que, se se toma "esforço" como synonymo de "trabalho mecanico", essa lei é falsa; dahi alguns grammaticophobos futeis chamarem-lhe "lei da preguiça". Entretanto, se a "esforço" se dá a significação de "commodidade", de "adaptação organica", ella se verifica em toda a sua admiravel fatalidade.

Haverá, sem duvida, mais "trabalho" e menor "esforço" para o organismo, quando a força despendida é bem adaptada ao orgão que a produz. Physiologicamente, entra pelos olhos da cara: será preciso mais esforço para suspender 2 quilos com o dedo mindinho, do que uma arroba com a mão. Em syntaxe o "menor esforço" apparece nas diversas formas de elypse.

A "Lei de menor esforço" realiza-se através do seu principio extensivo :

2 — *A Lei de transição* : Os phonemas se alteram, em escala descendente, até

o limite máximo da sua supressão ou queda. Um som forte abrandar-se, isto é, torna-se fraco: e, fraco, ou permanece no vocabulo com pronuncia mais suave e sonora, ou cae, desaparecendo.

Esse principio corresponde ao celebre postulado naturalistico, *natura non facit saltum*, a natureza não dá salto. (7)

Na passagem do latim para o português, como do baixo-alemão para o inglês (através do anglo-saxão, sua lingua materna) as permutas literaes não se fazem violentamente e ao acaso, senão por transição natural, isto é, a consoante de um grupo ou ordem não se transforma noutra consoante de grupo ou ordem differente: as permutas realizam-se entre phonemas homorganicos.

P (explosiva surda) transforma-se em B (explosiva sonora — *Opera*—obra; *superbu* — soberbo; *super*—sobre.

C (explosiva surda) transforma-se em G (explosiva sonora): *Lacu* — lago; *ficu* — figo; *persicu* — pessego.

C (continua surda dental) transforma-se em Z (continua sonora dental): *Dece* — dez; *vicinu* — vizinho; *face-re* — fazer.

T (explosiva surda) transforma-se em D (explosiva sonora): — *Cito* — cedo; *moneta* — moeda; *vita* — vida.

F (continua surda) transforma-se na continua sonora V:

Trifoliu — *trefolu* — trevo; *aurifice*, (arch. ouriviz, ourivez) ourives; *Stephanu* — Estevão.

3 — *A Lei da persistencia da syllaba tonica*: A syllaba accentuada torna-se a syllaba sonora, na palavra. Essa lei, formulada por Arsenio Darmesteter (8) é amplissima no dominio das linguas romanicas, onde o accento tonico pode ser comparado ao fio de

Ariana no labyrintho etymologico. No accento tonico está todo o espirito do vocabulo, toda a sua força conservadora.

A syllaba tonica é o nucleo de resistencia organica da palavra.

Latim	Pariculum
Ital.	Parecchio
Espan.	Parejo
Francês	Pareil
Portug.	Parelho

Em francez é tão dominador esse principio, que muitos polysyllabos romanicos ficaram reduzidos a uma syllaba unica--a syllaba accentuada, como é o caso de *hominem* reduzido a *on*, (*se*), correspondente ao nosso *homem*. Nós temos *Vossa Mercê* = *Você* = *cê*.
4 — *A Lei da analogia*: E' a reunião, em grupos uniformes, de vocabulos de varia estrutura.

E' por analogia que *despedir*, *impedir* e *expedir*, parecendo derivados de *pedir*, fazem hoje *despeço*, *impeço* e *expeço*, quando, nada tendo com aquelle etymo, deviam fazer *despido*, *impido* e *expido*, como diziam o incomparavel Pe. Vieira e o esplendido Gregorio de Mattos.

Foi por analogia que se fez o *s* signal do plural; nem todos os nomes latinos faziam em *s* o plural do accusativo, o nosso caso etymologico; *regnum* (reino) faz o plural *regna* (reinos), differente de *servum* (servo), da mesma 2ª declinação, e que faz *servos* (os servos); o plural em *s* é a regra geral nas 5 declinações latinas, e assim se fez em todas as linguas romanicas.

Foi ainda a analogia que nos deu *a* como característica do feminino, e *o* do masculino; os nomes da 1ª declinação latina, terminados em *a*, são femininos, como *hora*, *serva*, *rosa* etc.; por isso os plurales neutros da 2ª declinação, terminados em *a*, como *verba* (pl. de *verbum*-palavra), *folia*

(pl. de *folium*-folio-folha), *moda* (pl. de *modum*-modo), *errata* (pl. de *erratum*-errado), foram tomados por nomes femininos, e assim passaram ao português.

Em Semantica, Miguel Bréal codificou as seguintes Leis :

- 1 — *Da especialização.*
- 2 — *Da irradiação.*
- 3 — *Da repartição.*
- 4 — *Da analogia.*
- 5 — *Do contagio.*

Emilio Ferrière, no seu excellento estudo sobre "Le darwinisme" — p. 121/3 faz este confronto original entre as *especies* e as *linguas* do ponto de vista da "luta pela existencia" :

a) — As especies têm suas variedades, obra do meio ou de causas physiologicas.

— As linguas têm seus dillectos, obra do meio ou de causas consuetudinarias.

b) — As especies vivas provêm geralmente das especies mortas do mesmo pais.

— As linguas vivas provêm geralmente das linguas mortas do mesmo pais.

c) — Uma especie em pais isolado passa por menos variações.

— Uma lingua em pais isolado passa por menos differencições.

d) — As especies soffrem variações pelo cruzamento com outras especies estranhas.

— As linguas soffrem alterações pelo intercambio com outras linguas estrangeiras.

e) — A superioridade physica assegura a victoria aos individuos da mesma especie.

— A superioridade literaria de uma lin-

gua assegura a hegemonia sobre outra lingua da mesma familia.

f) — Nas especies os individuos de melhor canto e de mais bella plumagem triumpham.

— Nas linguas as palavras synonymas de menos resistencia phonetica são supplantadas pelas suas concorrentes mais fortes.

g) — As especies extinctas não reapparecem mais.

— As linguas mortas não se tornam mais a falar.

Julio Ribeiro, que deu aos estudos grammaticae entre nós os primeiros surtos scientificos, trás na sua *Grammatica* (9) esses theoremas, e ainda outros igualmente interessantes, se bem que, para demonstrá-los, fôra de mistér adduzisse os factos de lingua correspondentes, como Ferrière, tambem não o fez.

João Ribeiro, porém, espirito de mais vasta e solida cultura, sabio e philosopho de primeira mão, completou o trabalho do analysta francês, consignando factos concretos, que se podem capitular legitimamente como conquista definitiva do processo darwiniano applicado aos phenomenos linguisticos :

1 — Nos individuos existem funcções que se chamam propriamente organicas, como a respiração, a circulação etc. Essas funcções são continuas : uma vez annulladas, produzem a morte.

As palavras tambem têm uma funcção organica, ininterrupta e continua: a idéa. Perdida por um momento a idéa, o vocabulo archaiza-se e morre, vg. *Menagem*, *pe-lourinho*, *polé*, *condestavel*.

2 — Nos individuos existem funcções que se chamam propriamente animaes, ou de relação, como o olfacto, a vista etc.

Essas são descontinuas e intermitentes. São dispensaveis á vida geral do organismo e, biologicamente, só apparecem mais tarde com a perfeição das especies, e, ainda assim, se originam de differenciações successivas de uma só função geral mais primitiva.

— As palavras têm verdadeiras funções de relação — como são as relações e signaes de flexão, caso, tempo, numero etc. Ellas são intermitentes e dispensaveis á vida geral da lingua, como, por exemplo, no monosyllabismo em que não existem signaes proprios para indicar esses matizes; como que na palavra reside um *sentido* commum, que exprime o genero, o numero etc., sem alterar a terminação, dependendo do sentido da phrase. Fica implicitamente provado que apparecem tarde, por isso que a flexão domina no 3.º periodo, depois da agglutinação.

3—Quando de dous orgãos, que tendem ao mesmo effeito, um se atrophia, o outro ganha actividade dupla.

— Quando, pela queda da consoante media, tivemos as formas *veer*, *leer* (antigas), a atrophia do primeiro *e* alongou naturalmente o segundo: *vêr*, *lêr*.

4—O esforço para uma função necessaria cria e desenvolve um orgão. Assim se explica a formação da cauda do peixe e o comprimento do pescoço da girafa em epochas prehistoricas.

— Ou mais syntheticamente: a função faz o orgão.

— Para suavizar a pronuncia de duas vogaes irreductiveis ou de duas consoantes heterorganicas, apparecem de permeio na palavra letras que a etymologia não accusa. Vg. : o *i* de *feio*, *feia* não existe em *fadum*, *fæda*; como havia na forma archaica *feo*, *fea* um hiato desagradavel, o *i*

que dava ao *e* o som fechado que tinha em latini, ficou na palavra como um phonema irritado, mas fatal.

Tambem não é sem razão que Jeca Tatú faz de *flor* *fulô* e de *febre* *feverão*, como de *Silveira* *Siliveira*, de *Silvestre* *Siliveste*. Ha no nosso *fl*, *br*, *lv* como um vago e ligeiro soido que, sob a intonação da vogal sequente, pulsa para outra vogal da mesma gama.

Outro facto: Como *m* e *n* davam ás vogaes som nasal, fez-se o *til* (̃) — involução graphica do *n*—pura notação nasalizadora. Vg. *Ren-rã*.

5—A acclimação de individuos só se realiza a custa de modificações mais ou menos profundas, cujo conjunto é a adaptação.

— As palavras de acclimação não litteraria deformam-se e sujeitam-se ás condições do novo meio. Assim os franceses tomaram aos ingleses “riding-coat” com a forma de *ridingote*, e os ingleses tomaram aos franceses *écuyer* com a forma vernacula de *esquire*.

Nós fizemos de *haut-bois* “oboé”, de *pa-int d'honneur* “pundunor”, de *arow root* “araruta”, de *sleeper*, “sulipa”, (9).

Ha individuos que vivem do trabalho e da vida de outros, sem os quaes perecerão.

— Ha palavras que ainda não desapareceram da lingua, porque tomam a outras elementos de vida, como é o caso de *cl*, que se pode chamar de perfeito parasito de *Rci* e *Dorado*, vg. *El-Rci* e *El-Dorado*.

Macció—15—11—27.

1)—Miguel Bréal—*Essai de Sémantique*—p. 209—6e. ed.—1924—Paris—Hachette.

(2)—Arsenio Darmesteter—*La vie des mots*—p. 3—15 e. ed.—1925—Paris—Delagrave.

- (3)—Miguel Bréal — *Ob. cit.* — p. 9.
- (4) — Rousselot — *Principes de phonétique expérimentale* — 2 v — 1924 — Paris — Didier.
- (5) — Leclerc du Sablon — *Les incertitudes de la Biologie* — p. 315 — Paris — 1920 — Flammarion.
- (6) — Giacomo de Gregorio — *Manual da sciencia da linguagem* — p. 74 — trad. de Cand. Figueiredo — 1905 — Lisboa — Tav. Cardoso.
- (7) — Arsenio Darmesteter — *Grammaire historique de la langue française* — t. I — p. 94/95 — nouv. ed. — 1925 — Paris — Delagrave.
- (8) — Julio Ribeiro — *Grammatica portuguesa* — p. 153 — 13.^a ed. — 1919 — Rio — Alves.
- (9) — Esse ultimo exemplo me foi ministrado por Paulino Santiago, grande esperantista e ainda maior artesão da nossa floresta literaria, dobrado de consciencioso e bem orientado investigador de meallhas etymologicas.
- (10) — João Ribeiro — *Estudos philologicos* — p. 181/92 — N. ed. — 1902 — Rio — Jacintho.

O Leão enfermo

O Rei dos animaes cahiu doente
 E houve no Reino tal consternação,
 Que ficou demonstrado, claramente,
 O quanto era estimado El-Rei Leão.

Da selva mais esconsa e mais escura,
 Acudiram doutores taes e tantos,
 Que só por um milagre da natura
 <Já que os bichos não tinham Deus nem Santos>
 O rei não fôra victima da cura.

Foi conferencia sobre conferencia...
 Mas o Burro, afinal, com galhardia,
 Firmado nos principios da sciencia,
 Convenceu aos collegas e á assistencia
 Que se tratava de neurasthenia.

— Para esses casos, a falar verdade,
Disse o Burro depois da discussão,
De remedios não ha necessidade,
Pois a cura de Sua Magestade
Depende de repouso e distracção.

Si se encontrasse um bôbo..."

In=continenti

Partiram numerosos emissarios
A' procura de um bicho intelligente,
Capaz de fazer rir o Regio Doente,
A troco, embora, de altos honorarios.

Debalde recorreu=se á bicharia!
O Gato, o Papagaio, o Bode, o Lobo,
Um por um recusava a alta honraria;
Desde a matta ao sertão, nenhum queria,
Fosse qual fosse a condição, ser bobo.

Foi quando um cortezão desilludido,
Notando, cada dia, o Rei mais fraco,
Appellou, num discurso commovido,
Para os bons sentimentos do Macaco.

— Qual! Impossivel! — disse o mono arteiro —
Vocês inutilmente se consomem,
Dirigindo=se a nós, bichos reveis;
Não percam tempo, vão direito ao Homem
Que é o unico animal que, por dinheiro
Póde representar certos papeis.

AD. MARROQUIM

O senso da economia

(LUIS ACCIOLY)

Parece derivar de uma redundancia de analyse a persuasão de que haja alguém ou uma expressão collectiva de sociedade organizada sem o senso objectivo do seu equilibrio, da sua razão existencial, dos valores em que se desdobram a intelligencia, a ambição e o trabalho.

Infelizmente não redonda em pessimismo a analyse que se ajusta ao povo brasileiro, justamente accusado de uma fallencia na sua mentalidade, que o colloca num grau de inferioridade dos povos descuidados do dever de accumular patrimonio da sua riqueza, como garantia da sua prosperidade e do seu bem-estar.

Não queiram tirar destas palavras a conclusão de um conceito derrotista, porventura norteados ao afundamento das melhores esperanças nos destinos nacionaes.

Longe de nós restricções ás possibilidades da gente do Brasil; a amarga desillusão característica dos decepcionados.

Não depreciamos. Entremos em detalhes. Analysamos um ponto em que, no nosso povo, se enfeixa, com todos os seus defectos, uma falha de educação, um desvio a tempo de ser corrigido com o aproveitamento das auspiciosas reservas da gente nova, principalhente da criança, que é a illusão florida de todas as esperanças da Patria.

Essa falha não constitue um phenomeno sensível unicamente aos observadores - de visão profunda. Ella revela-se nitidamente, no ponto onde se baralham falsamente as causas e os effeitos dos males ameaçadores da sociedade em geral.

Ella não faz questão de se occultar. Está

na evidencia dos nossos habitos perdulários, nos desbaratamentos das nossas economias, originando a causa do desequilibrio de todos os rythmos da nossa seguinte, de toda a eurythmia do nosso espirito de organização, opposto a tudo o phantasma da pobreza, que é o aviltamento das forças economicas e a causa de todo o anarchismo revolucionario.

E' preciso observarmos que não basta crear pelo trabalho a prosperidade do individuo e da nação; que não basta organisar os factores que fazem a riqueza, mas, essencialmente, educa-los, equilibra-los na transição de forças dynamicas que são, quando produzem as especies que se transformam em dinheiro, na estatica utilitaria que accumula as reservas e estabilisa a economia, que é a verdadeira riqueza.

Essa educação, esse equilibrio, não se verificam no brasileiro, que é dispersivo, não sabendo coordenar as parallelas do seu esforço. Falta-lhe o senso das leis que acceleram a actividade creadora, das leis que determinam os repousos fecundos, tão propicios ás victorias da intelligencia nos sabios dominios onde a moral define o trabalho nos seus beneficios e na sua utilidade.

Fóra desse conjuncto de equilibrios, o trabalho somente pode offerecer uma expressão material da lucta do homem contra a primitividade anarchica da natureza. Uma preocupação de contrabalançar a finalidade da vida com as dadas ephemeras do gozo e do prazer.

Não apreciamos aqui a riqueza no circulo odioso da volupia de accumular o ouro, mas no amplo desdobraimento dos bens que

ella produz, dividida por todos, como uma garantia da dignidade de viver, no conforto, na segurança da independencia individual.

Só a riqueza alliada ao trabalho valorisa as *cousas* na multipla divisão dos seus effeitos: a *cousa* ideal valorisada na concepção da Patria e a *cousa* material sobre a qual fazemos recahir a nossa actividade e os nossos direitos.

Quando o homem pega de uma arma para defender a ficção do seu culto á porção de territorio onde nasceu, — o que elle defende não é sómente a parcella ideal de uma herança da tradição mergulhada na consciencia da raça.

Elle defende mais alguma coisa. Defende o patrimonio da riqueza generalisada por todos os aspectos do seu egoismo. Defende o que lhe pertence e o completa, com o seu orgulho, com a noção da sua soberania, na consciencia do que, de cada um, se integra no dominio commum da Patria, da nacionalidade.

Para a formação desse patrimonio, que constitue a riqueza publica, não contribuem sómente os ricos e os poderosos; ao contrario, as suas caudaes de oiro são formadas, na maior parte, com a economia dos pequenos e dos humildes.

Na França anterior á grande guerra, o oiro que fazia transbordar as areas do seu thesouro de nação mais rica do mundo, não provinha somente dos *luizes* dos burguezes e dos argentarios, mas, sobretudo, da inundação do *sou* do operario anonymo ao *camelot* vagabundo.

E' que uma outra mentalidade, mais pratica, mais utilitaria, mais sabia prevalece na organização social de outros paizes.

Ha em cada individuo uma preocupação de independencia, sem ser o individualismo esteril, que isóla a unidade do todo, mas, ao contrario, o individualismo que personalisa o valor de cada um em provei-

to de uma collectividade laboriosa e intelligente, predominante com a idéa generalisada da formação da riqueza geral.

O Brasil, infelizmente, padece da falta dessa unidade formadora de um todo intelligentemente pratico.

O que resalta da maioria da sociedade, é o pendor para a vida sumptuaria, uma inclinação anarchica para os gastos, para uma falsa comprehensão do conforto, do bem estar com a ausencia de senso da verdadeira noção do que, na realidade, deve ser a maneira de viver com decencia e nobreza.

Não devemos, porem, levar esse defeito de educação, mal-reflexo de uma sociedade pessimamente organizada, á conta de um mal irremediavel.

Façamos reter a maré montante de todos os nossos erros, delineando um outro rumo aos destinos sociaes.

Salvemos a criança, premunindo-a do contacto com os males da actual sociedade caduca.

Sacrifiquemos a redundancia das palavras inuteis em proveito das medidas de salvagão dessa reserva sagrada, que é a população infantil das nossas escolas — sementeira que devemos valorisar com sabedoria e bondade.

Detalhamos, nos seus variados aspectos, um árido problema e, na refrega dos conceitos, surgiu a criança.

Porque ?

Incidentemente, as nossas idéas haviam de tomar esse rumo, enfeixando-se no ponto culminante pelo nosso pensamento.

Toda a iniciativa deve ser encaminhada a uma culminação.

A que ponto não se elevariam aquelles que tem o encargo do magisterio em Alagoas, encaminhando a criança, desde a escola primaria, á noção positiva da independencia pelo culto da economia ?

Não seria difficil uma tentativa nesse sentido, inculcando no animo de cada criança preocupação intelligente de accumular uma parte do que lhe cahisse nas mãos, como recompensa de um trabalho qualquer ou como uma dádiva de seus paes ou de seus mestres.

As crianças podem ser habituadas, por seus paes a pequenos trabalhos remunerados : — arrumar uma estante, arranjar escrevaninha, plantar arvores num parque, — tudo isso com a idéa practica de inculcar-lhes habitos de actividade util e de remuneração ao seu esforço.

Não só no lar, como na escola, se installariam pequenas caixas onde cada criança iria deixando, dia a dia, o nickel poupado do ganho ou lucro por pequenos trabalhos realizados.

Isso crearia no cerebro da criança uma idéa de utilitarismo pratico que a educaria no habito de não gastar inutilmente tudo que lhe cahisse nas mãos.

Talvez possa alguém suppor que, dessa educação pautada num regimen pratico, possam, resultar habitos de avareza, um desmedido criterio de lucro, um pendôr para accumulação do dinheiro com um fim grosseiramente egoista.

O exito da idéa dependerá, principal-

mente, da intelligencia daquelles que se encarregarem de encaminhar a criança, não para o declive do interesse grosseiro da avareza, mas para o rumo traçado aos nobres destinos da especie.

A idéa do bem-estar, da independencia, da segurança, da alegria de viver, inseparavel do sentimento inquebrantavel da moralidade, falarão mais alto do que qualquer preocupação inferior.

No dia em que o Brasil for uma verdadeira expressão de riqueza, com a sua ambiencia expurgada de todos os males da verminose e o seu corpo social, libertado da epidemia da pobreza, causadôra de toda a sua desorganisação, — nesse dia o *Chica* da infeliz creação do sr. Monteiro Lobato, deixará de ser o symbolo da uma nacionalidade de vencidos.

Nesse dia, o brasileiro representará a sentinella avançada de um patrimonio inestimavel — padrão reflexo da sua saúforça, da sua intelligencia, do seu trabalho seu trabalho e da sua riqueza.

Essas energias estão todas occultas nas reservas sagradas do Brasil infantil, do Brasil, na hora que passa, confiado aos esculptores do caracter, do brio, do valôr da criança de hoje e do homem de amanhã

O programma do Chiquinho

ROBERTO CORREIA

Se da grande Republica Brásileira,
Opulenta, formosa e florescente,
Chegar a ter a gloria verdadeira
De ser o Presidente ;

Se a sorte me fizer o timoneiro
Desté immenso paiz,
Serei dos homens todos o primeiro,
Talvez o mais feliz.

Tratarei deste ninho magestoso
Como desusado esmero ;
Serei um governante attencioso,
Mas rudemente austero.

Demonstrarei finissimo criterio
No programma que tenho de fazer
Hei de constituir meu ministerio
De homens de alto saber.

Para augmentar da Patria gloriosa
O prestigio, a riqueza e os esplendores,
Nunca ouvirei a voz perniciosa
Dos lisonjeadores.

Hei de bem cimentar entre os Estados
A precisa união,
Para que sempre sejam respeitados
Os sagrados direitos da Nação.

Em Estado nenhum, por honra minha,
Nem em sonho haverá oligarchia,
Posto que lhes respeite em toda a linha
A bella autonomia.

Hei de me rodear de gente honesta,
Conselheiros leaes,
Jamais me valerei da acção funesta
De empréstimos fataes.

Ás diversas nações o que devemos
Pagando irei com exemplar frequencia,
Afim de que, deveras, conquistemos
Completa independencia.

Com os que vivem de continuo á cata
De sinecuras, hei de ser feroz;
Da altiva imprensa, válida e sensata
Darei ouvido á bemfazeja voz.

Vencerei um quadriennio productivo,
Amplamente fecundo;
Farei que o meu Poder Legislativo
Seja o melhor do mundo.

Meu governo será extraordinario,
Um governo exemplar;
Manterei um Poder Judiciario
Impolluto, impecavel, singular.

É isto... Tendo um dia a governança
Desta Patria querida,
Hei de dar-lhe a perfeita semelhança
Da Terra Promettida.

Ao culto da Nação sincero e certo,
Sempre conservarei,

Sob um pallio de luz de todo aberto,
O sacrario da Lei.

Nas horas ideaes de doce calma,
Farei o que é completamente novo;
Abrirei os ouvidos de minhalma
Ás palavras do povo.

De Constituição aberta e em punho,
Conferindo-lhe um preito especial,
Ao voto imprimirei o excelso cunho
De uma realidade original.

A Lavoura será immenso esteio...
Um bem que eternamente se dilate...
Della farei um precioso veio
De ouro de alto quilate,

No Thesouro haverá toda a clareza
Que o decôro exigir;
Não se dará o caso da despesa
A receita cobrir.

Hei de tratar da Industria com excesso
De amor e vigilancia,
Para que faça um rapido progresso,
E suba á culminancia.

Afim de que tenhamos no futuro,
De moeda legal muitos milhões,
Farei commercio solido e seguro
Com todas as nações.

Tenho de promover vexame eterno
Contra o contrabandista e os seus empo-
[rios;

Não jogarei sobre o commercio interno
Impostos vexatorios.

Meu governo será todo civismo,
Fundamente viril.

Hei de acabar com o analphabetismo
Em todo o territorio do Brasil.

A força Armada que ao País sustenta
— Exercito e Marinha —

Não baixarão á posição nojenta
De envolver-se em politica mesquinha.

Por nenhum interesse e nenhum custo,
 Por motivo nenhum,
 A Bandeira da Patria e o Hymno augusto
 Terão logar commum.

Até mesmo nas mais remotas partes
 Desta terra vastissima e formosa,
 As Letras, a Sciencia, as Bellas Artes,
 Hão de ter existencia portentosa.

O bandido, o ladrão sempre execravel,
 O nocivo poltrão e o infiel,
 Morrerão sob o guante inexoravel
 De um castigo cruel.

Debaixo da fortissima inclemencia
 De apavorante fôgo,

Collocarei a hydra da indecencia
 E o demonio do jogo.

Não riam... Meu governo será isto...
 Affirmo alto e bom som...
 Será, collegas meus, um bello mixto
 De tudo quanto houver de raro e bom.

Meu governo terá ruidosa fama...
 Mas não riam vocês que não mereço.
 Para cumprir á risca este programma
 Desta exclusiva condição careço:

Fazer-me o Bom Destino, o timoneiro
 Deste nosso lindissimo País,
 Que do mundo ha de ser sempre o pri-
 meiro,
 O mais hospitaleiro e o mais feliz.

Sobre a educação Nacional

Diegues Junior

Agóra, volvamos os olhos para a instrução, que a não ser o medo de me chamarem visionario, a mim que penosos cuidados tenho dado por ella, eu diria só por si chega para resolver talvez a metade dos problemas aventados.

Convem mudar o curso do ensino; é necessario que, a par da educação intellectual, a escola ministre a educação social; a par da cultura ou ornato da intelligencia, a escola proporcione o desenvolvimento das forças e suas applicações no trabalho assim como a perfeição da moral.

Não serão as leis, como simples actos governativos, que trarão a remoção da difficuldade. Penso que neste ponto "só a conspiração geral unanime e persistente de todos os que sabem o que é a padaria... só o concurso de todas as vontades, poderão fazer guerra efficaz á ignorancia", as-

sim se exprimiu sobre o mesmo assumpto um illustre parlamentar italiano.

Reformem-se as leis vigentes, alargando o circulo da autoridade litteraria, desde o professor primario até ao ministro de estado.

Cresce rachitica e enfezada a instrucção, apezar de tanta energia; e a causa, disse-o já em outro lugar, está na limitada autoridade daquelles que na materia têm especial incumbencia, a par da variedade de incumbencias daquelles que nestas cousas têm a suprema autoridade. Recorre-se á assembléa geral para matricular um estudante, quando a congregação da academia é a mais competente para julgar se lhe assiste esse direito.

A instrucção primaria deve pertencer ao municipio, ao conselho das familias; e ainda ao municipio devem ser dadas largas

franquias sobre a instrução secundaria e superior. Uma bem organizada inspecção dos altos poderes seria bastante, para obstar todos os inconvenientes que se dão largas attribuições se poderem originar. Deste alargamento de autoridade litteraria, resultará que a instrução primaria será dada ao sabor das necessidades locais e a instrução secundaria e superior será difundida, crescendo o numero dos bacharelados em todos os ramos das sciencias humanas; e o professorado, em vez de sahir dessa phalange de ignorantes e homens sem aspiração; que as mais das vezes, com algumas honrosas excepções, occupam o magisterio, sahirá desse fóco mais amplo do saber. Para que o magisterio seja competente, todos os generos de recursos deve empenhar a autoridade; e enquanto não tomem raizes essas novas instituições, muito convem, em poucas escolas modelos, mesmo em uma em cada provincia, preparar professores que vão fundar os meliores systemas. A frente dessas escolas devem se achar homens de reconhecido talento, aptidões praticas e conscienciosas amor ao fim proposto.

Adaptem-se as escolas ás localidades. O ensino é um meio, não é um fim, por isso deve acompanhar o fim a que se propõe aquelle que o recebe. A uniformidade nos esterilisa. O ensino primario deve ser geral, mas util, pratico e não abstracto; se a escola é da cidade, o ensino seja inclinado ao commercio e ás letras; se a escola é do campo, o ensino seja inclinado á conhecimentos annexos.

Acima da escola primaria devem estar escolas profissionais praticas, propriamente para os operarios, agricolas no campo, commerciaes na cidade, e de artes em toda parte onde elles existem. Coroando o edificio da instrução nacional, devem estar as academias theoricas de direito, de medicina de mathematicas, de agricultura,

de bellas artes, bellas letras, em summa, academias scientificas, litterarias e profissionais. Para os que podem fazer as despesas de estudos, as academias proporcionam o titulo honorifico em todas as profissões a que se pode o homem dedicar. Para os que devem logo buscar o trabalho, as escolas habilitam á profissões em que acham recursos de vida. Homens assim preparados, disse-o eu uma vez, não podem deixar de ser optimos trabalhadores, e em occupação que lhes facilita a vida; constituindo suas familias, serão cuidadosos dellas e estreitarão esses laços domesticos tão relaxados entre nós. Ha nesse intuito muito a pensar sobre os ingenuos, classe excepcional e que agora se começa a formar: bem poderemos fazer della elemento propulsor de grandeza, si a escola a souber educar.

Desde que foi promulgada a lei de 28 de Setembro de 1871, dous elementos a sociedade nacional ficaram abalados: o trabalho e o pauperismo; o trabalho ameaçando decrescer pela falta de braços e o pauperismo augmentar pelo accrescimento de pessoas sem meios de occupação, sem tendencias para ella, e naturalmente infensos a qualquer trabalho semelhante ao que occupava os escravos e aviltante por isso a seus olhos.

Mas si, pela educação, vivem no trabalho, não um aviltamento, mas um titulo de nobreza, não cuidarão das cogitações que occupam os ociosos, e teremos, nessa concurrencia do trabalho livre e intelligente, uma fonte perenne de recursos e uma solida garantia de progresso.

Recife, Outubro — 1878.



Como já tive ensejo de dizer ha mais de vinte annos, a grande questão do ensino é a grande questão do tempo, que se impõe de maneira absoluta á consciencia universal.—ROCHA POMBO.

Do papel educativo da escola primaria

Dr. Carlos da Silveira

Sob o titulo acima, veio-me ás mãos um interessante folheto publicado, neste anno, pelas autoridades belgas e destinado á orientação do professorado primario da terra de Alberto I, relativamente ao papel educativo da escola primaria, "tal como o define o artigo 21 da lei organica" do ensino, (*) na Belgica.

Precedidos de uma circular datada de 15 de Junho, p. findo, do ministro Destree, circular em que se mostra a necessidade de norma que, sem ser taxativa, deva ser geralmente seguida, vêm as OBSERVAÇÕES GERAES para a execução do plano adoptado. Taes observações trasladadas aqui por serem assás elucidativas: "Plan de 43 entretiens hebdomadaires de nature á constituer l'effort éducatif prévu par l'art. 21 de la loi scolaire — Observations générales — On peut évidemment concevoir d'autres thèmes éducatifs que ceux qui suivent, mais il est recommandé de les choisir aussi simples que

(*) O art.º 21 da lei escolar diz :

"L'instituteur s'occupe avec une égale sollicitude de l'éducation et de l'instruction des enfants confiés á ses soins. Il ne néglige aucune occasion d'inculquer á ses élèves les préceptes de la morale, de leur inspirer le sentiment du devoir, l'amour de la patrie, le respect des institutions nationales, l'attachement aux libertés constitutionnelles. Il s'abstient, dans son enseignement, de toute attaque contre les personnes ou contre les convictions religieuses des familles dont les enfants lui sont confiés."

(Extr. do folheto.)

possible. L'idée qui leur sert de base doit être unique et pouvoir se formuler en un commandement bref; une fois exposée elle se retrouvera, en applications, dans presque toutes les leçons données pendant la semaine qui suivra. Voir plus loin, á titre d'exemple, les développements possibles du premier et du dernier entretien.

"Faut-il signaler que ce plan et ces développements ne sont que des indications générales ? Ce serait les comprendre mal que de s'imaginer qu'ils sont á appliquer uniformément aux divers degrés de l'enseignement primaire. Il est clair qu'ils doivent être simplifiés ou compliqués selon les divers degrés, en tenant compte de la compréhension et de l'age des enfants auxquels ils s'adressent.

"C'est ainsi que pour les deux premiers degrés (enfants de six á dix ans), on pourra se contenter des deux premiers chapitres (E'ducation individuelle et E'ducation (altruiste) et n'aborder l'E'ducation nationale que devant les enfants de dix á quatorze ans.

"Ce plan, conçu pour un enseignement donné á des garçons, sera facilement adapté á un enseignement pour filles, en modifiant ce qui doit être modifié.

"Comme matériel didactique, l'instituteur pourra fortifier ses dires par des procédés variés. Les plus simples seront des pancartes á accrocher aux murs de la classe et contenant manuscrites ou imprimées, soit énoncé de l'idée educative de la semaine, soit des pensées qui s'y rattachent. A' leur défaut, pourra tout au moins écrire ces mentions au tableau noir.

"Comme méthode, il conviendra de re-

courir á l'affirmation et á la répétion, les deux modes par excellence de la contagion mentale. Mais si, á ces méthodes qui font de l'enfant un auditeur passif, on peut joindre des exercices lui donnant un rôle actif, les résultats seront meilleurs encore. On peut, á cet égard, signaler ces groupements scolaires qui existent déjà dans certaines classes et dont chaque adhérent prend l'engagement de faire chaque jour un effort méritoire, si minime soit-il. La façon dont cet engagement a été tenu, fait l'object d'un compte rendu oral, en classe, et est exposé dans un cahier spécial, au nom de l'élève. Il en résulte une excitation d'imagination, une observation de soi-même, une noble émulation pour le bien".

Os 43 assumptos, um em cada semana, acham-se divididos do seguinte modo :

— Educação individual	14
— Educação altruista	15
— Educação nacional	14

e são assim distribuidos :

EDUCAÇÃO INDIVIDUAL

- 1 — Sejam os asseados.
- 2 — Sejam prudentes.
- 3 — Sejam sãos. (Recordação dos ns. 1 e 2) .
- 4 — Sejam temperantes.
- 5 — Sejam dignos.
- 6 — Sejam instruídos.
- 7 — Tenham ordem.
- 8 — Sejam perseverantes.
- 9 — Sejam ativos. (Recordação do n.º 5) .
- 10 — Tornemo-nos melhores. (Recordação dos ns. precedentes).
- 11 — Sejam sinceros.
- 12 — Sejam economicos.
- 13 — Sejam trabalhadores.
- 14 — Amemos o bello.

EDUCAÇÃO ALTRUISTA

- 15 — Respeitemos, por toda a parte a vida.
- 16 — Amemos as plantas.
- 17 — Protejamos os animaes.
- 18 — Respeitemos a propriedade alheia.
- 19 — Respeitemos a liberdade de outrem.
- 20 — Respeitemos a reputação dos outros.
- 21 — Respeitemos a opinião do proximo.
- 22 — Evitemos, aos nossos semelhantes, o soffrimento.
- 23 — Tenhamos palavra.
- 24 — Sejam bons para todos.
- 25 — Sejam serviciaes.
- 26 — Sejam solidarios.
- 27 — Amemos nossos paes.
- 28 — Amemos nossos amigos.
- 29 — Sejam polidos.

EDUCAÇÃO NACIONAL

- 30 — A Belgica.
- 31 — A soberania nacional.
- 32 — O poder legislativo.
- 33 — O poder executivo.
- 34 — O poder judiciario.
- 35 — A defesa nacional.
- 36 — O dever fiscal.
- 37 — A liberdade dos cultos.
- 38 — A liberdade da imprensa.
- 39 — A liberdade de associação e de reunião.
- 40 — A liberdade de ensino.
- 41 — A liberdade individual.
- 42 — A guerra de 1914—1918.
- 43 — Amemos nosso paiz.

Vejamos, agora, o desenvolvimento que se exige de cada uma das questões.

EDUCAÇÃO INDIVIDUAL

- 1 — Sejam os asseados. — A limpeza do corpo. — A pelle, sua função physiologi-

ca, poeira, irritação cutanea, banhos e banhos-duchas. — As mãos; lavemos as mãos; lavemos as mãos antes de nos assentarmos á mesa; o typho tem sido chamado a molestia das mãos sujas. — Os dentes : a limpeza evita a cárie. — A cabelleira (o cabelo) e seus parasitos: meios de evitá-los e de combatê-los. — Os olhos devem ser lavados todas as manhãs em agua limpa. — Os ouvidos: limpeza quotidiana por meio de uma toalha; perigo de se servir de objectos duros ou pontudos. — O nariz: como e porque é preciso assoar-se regularmente; obstrucção possível da trompa d'Eustachio.—A limpeza das roupas: a criança deve zelar disso, ella propria, desde cedo, afim de poupar o trabalho da mamã e de tornar-se independente. — A limpeza dos cadernos e os livros: conselhos praticos. — A agua: usêmo-la abundantemente para os cuidados de limpeza. — Os alimentos: limpeza dos recipientes; guardar os alimentos ao abrigo das poeiras e das moscas; guerra ás moscas; limpeza da mammadeira; gastro-enterite. — Limpeza da habitação, da escola: o alumno deve contribuir praticamente para isso -- Limpeza da rua e dos lugares publicos; não os sujar. Codigo penal, art. 552, § 5, art. 551, § 3. (*) — Instauração, nas escolas guardiãs e nas classes primarias do grau inferior, da visita diaria de limpeza. — Asseio dá saude !

(*) Art.º 552: "Seront aussi punis d'une amende d'un franc á dix francs :— § 5.º Ceux qui, imprudemment, auront jeté sur une personne une chose quelconque pouvant l'incommoder ou la souiller".

Art.º 551 : "Seront punis d'une amende d'un franc á dix francs: — § 3.º Ceux qui auront négligé de nettoyer les rues ou passages dans les communes ou' ce soin est mis á la charge des habitants".

(Nota do trad.)

2 — *Sejamos prudentes.* — Os perigos da rua; a) perigos phisicos: tomar cuidado com os vehiculos rapidos; meio racional de atravessar uma rua movimentada; nunca se pendurar a uma carruagem de *tramway* ou a qualquer outra; utilidade dos regulamentos de policia e necessidade de submissão aos mesmos; b) perigos moraes : jámais acompanhar uma pessoa que se não conhece. — Os perigos da casa; o gaz: verificar os registos desde que se perceba cheiro de gaz; a electricidade : em caso de curto circuito, fechar o contador; não empregar agua como meio de extincção; petroleo: nunca derramar petroleo num fogão em que possa ainda haver fogo, nem jamais despejar petroleo no reservatorio de uma lampada accesa; phosphoros não são brinquedos. Evitemos resfriar-nos após uma longa caminhada ou após um exercicio phisico. Os alumnos que cheguem á escola com os pés humidos e com as vestes molhadas devem disso avisar o professor. — Não nos banhemos na agua fria immediatamente depois de uma refeição. — Não nos aventuremos sobre o gêlo senão com a autorização de nossos paes. — Não brinquemos com instrumentos cortantes ou contundentes, nem com armas de fogo. — Não toquemos nos engenhos de guerra que descobriremos pelos campos. — Não joguemos pedras. — Durante uma tempestade, não nos abriguemos sob uma arvore. — Não subamos em arvores. — A variola e a vaccina de Jenner. — O typho e as injeções antityphicas. — O dever do escolar attingido por molestia contagiosa.

3 — *Sejamos sãos.* (Recordação dos ns. 1 e 2.) — A saude, bem precioso que se não aprecia senão quando foi perdido.

Regras summarias de hygiene. Utilidade do ar puro; abramos largamente nossas janellas. Prefiramos os jogos de pleno ar e os passeios no campo. Aprenda-

mos a bem respirar, afim de bem oxigenar nosso sangue. Não roamos as unhas, nem a ponta dos dedos; não chupemos o nosso pollegar. — Não nos deitemos muito tarde; os escolares têm necessidade de muito somno. Não usemos roupas muito apertadas. — A alimentação: os repastos devem conter todos os elementos de que o corpo tem necessidade para se desenvolver. — Não comamos gulodices, fóra das refeições; não comamos frutas verdes. — Inconvenientes do mastigar mal. — Combatamos o augmento de peso do corpo praticando a gymnastica e os desportos. Evitemos as muito grandes fadigas. Cessemos de praticar os desportos que nos valham uma curvatura anormal. Desportos a recommendar: barras; jôgo da pella, futebol, tennis; bicycleta, corrida, natação. — Perigos dos *matches*. — Evitemos os excessos nos desportos. — Condemnação do suicidio.

4 — *Sejamos temperantes*. — E' preciso comer para viver e não viver para comer. A gulodice, a glutoneria: os effectos sobre o estomago. — A embriaguez.

O alcoolismo. — O que elle é. — Effectos sobre o coração, sobre o estomago, o fígado, os rins. Perda de saúde. O organismo enfraquecido do alcoolico é uma prêsa facil para as molestias. Effectos sobre a intelligencia e a vontade: o alcoolico perde a fiscalização de seus actos e torna-se, facilmente, criminoso; estatísticas. — O alcoolico perde o gosto do trabalho e causa a ruina e a desgraça de sua roda. — O bêbado é punido na sua descendencia; filhos rachiticos e epilepticos. Estatísticas e estudos sobre a descendencia de alcoolicos. As sociedades de temperança. — Não bebas alcohol.

A lei sobre a embriaguez publica. — A legislação belga sobre a venda do alcohol: effectos salutaes; diminuição dos casos de *delirium tremens*, das rixas e algazarras.

5 — *Sejamos dignos*. — Ha uma limpeza moral como ha uma limpeza corporal. — "Se tudo em torno de ti anda ao léo, tu, pelo menos, não andes á tôa". — Nós todos temos uma faculdade interior que approva ou censura; escutemos nossa consciencia. — A approvação de nossa consciencia é um bem precioso que ninguem nos póde arrebatat. — Não nos deixemos abaixar; sobretudo não nos abaixemos nós proprios aos olhos de nossa consciencia. — Guardemos nossa dignidade. — Cumpramos conscienciosamente nosso dever de trabalhadores. Sejamos irreprochaveis sob o ponto de vista da limpeza e do decóro. Sejamos dignos nas nossas expressões, nas nossas conversações, nos nossos divertimentos, na escolha das nossas leituras, nas nossas frequentações. Evitemos a cólera e os arrebatamentos. Supportemos estoicamente os revezes que nos cheguem, mas esforceemo-nos por descobrir-lhes as causas afim de combatê-los energeticamente. — A grande dignidade do trabalho: todo trabalhador honesto, tanto o trabalhador manual como o trabalhador intellectual, merece respeito. — Não vivamos á custa de outrem. — Nunca mendiguemos, como um favor ou como uma graça, o que nos é legitimamente devido.

6 — *Sejamos instruidos*. — Necessidade do saber. — Conhecimentos necessarios e conhecimentos uteis: regras da moral; conhecimentos elementares: ler, escrever, calcular; conhecimentos profissionaes: estudos e artes de recreação. — Qualidades necessarias ao homem que se instrue: attenção, observação, reflexão, methodo, estudo. — Reflectir, compreender, aprender, reter, eis todo o saber. — O estudo após a escola primaria e fóra della: escola de adultos, escola profissiona, escola industrial, conferencias e circulos de estudos. A leitura: os jornaes, as revistas, os livros scientificos e technicos e os livros

de recreação: a frequencia ás bibliothecas publicas; a escolha dos livros: todo livro que nos faz desgostar da sociedade, que nos deixa desencorajados, sem força para a acção e sem ardor pela honestidade, é para ser rejeitado. — “Bom livro é aquelle que eleva o espirito” e que “inspira sentimentos nobres e corajosos”. (La Bruyère) — Excursões e viagens instructivas. A instrucção força a estima e conduz á vida livre e independente.

7 — *Tenhamos ordem.* — Ordem material: um lugar para cada coisa e cada coisa em seu lugar; esta ordem allivia a memoria, poupa tempo e conserva as coisas. — Ordem physica: um tempo para cada coisa e cada coisa ao seu tempo: refeição, somno, banho, trabalho, recreação; esta ordem favorece a saúde. — Ordem intellectual: classificação das noções aprendidas na escola ou nos livros: como se organizam as fichas; como é preciso estudar; esta ordem ajuda a memoria e facilita a reminiscencia. — Ordem na distribuição do trabalho: esta ordem economiza o tempo e augmenta o rendimento; algumas palavras sobre a divisão do trabalho e o taylorismo. — Ordem nos negocios: esta ordem permite-nos vêr claro nas nossas em-presas e dirigí-las na via do successo. — Ordem nas contas: esta ordem nos ensina a regular as nossas despesas pelas nossas rendas e ditribuí-la razoavelmente sêgundo as regras de sabia economia.

8 — *Sejamos perseverantes.* — E' preciso saber querer durante um longo espaço de tempo. — A agua, pelo seu esforço repetido, gasta as mais duras rochas; cada esforço para combater um defeito dá melhor resultado. Cada falta enfraquece a vontade. A' entrada das classes, os alumnos tomam boas resoluções: é preciso saber guardá-las. — A vontade é a faculdade mestra do homem. — Desde cedo, devemos desenvolvê-la e fortificá-la,

impondo-nos a observancia estricta dos regulamentos escolares, com o desempenhar pontualmente todos os nossos deveres; com o tomar certas resoluções louvaveis, ao nosso alcance, obrigando-nos a nos conformar estricatamente com ellas. — O capricho e a teimosia. — Não confundamos teimosia com perseverança. Se nós nos apercebemos de algum erro, devemos ter a coragem de reconhecê-lo e não encasquetarmos em continuar no falso caminho.

9 — *Sejamos ativos.* (Recordação do n.º 5) — Conhece-te a ti mesmo. — Tenhamos consciencia de nosso valor pessoal e saibamos tomar o tom que é preciso. — A modestia: o homem modesto não exaggera seu valor; elle sabe que tem qualidades, mas defeitos tambem. — A humildade convem diante do infinito da sciencia e da grandeza da natureza. — O orgulho e a vaidade. O vaidoso procura as honras e os louvores, mesmo se não os merece; elle despreza seus inferiores ou seus iguaes e raramente respeita os superiores. — Não desdenhemos as pessoas pobres ou pouco instruidas. — Evitemos a vulgaridade. — Devemos fazer-nos respeitar; para isto, porém, devemos mostrar-nos respeitaveis pela dignidade de nossa conducta, pela distincção de nossa linguagem e de nossas maneiras.

10 — *Tornemo-nos melhores.* (Recordação dos ns. precedentes) — Nós temos bons e maus habitos: fortifiquemos uns, destruamos os outros. Como adquirir e fortificar um bom habito? Como desfazer-se de um habito mau? Sigamos os conselhos dos paes e dos mestres. Recordação dos bons habitos: exactidão, ordem, perseverança, attenção, reflexão, estudo, asseio, temperança. — Imponhamo-nos uma regra de conducta e esforcemo-nos em sêguí-la pontualmente. — Tornemo-nos melhores: quem quer, póde; a vontade consolidada pelo exercicio quotidiano ajudar.

nos-á nisso. — Pratiquemos o bem todos os dias; e todas as tardes façamos o exame da consciencia para o effeito de conhecer nossas faltas ao dever, nossas boas acções do dia, e tambem aquellas que teriamos podido e devido praticar.

11 — *Sejamos sinceros.* — Toda a vida social torna-se penosa se as relações entre os homens não são fundadas na sinceridade. Todo o homem tem direito á verdade: enganá-lo, é privá-lo dum bem ao qual elle tem direito, é roubá-lo. — Tenhamos a coragem de nossa opinião: ninguém occulta sua opinião senão porque tem vergonha della. — Nunca dizer na ausencia de alguém uma coisa que se não poderia dizer nos mesmos termos em sua presença. — Mostremo-nos taes como somos: não procuremos sobretudo mostrar-nos mais maus do que na realidade somos. — Temos nossas faltas: falta confessada é falta meio perdoada. E' nobre reconhecer lealmente suas semrazões ou seus erros. — Não sejamos adulaadores: a adulação é uma mentira que encoraja ao mal impedindo aquelles a quem ella se dirige de fazer um esforço para se aperfeiçoarem. — A confiança mutua é o resultado da sinceridade das relações entre os homens. — Não sejamos bazofios e não exaggeremos coisa alguma: o habito de falar a torto e a direito leva a dizer inexactidões a principio, depois a mentiras. — Ha diferentes especies de mentiras: alegres, officiosas, perniciosas, e diferentes maneiras de mentir: falando, callando e agindo. — A hypocrisia é a mentira dos que querem fazer-se passar pelo que não são. — Juramento falso. Falso testemunho. C. P. 215 e s. s. Velhacadas, C. P. 496. (*)

(*) Artigo 215 e 226. Cap. V — (Du faux témoignage et du faux serment.) O

12 — *Sejamos economicos.* — O unico meio de enriquecer é gastar menos do que aquillo que se ganha. — Toda riqueza tem um destino normal do qual não se póde distraí-la: o desperdicio de papel, de objectos usuaves na escola, a ausencia de cuidado das vestes constituem faltas contra esta lei; o desperdicio de alimentos é particularmente odioso. — Não compremos senão o necessario e o util: é um erro fazer gastos inuteis, mesmo quando se tem fortuna. — Economizemos o tempo: é tambem uma riqueza de que nós não somos senhores. — Ordenemos nossa actividade; consagremos os lazeres a leituras e a recreações interessantes. Estabeleçamos o orçamento de nossos recursos e de nossas despesas; equilibremo-lo eliminando as despesas inuteis ou não strictamente indispensaveis. Evitemos contrair divi-

Codigo de Nypels-Servais, donde tirei estas referencias, acrescenta: (*Ces infractions sont des faux par paroles*).

(Section III. — De l'escroquerie et de la tromperie. Article 496: Quiconque, dans le but de s'approprier une chose appartenant á autrui, se sera fait remettre ou délivrer des fonds meubles, obligations, quittances, décharges, soit en faisant usage de faux noms ou de fausses qualités, soit en employant des manoeuvres frauduleuses pour persuader l'existence de fausses entreprises, d'un pouvoir ou d'un crédit imaginaire, pour faire naître l'esperance ou la crainte d'un succès, d'un accident ou de tout autre événement chimérique, ou pour abuser autrement de la confiance ou de la crédulité, sera puni d'un emprisonnement d'un mois á cinq ans et d'une amende de vingt-six francs á trois mille francs. Le coupable pourra, de plus, être condamné á l'interdiction, conformément á l'article 33. (Nota do trad.)

das levianamente; não tomemos dinheiro emprestado senão quando tivermos a certeza de poder pagá-lo na época fixada. — Vantagens da economia: vintem poupado, vintem ganho. Os pequenos regatos fazem os grandes rios. — Exemplos de grandes fortunas construídas por pequenas economias. — A Caixa Economica; funcionamento; a Caixa de Pensões (previdencia). Como empregar os fundos poupados. — A avareza. — A prodigalidade.

13 — *Sejam os trabalhadores.* — O trabalho é a lei de todo homem. — Das pessoas válidas disse um moralista: "Aquelle que não trabalha não tem o direito de comer". — O homem que, podendo trabalhar, não trabalha ou despense uma actividade inutil (nada fazer e fazer nada) é culpavel, porque vive á custa da collectividade. — Fim do trabalho: desenvolver os agrupamentos humanos, assegurar a subsistencia do trabalhador e de sua familia; servir á humanidade. — Um homem não tem valor senão na medida em que seu trabalho é aproveitavel á collectividade. — Todo trabalho, manual ou intellectual, é honroso: "não ha misteres ridiculos, sim, porém, pessoas ridiculas". Todo homem tem aptidões especiaes para determinados trabalhos: utilidade da orientação profissional. — A preguiça é a mãe de todos os vicios; seus perigos phisicos, intellectuaes, moraes. — A consciencia profissional; fazer bem aquillo que se faz. — O trabalho é uma consolação e um confôrto no meio dos pezares inevitaveis da existencia. — O excesso de um trabalho monotono é pernicioso. — Utilidade em variar as occupações.

14 — *Amemos o bello.* — O gosto do bello existe em todo o homem, mas deve ser cultivado: a arte entre os selvagens, as crianças, a gente do campo, e entre os adultos não cultivados. — A decoraçáo da classe, da escola, da casa, da rua. — O bom

gosto nas roupas, nos enfeites. — A belleza nas linhas, nas côres, nas formas, nos sons; ordem, harmonia, simplicidade. — Como se forma o gosto do bello: pela contemplação das coisas bellas: a natureza (paisagens, phenomenos), a arte (desenhos quadros, esculpturas, monumentos, cantos). — Visitas de museus, de monumentos, de bellos sitios. — As boas leituras, as bellas representações cinematographicas e theatraes. — A musica: a canção popular, as sociedades coraes, as sociedades de musica intrumental; os concertos, as audições. — O bello na ordem moral: as bellas accções.

II

EDUCAÇÃO ALTRUISTA

15 — *Respeitemos por toda parte, a vida.* — O direito de viver é o primeiro dos direitos de todo homem e a condiçáo do exercicio de todos os outros direitos. O homicidio é pois um crime. C. P. 392 (*) etc. Homicidio voluntario e involuntario, homicidio simples e qualificado ou aggravado, infanticidio, envenenamento. C.

(*) Art. 392 :—"Sont qualifiés volontaires l'homicide commis et les lésions causées avec le dessein d'attenter á la personne d'un individu déterminé, ou de celui qui sera trouvé ou rencontré, quand même ce dessin serait dépendant de quelque circonstance ou de quelque condition, et lors même que l'auteur se serait trompé dans la personne de celui qui a été victime de l'attentat."

Art. 393 — "L'homicide commis avec intention de donner la mort est qualifié meurtre. Il sera puni des travaux forcés á perpétuité, etc".

Art. 394 — "Le meurtre commis avec préméditation est qualifié assassinat. Il sera puni de mort."

P. 545 (**) e ss. O duello é immoral, antisocial e desarrazoado; a lei o proíbe: C. P. 423 (*) e s. s. — Excepções ao dever de respeitar a vida; legitima defesa, pena de morte, direito de guerra. — A guerra offensiva é um crime, a guerra defensiva uma necessidade; deveres do soldado. — As leis da guerra entre nações civilizadas: respeito aos feridos, dever de curá-los; a Cruz Vermelha; respeito aos prisioneiros, à população civil; proibição de bombardear as cidades abertas não ocupadas por exercitos inimigos. — A brutalidade: evitemos os jogos que desenvolvem este instinto selvagem e evitemos as disputas que originam rixas.

Reprimamos o espirito de destruição: respeito á vida vegetal e á vida animal.

16 — *Amemos as plantas.* — As plantas são seres vivos que servem para nossa utilidade e para nosso prazer. Observamos nellas as manifestações da vida: aprenderemos a apreciar os gozos puros. As plantas são o ornamento da natureza; quanto mais as conhecemos, mais as amamos. A belleza e a variedade das flores; offere-

(**) Art. 454 — “Celui qui aura mêlé ou fait mêler, soit á des comestibles ou des boissons, soit á des substances ou denrées alimentaires quelconques, destinés á être vendus ou débités, des matiéres qui sont de nature á donner la mort ou á altérer gravement la santé, sera puni d’un emprisonnement de six mois á cinq ans et d’une amende de deux cents francs á deux mille francs.” e ss. 455, 456 e 457. (Nota do trad.)

(*) Art. 423 : — “La provocation en duel sera punie d’un emprisonnement de quinze jours á trois mois et d’une amende de cent francs á cinq cents francs”. e s. s. 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432, e 433. (Nota do trad.)

cem-se flores áquelles a quem se quer honrar.—O perigo das flores odorantes nos commodos fechados. — Papel hygienico e economico das florestas; protejamos as arvores contra o machado. “Não cortes uma arvore, senão após teres plantado dez”. — Os perigos do desflorestamento. — A floresta fonte de belleza. — Os jardins publicos são os pulmões das cidades. — Respeito pelas plantações publicas. — Façamos com que nossos camaradas as respeitem. — Administração de mattas e jardins.

17 — *Protejamos os animaes.* — O homem serve-se dos animaes para uso, alimentação e instrução; deve, porém, respeitá-los porque são sensiveis. Não é permitido fazê-los soffrer inutilmente. — Os animaes domesticos. — Os passaros insectivoros. Toda crueldade com os animaes é interdita.

“Grosseiro para os animaes, grosseiro para as pessoas”. — Praticas culpaveis: a cegueira aos tentilhões; o tiro aos pombos; preconceitos contra as corujas, os morcegos, et cetera. — Como matar, sem crueldade, os animaes nocivos e os que servem para alimentação? Como tratar os animaes domesticos que auxiliam o homem no trabalho? Não abusar do chicote, não dar puxões inuteis na bocca dos cavallos, etc. A Cruz Azul. A protecção aos passaros. C. P. 538, 561, § 5. — (Circular ministerial de 8 de Dezembro de 1919). (*)

(*) Art. 538 : — “Quiconque aura empoisonné des chevaux ou autres bêtes de voiture ou de charge, des bestiaux á cornes, des moutons, chèvres ou pores sera puni d’un emprisonnement de trois mois á deux ans et d’une amende de vingt-six francs á trois cents francs”.

Art. 561 : — “Seront punis d’une amende de dix francs á vingt francs et

18 — *Respeitemos a propriedade alheia.* — Ao dever de trabalhar corresponde para cada um o direito de dispor do fruto do seu trabalho. O direito de propriedade se estende a todos os bens adquiridos legitimamente, por trabalho, herança, dádiva, compra, troca. — A honestidade proíbe o roubo, a velhacada, o contrabando. — Não é permitido a pessoa alguma apropriar-se dos objectos achados. — Ha diferentes maneiras de furtar : subtraindo; retendo indevidamente o bem alheio; enganando no commercio sobre a quantidade e a qualidade das mercadorias; não fornecendo o trabalho devido, etc. — Dever estrieto de restituição total e de reparação do damno causado a outrem pela privação dum bem que lhe pertence. — Ha pessoas que pretendem que roubar o Estado não é roubar; ha nisto um grave erro. — Evitemos e impugamos se preciso fôr que os outros deteriorem os bens da collectividade: material ferroviario, monumentos publicos, collecções publicas, etc. C. P. artigo 507 e seguintes (**); 526 e ss. (***) .

d'un emprisonnement d'un jour á cinq jours, ou d'une de ces peines seulement: § 5.º. Ceux qui se seront rendus coupables d'actes de cruauté ou de mauvais traitements excessifs envers les animaux”.

(**) Art. 507 — “Seront punis d'un emprisonnement de huit jours á deux ans et d'une amende de vingt-six francs á cinq cents francs, le saisi et tous ceux qui auront frauduleusement détruit ou détourné, dans son intérêt, des objects saisis sur lui. (art. 525 e ss.)

(***) Art. 526 — “Sera puni d'un emprisonnement de huit jours a un an et d'une amende de vingt-six francs á cinq cents francs: quiconque aura détruit, abattu, mutilé ou dégradé :

19 — *Respeitemos a liberdade de outrem.* — A libertação do homem através da Historia: a escravidão, a servidão. — A liberdade é um factor de progresso. — O commercio de escravos, os negreiros. “*A cabana do Pae Thomaz*” — O papel dos Belgas no Congo: a participação que tiveram na campanha anti-escravagista; a emancipação progressiva dos negros. — A liberdade physica e moral é um direito de todos. — Limite deste direito: a liberdade igual de nossos semelhantes (*) ; a sociedade tem o direito de privar de sua liberdade aquelle que della usa mal e constitue um perigo para a collectividade. — Immoralidade dos abusos do poder: abuso de autoridade, abuso de influencia para constranger os outros a agirem contra suas opiniões ou seus interesses.

20 — *Respeitemos a reputação dos outros.* — A honra é mais preciosa do que a vida; muitas vezes é o unico bem que se possui; atacar maliciosamente qualquer pessoa na sua honra é pois um crime. — Eis a razão por que a maledicencia, a calúnnia, a diffamação e a injuria são interditas. — De ordinario prejudica-se a

Des tombeaux, signes commémoratifs ou pierres sépulcrales ;

Des monuments, statues ou autres objets destinés á l'utilité ou á la décoration publique et élevés par l'autorité competente ou avec son autorisation ;

Des monuments, statues, tableaux ou objects d'art quelconques, placés dans les églises, temples ou autres édifices publics. (art. 550 e ss.) Nota do trad.)

(*) Every man is free to do that which he wills, provided he infringes not the equal freedom of any other men. (*Spencer, Justice.*)

Nota do trad.)

reputação do proximo por inveja ou por interesse mesquinho. — Dever de reparação do mal causado maliciosamente á reputação de outrem: difficuldade desta reparação. — Dever de denunciar o mal a quem puder impedi-lo. — A delação é inspirada por motivos de inveja ou de vingança; sua fealdade. — Applicações á vida quotidiana da classe. — As cartas anonymas: covardia dos que as escrevem. — O calumniador póde ser perseguido. C. P. 443 (**) e ss. — As insinuações malevolas são tão culpaveis como a calúnia e menos francas do que ella.

21 — *Respeitemos a opinião do próximo.* — Todo homem tem o dever de procurar a verdade e combater o erro; a verdade, porém, é complexa; della não se vê senão um aspecto; jamais devemos acreditar que quem não segue o nosso conselho é imbecil ou canalha. — Nunca prejudicar os outros por odio ás opiniões que professem. — E' respeitavel todo parecer sincero que não seja contrario á moral ou á ordem social. — Só pelos meios legaes é que podemos combater o que tomamos como erro: toda violencia é culpa. — A sorte dos rotineiros. — A escola acolhe todas as crianças: ricas ou pobres, belgas ou estrangeiras; ella não se preocupa com as opiniões dos paes: ella antes de tudo é tolerante.

22 — *Evitemos, aos nossos semelhantes,*

(**) Art. 433 — “Celui qui, dans les cas ci-après indiqués, a méchamment imputé á une personne un fait précis qui est de nature á porter atteinte á l'honneur de cette personne, ou á l'exposer au mépris public, et dont la preuve légale n'est pas rapportée, est coupable de calomnie lorsque la loi admet la preuve du fait imputé, et de diffamation lorsque la loi n'admet pas cette preuve”. e ss. (até 452).

(Nota do trad).

tes, o soffrimento.—O soffrimento de outrem deve nos inspirar a piedade: todo o ser que soffre, seja ou não por falta sua, tem direito ao auxilio que lhe pudermos prestar. — Os velhos, os enfermos, os mutilados, todos os que são mais fracos do que nós, têm direito ao nosso concurso caritativo. — Fazer gala de nossa fortuna, de nossa saude, de nosso successo diante dos pobres, dos doentes, dos infelizes, pode magoá-los a todos: nosso dever é não agir de tal maneira. — A critica malevolente da obra alheia tambem pode provocar soffrimentos: nunca esqueçamos que se a critica é facil, a arte é difficil. Se não podemos louvar um individuo pelo seu trabalho, louvemo-lo ao menos por seu esforço e, se o criticarmos, que seja não para humilhá-lo e sim para auxilia-lo a aperfeiçoar-se. “Não faças a outrem o que não queres que os outros te façam”. — As obras de misericordia.

23 — *Tenhamos palavra.* — As boas resoluções são facis de tomar, mas difficis de cumprir. — Ninguem é obrigado a tomar um compromisso; desde, porém, que o tomou, está obrigado a cumpri-lo e aquelle, em favor de quem for declarado o ajuste, tem o direito de exigir-lhe o cumprimento. Sómente a promessa que levasse ao mal não poderia ser exigida. — Necessidade de reflectir maduramente antes de fazer uma promessa: noivado, contracto, arrendamento; mercadorias negociadas por amostra. — Ha compromissos tacitos: elles são tão sagrados como os formaes. As obrigações arrancadas á fraqueza, ao mêdo, a um homem que não está no uso da razão (bêbedo) são sem valor. — O homem de bem tem só uma palavra.

24 — *Sejamos bons para todos.* — Difficuldade em assentar a responsabilidade das acções de outrem; é a intenção que

estabelece a responsabilidade. Sejamos, pois, extremamente reservados nos nossos juízos sobre os outros. Quem julga, julga-se. — Não attribuamos, a pessoa alguma, moveis que não sejam os nossos. — Sejamos benevolentes de prevenção. — Sejamos prudentes, mas não desconfiados em excesso. — O perdão das offensas; o valor do arrependimento; o esquecimento não se confunde com o perdão. — A beneficencia. — As causas da pobreza. — As obras philantropicas: para as crianças, para os velhos, para os enfermos, para os tuberculosos, para os invalidos. O devotamento dos que sacrificam a vida para alliviar e instruir os anormaes (cegos, surdos-mudos, etc., etc.)

25 — *Sejamos serviçaes* — A vida em sociedade requer a reciprocidade dos bons procedimentos: a gente precisa saber se constranger, e sem que o pareça, para obrigar os demais: “Fazei a outrem o que quereis que os outros vos façam”. — Diversas occasiões de nos mostrarmos serviçaes: entre camaradas (emprestar livros, etc., prevenir perigos, auxiliar nos trabalhos). No bonde e no trem (ceder o lugar aos doentes, ás mulheres, aos velhos, ajudá-los eventualmente a subir ou a descer). Na rua (ajudar a carregar um peso, dar uma informação, auxiliar um enfermo a atravessar a rua). Em casa (ajudar a mamãe no seu serviço, assistir aos irmãos e irmãs, etc.) Não fazer prevalecer sempre a propria vontade: sujeitar-se de bom grado ás decisões dos camaradas, em uma palavra, cuidar sempre de contentar o proximo. — O egoista, que não pensa senão em si mesmo, é justamente desprezado e não tem o direito de se queixar quando os mais o abandonam. “Quem não pensa senão em si quando a fortuna é boa, na desgraça não tem amigos”.

26 — *Sejamos solidarios*. — Todos os homens são dependentes uns dos outros. — A sociedade lucra com o trabalho e o aperfeiçoamento de cada um e perde com as fraquezas individuaes de seus membros. — Nossa divisa nacional: “A União faz a força”. — Não somos donos de nós mesmos: a sociedade tem, sobre nós, direitos que devemos respeitar. — Nossa responsabilidade individual está empenhada nos trabalhos collectivos nos quaes tomamos parte: em classe, na vida. — Necessidade da divisão do trabalho e da disciplina para uma acção commum. — A solidariedade, factor de progresso e de liberdade: “Auxiliemo-nos de parte a parte”: é um dever, não um simples conselho. — Toma o teu quinhão nas alegrias e nas dôres alheias, não te afflijas com as primeiras, não te rejubiles com as segundas, a inveja é um sentimento anti-social que faz tanto mal ao que o experimenta como aos que são objecto d'elle. — Nossos deveres com relação aos mortos: respeito á memoria delles; não se discutem os mortos, porque elles se não podem defender. — Tirar o chapéo á passagem dos cortejos funebres; conservação e respeito das sepulturas. O culto dos mortos da grande guerra. (Circular ministerial de 30 de Agosto de 1920.)

27 — *Amemos nossos paes*. — A familia, unidade social. — A honra do nome. As faltas individuaes dum membro da familia reflectem-se na familia inteira. — Dever dos filhos para com os paes: amor e reconhecimento, respeito, obediencia, assistencia. — O devotamento dos paes, o amor materno. — Deveres com os avós. — A divida de reconhecimento dos filhos. — Os filhos ingratos. A lei protege os paes contra a ingratição dos filhos; ella obriga os filhos que attingiram a maioridade a manterem seus paes

tornados invalidos. C. C. 205 e ss. (*)

28 — *Amemos nossos amigos.* — Os verdadeiros amigos são raros. A verdadeira amizade não une senão aquelles que trabalham em se aperfeiçoar. Os que se unem para praticar o mal não são amigos, são cúmplices. Um verdadeiro amigo é um aliado para o bem, um confidente, um outro eu para quem nenhum segredo se terá; uma amigo verdadeiro é devotado a seu amigo e fica-lhe fiel. — A verdadeira amizade suppõe entre dois homens as mesmas tendencias, as mesmas aspirações, os mesmos sentimentos. — Muitos dizem-se amigos nossos quando

(*) Art. 205 — (L. 20 Novembro 1896, art. 2) § 1.º Les enfants doivent des aliments á leurs père et mère et autres ascendants qui sont dans le besoin.

§ 2.º La succession de l'époux même séparé de corps, prédécédé sans laisser d'enfant issu de son mariage avec le survivant, doit des aliments á ce dernier, s'il est dans le besoin au moment du décès.

§ 3.º La pension alimentaire est une charge de la succession. Elle est supportée par tous les héritiers et, au besoin, par les légataires particuliers, proportionnellement á leur émolument. Toutefois, si le défunt a déclaré que certains legs doivent être acquittés de préférence aux autres, ces legs ne contribuent á la pension que pour autant que le revenu des autres n'y suffise point.

§ 4.º Si les aliments ne sont pas prélevés en capital sur la succession, des sûretés suffisantes seront données au bénéficiaire pour assurer le payement de la pension.

§ 5.º Le délai pour réclamer la pension alimentaire est d'un an á partir du décès.

(Nota do trad.)

seu interesse acha proveito nisso e traem-nos quando esse interesse os leva a tal. — E' preciso ser prudente na escolha dos amigos: Nada mais commum que o nome, nada mais raro do que a coisa". Perigo das más companhias; deixa-se a pessoa arrastar a acções que mais tarde lastima.

29 — *Sejamos polidos.* — O que é a polidez na escola, na rua, no bonde, no trem, na casa, — A polidez á mesa, na correspondencia, com os paes, os amigos, os mestres, os estrangeiros. A criança polida, em visita. A verdadeira polidez vem do coração. Respeito ás mulheres, aos velhos. — A polidez não autoriza a hypocrisia: nunca é permittido mal agir sob o pretexto de não ser impolido. — E' a polidez que torna agradaveis as relações sociaes. — Para ser polido, torna-se preciso saber se constranger: a polidez é uma forma da obsequiosidade. — Saber agradecer.

III

EDUCAÇÃO NACIONAL

30 — *A Belgica.* — Differentes formas de governo. — Exemplos concretos tirados da historia e da geographia. Governo da Belgica: monarchia constitucional, representativa, sob um chefe hereditario. — A Casa real da Belgica. Algumas palavras sobre as origens da Constituição belga e sobre a representação nacional. Necessidade duma Constituição; comparação com o regulamento escolar, com os estatutos de sociedades privadas. — A Constituição e as leis podem ser revistas; a revisão da Constituição é cercada de formalidades especiaes que lhe garantem a estabilidade; desde 1830, a Constituição foi revista duas vezes. — A descentralização, sua utilidade. — O Estado, seu papel. — A provincia; seu papel fixado pela lei provincial; comparação com o papel do Estado; o conselho provincial, a deputação

permanente, o governador. — A communa; seu papel fixado pela lei communal; o conselho communal, o collegio dos burgomestres e almotaceis. — O districto, o cantão.

31 — *A soberania nacional.* — O que é a soberania. Como se exerce ella? — O papel do cidadão, membro do corpo social. — O paiz é governado por si mesmo. — A responsabilidade do cidadão: a sabedoria, a prosperidade e a potencia da nação dependem da qualidade do cidadão, porque elle elege, isto é, escolhe seus representantes, os quaes contribuem para a feitura das leis. Todo cidadão deve interessar-se pela causa publica: é um dever primordial. Sendo a eleição uma escolha, o cidadão deve conhecer o valor dos candidatos que lhe solicitam os suffragios. — O suffragio universal aos 21 annos. Como se faz uma eleição. A representação proporcional. A liberdade eleitoral. C. P. 196, (*) e ss. — O poder legislativo; o poder executivo; o governo, o Rei, os ministros; o poder judiciario. — Interdependencia destes tres poderes, que todos tres emanam da Nação; como?

32 — *O poder legislativo.* — O poder

(*) Art. 196. — "Seront punis de reclusion les autres personnes qui auront commis un faux en écritures authentiques et publiques, et toutes personnes qui auront commis un faux en écritures de commerce, de banque ou en écritures privées.

Soit par fausses signatures.

Soit par contrefaçon ou altération d'écritures ou de signatures.

Soit par fabrication de conventions, dispositions, obligations ou décharges, ou par leur insertion après coup dans les actes.

Soit par addition ou altération de clauses, de déclarations ou de faits que ces actes avaient pour object de recevoir ou de constater". e ss. 197, 198, 199.

(Nota do trad).

legislativo faz as leis. — Elle é constituído pela Camara dos representantes, o Senado e o Rei. Importancia de sua missão; é o poder preponderante. Elle inspeciona a gestão do poder executivo; os membros da Camara e do Senado têm o direito de interpellar os ministros sobre os actos de sua gestão e de exprimir-lhes ou retirar-lhes a confiança dessas assembléas, por um voto favoravel ou um voto desfavoravel. — Importancia da bôa escolha dos eleitos. Um paiz não é governado convenientemente senão em uma atmospherá calma e na ordem. Como se faz uma lei: projectos e proposições de lei; a iniciativa parlamentar, tomada, em consideração, das proposições de lei; secções, secção central e commissão; os relatores e seus relatorios; a discussão publica; a mesa da assembléa; os discursos, as emendas, os votos; o serviço tachygraphico; os *Annaes parlamentares*, o *Relatorio analytico*. A sancção e a promulgação pelo Rei; a publicação no *Monitor*. Ninguém pôde allegar ignorancia da lei.

33 — *O poder executivo.* — Atribuções do poder executivo; elle executa as leis e as sentenças judicarias. Este poder cabe ao Rei e aos ministros. O Rei nomeia e demitte os ministros. — Nenhum acto real tem valor se não é referendado por um ministro que toma a responsabilidade de dito acto; diz-se que o Rei reina mas não governa. — A pessoa do Rei é inviolavel; o porque desta disposição. Respeito devido ao Rei. A lei pune aquelle que falta ao respeito ao Rei ou á Familia real. As autoridades publicas representam a lei: Nós devemos respeitá-las e auxiliá-las. C. P. 101 e ss; 269 e ss; 275 e ss. (*) — O Rei tem o direito de

(*) Art. 101 — L'attentat contre la vie ou contre la personne du roi sera puni de mort. S'il n'a pas eu pour résultat de

dissolver as duas Camaras legislativas, simultaneamente ou separadamente, mas o acto de dissolução traz a convocação dos eleitores dentro de quarenta dias, e das Camaras dentro de dois mezes. — O Rei dispõe do direito de graça. — O governo dispõe da força publica. Os departamentos ministeriaes. — Os funcionarios. O que vem a ser decreto real, um decreto ministerial, uma circular ministerial. Os cidadãos podem dirigir-se aos ministros, com isenção de taxa postal.

porter atteinte á la liberté du roi et s'il ne lui a causé ni effusion de sang, ni blessure, ni maladie, l'attentat contre sa personne sera puni des travaux forcés á perpétuité." e ss. 102, 103, 104 a 112.

Art. 269 — "Est qualifiée rébellion, toute attaque, toute résistance avec violences ou menaces envers les officiers ministériels, les gardes champêtres, ou forestiers, les dépositaires ou agents de la force publique, les préposés á la perception des taxes et des contributions, les porteurs de contraintes, les préposés des douanes, les séquestres, les officiers ou agents de la police administrative ou judiciaire, agissant pour l'exécution des lois, des ordres ou ordenances de l'autorité publique, des mandats de justice ou jugements", e ss. 270, 271, 272, 273 e 274.

Art. 275 — "Sera puni d'un emprisonnement de quinze jours á six mois et d'une amende de cinquante francs á trois cents francs, celui qui aura outragé par faits, paroles, gestes ou menaces, un membre des Chambres législatives, dans l'exercice de son mandat, un ministre ou un magistrat de l'ordre administratif ou judiciaire, dans l'exercice ou á l'occasion de l'exercice de leurs fonctions. Si l'outrage a eu lieu á la séance d'une des Chambres ou á l'audience d'une cour ou d'un tribunal, l'emprisonnement sera de deux moix á deux ans, et l'amende de deux

34 — *O poder judiciario.* — O respeito das leis: primeiro dever do cidadão. A obediencia á lei é a garantia de todas as liberdades, sobretudo para os humildes. — O poder judiciario é encarregado de velar, nos casos particulares, pelo respeito ás leis. Elle exerce sua missão com toda a independencia.

Qualidades do juiz: probidade, imparcialidade; o magistrado julga segundo sua consciencia; elle não tem ordens a receber do poder executivo. — As garantias que cercam a missão do juiz. Obrigação de respeitar a pessoa e a decisão do juiz. — Papel preventivo, não apparente, da organização judiciaria: O juiz das crianças; irresponsabilidade das crianças; aquellas, porém, que forem pervertidas ou abandonadas, podem ser postas á disposição do governo. A justiça de paz; o tribunal de policia. O tribunal de primeira instancia. A Côrte de appellação. O Tribunal criminal e o juiz. O Conselho de guerra; o Tribunal militar. O Conselho de patrões e operarios. O Tribunal de commercio. A Côrte de cassação. Os officiaes do ministerio publico. — A sala de sessões — A defesa; os direitos da defesa. Nem todo accusado é necessariamente um culpado. Em todos os casos o accusado tem o direito de conhecer o que lhe é imputado e de apresentar sua defesa. — A tribuna da defesa: os advogados. — Explicar por exemplos concretos como se faz a justiça e quaes são as garantias de que ella se cerca. — As testemunhas.

35 — *A defesa nacional.* — A dignidade
cents francs á mille francs. Les outrages adressés á un membre des Chambres ne peuvent, sauf le cas de flagrant délit, être poursuivis que sur la plainte de la personne outragée ou sur la denonciation de la Chambre dont elle fait partie". e ss. 276, 277, 278, 279, 281 e 282.

(Nota do trad.)

e o cuidado da liberdade nacional podem fazer da guerra uma necessidade. Necessidade de um exercito prompto para defender o solo natal: a guerra é um mistér que se aprende; soldados insufficientemente preparados não constituem exercito, mas hordas que não resistem ao choque do inimigo e fazem-se massacrar. — O recrutamento do exercito, os milicianos, os voluntarios. — O serviço militar geral: fealdade e covardia da fraude em materia militar. — O serviço militar é como a taxa de seguro contra os perigos da invasão; um povo incapaz ou pouco cuidadoso em se defender attrae a invasão. — Obrigação de ser um bom soldado. A deserção em tempo de paz e a deserção diante do inimigo. A trahição, a deserção. C. P. 113, (*) etc. — Heroismo do soldado em tempo de guerra. — Algumas palavras sobre as operações de milicia e a organização de nosso exercito.

36 — *O dever fiscal.* — Para que servem os impostos: o serviços publicos: o ensino, a segurança publica, a policia, o exercito, a justiça; os meios de communição: estradas, canaes, caminhos de ferro, corréios, telegraphos, telephones; as pensões, o serviço de juro dos emprestimos. — O parlamento, eleito pela nação, vota os impostos. — Os impostos directos e os impostos indirectos. — O dever do bom cidadão: contribuir para as despesas da collectividade, porque os serviços publicos sendo necessarios a todos, todos devem supportar uma parte das despesas communs e é equitativo que cada um o faça em proporção com os seus recursos. — Estudo da folha de contribuições. — Os direitos sobre as successões: sua legiti-

(*) Art. 113 — "Tout Belge qui aura porté les armes contre la Belgique sera puni de la detention extraordinaire" (15 a 20 annos) etc. 114, 115, 116, 117,—123.

(Nota do trad.)

midade. — O contribuinte deve lealmente prestar suas declarações e pagar o imposto; quem julga que rouba ao estado rouba a seus conscidadãos e não tem o direito de reclamar a protecção social.

37 — *A liberdade dos cultos.* — A religião pertence ao dominio sagrado da consciencia. Sob a égide da Constituição belga, as religiões reconhecidas na Belgica têm o direito á liberdade e ao respeito. — Estas religiões são: cuto catholico (capellas, igrejas, cathedraes): vigarios, curas-economos, curas, bispos, arcebispos, cardinal; clero regular; cuto protestante (templos): pastores; cuto anglicano: capellães; cuto israelita (synagogas): rabbino, grande-rabbino. — A liberdade dos cultos e a de seu exercicio publico, assim como a liberdade de exprimir opiniões em todas as materias. — Ninguem pôde ser constringido a concorrer, de qualquer maneira, para os actos e para as cerimonias de um cuto nem a observar os dias de repouso. — O repouso dominical é consagrado pela lei. — Os bons cidadãos devem obedecer á Constituição e respeitar os diferentes cultos. — A lei pune os ultrajes publicos ao cuto. C. P. 142 (*) etc.

38 — *A liberdade da imprensa.* — Importancia da imprensa. A liberdade é sua mais preciosa salvaguarda. — A imprensa

(*) Art. 142 — "Toute personne qui, par des violences ou des menaces, aura contraint ou empêché une ou plusieurs personnes d'exercer un culte, d'assister à l'exercice de ce culte, de célébrer certaines fêtes religieuses, d'observer certains jours de repos, et, en conséquence d'ouvrir ou de fermer leurs ateliers, boutiques ou magasins, et de faire ou de quitter certains travaux, sera punie d'un emprisonnement de huit jours à deux mois et d'une amende de vingt-six francs à deux cents francs," etc. 143, 144, 145, 146.

(Nota do trad.)

é um poderoso meio de educação politica; ella permite que as diversas correntes de opinião se manifestem livremente; ella denuncia os abusos e dá a conhecer aos dirigentes os desejos e os avisos das populações. — As garantias constitucionaes. — O direito de resposta. — As demandas exercidas contra os jornaes que excedem os limites da critica permittida. — A censura; a censura em tempo de guerra. — Dever dos cidadãos: ter uma opinião pessoal, extrair da leitura dos jornaes um ensino para bem servir a patria.

39 — *A liberdade de associação e de reunião.* — Os Belgas têm o direito de associar-se, isto é, de formar sociedades commerciaes; sociedades sem o fito de lucro; sociedades recreativas, sociedades politicas, sociedades para a defesa dos interesses corporativos; sociedades religiosas (congregações), etc. — Os Belgas têm o direito de reunir-se pacificamente e sem armas conformando-se com a lei; entretanto os comicios em pleno ar ficam inteiramente submettidos ás leis da policia. — Influencia desta liberdade sobre o desenvolvimento moral e material do paiz. Exemplos concretos; verificação de nossa divisa. “A União faz a força”.

40 — *A liberdade de ensino.* — O que se entende por liberdade de ensino. E' a liberdade, para cada cidadão belga, de abrir escolas, e de confiar os filhos aos mestres que escolher. — A liberdade de ensino não exclue a obrigação escolar. — Deveres dos paes e dos escolares em materia escolar. — O ensino publico, o ensino privado. — A escola de outr'ora, a escola de hoje. — Importancia do ensino para um paiz. — Bem estudar é servir a patria. — As escolas guardiãs, as escolas primarias, as escolas normaes, as escolas medias, os atheneus reaes, os collegios, as universidades, as escolas profissionaes, industriaes, technicas, o navio-escola, as escolas de aprendizes, a escola mili-

tar, a escola de guerra, as escolas de beneficencia. — O ensino primario é gratuito; para as outras escolas, ha bolsas que ajudam os alumnos bem dotados e sem meios de fortuna.

41 — *A liberdade individual.* — A liberdade individual permite-nos dispor de nossa pessôa e de nossos bens, ao sabor de nossa vontade, nos limites impostos pela lei moral e pela ordem social.

A manifestação livre da vontade é para o homem uma necessidade natural. Ella constitue o mais precioso dos direitos do homem. — Não ha moralidade verdadeira sem a liberdade. A escravidão. — As garantias constitucionaes: Ninguem pôde ser preso sem mandado do juiz de instrucção. A lei regula, afim de evitar os abusos, as condições da prisão preventiva. — A detenção: condições nas quaes ella pôde praticar-se. C. P. 434 e ss. (*) — A desapropriação: condições nas quaes ella pôde realizar-se.

42 — *A guerra de 1914-1918.* — A aggressão allemã. O ultimatum; a resposta da Belgica. — A defesa de Liége; o general Leman. Os massaeres e a pillagem; processos de guerra dos Allemães. — O cerco de Antuerpia; influencia das sortidas do exercito de Antuerpia sobre a primeira victoria do Marne. — A occupação; suppressão de todas as nossas liberdades; requisições, deportações. Heroismo dos civis no territorio occupado. — Nossos soldados no Yser. — A offensiva libertadora.

(*) Art. 434 — “Seront punis d'un emprisonnement de trois mois á deux ans et d'une amende de vingt-six francs á deux cents francs, ceux qui, sans ordre des autorités constituées et hors les cas où la loi permet ou ordonne l'arrestation ou la détention des particuliers, auront arrêté ou fait arrêter, détenu ou fait détener une personne quelconque”. e s.s. — 435 a 442.

(Nota do trad.)

— Os mortos : respeito e reconhecimento.
 — Reconhecimento para com os combatentes. Deveres relativos aos mutilados. — A lição da guerra : despertar do patriotismo ; a bandeira nacional : o que ella nos diz.

43 — *Amemos nosso paiz.* — O que é a patria : a terra natal ; os antepassados, nossos paes, nossos amigos. — A obra dos avoengos ; a conquista ; o resultado de um longo passado de esforços, de sacrificios e de devotamentos. E' uma herança de glorias e de lamentos a partilhar e um mesmo programma a realizar. — “Uma nação é uma grande solidariedade constituída pelo sentimento dos sacrificios que têm sido feitos e dos que se está disposto a fazer ainda”. — O exilio : o dever, para os Belgas que se vão embora, de servir o paiz sob todas latitudes : exemplo dos Ingleses e dos Allemães ; a nostalgia. O amor da patria ; elle dá, a todo um povo, a unidade de consciencia e de vontade para tender a um mesmo fim : a prosperidade e a grandeza da Nação”.

Traduzo, agora, dois “exemplos de applicações hebdomadarias”.

Primeiro entretenimento : SEJAMOS ASSEADOS. (*)

— Vem cá, Joãozinho e mostra-me tuas mãos.

— Oh ! como estão sujas. Não as lavaste, de manhã ? Meu rapaz, quando se vem á escola é preciso estar asseado. Olha, vae depressa lavá-las. Lá está o sabão ; ensaboa bem ; não tenhas mêdo que te faça mal. Tira agora a espuma na agua limpa

(*) Recommenda-se ao instituidor que não leia trabalho preparado, mas que fale o mais familiarmente e o mais simplesmente possivel a seus alumnos, que os interrogue, que os provoque a reflexões, que torne em uma palavra o entretenimento tão vivo quanto possivel. (Nota do folheto.)

e enxuga bem as mãos, na toalha pendurada ao lado da torneira. Muito bem. Não te sentes melhor ? Não sujarás os cadernos, a roupa, os camaradas ; e, quando voltares para casa, não irás sujar o que tiveres de comer.

— E tu, Pedro, como trazes as tuas mãos ? Estão sujas tambem ; vamos, faze como Joãozinho.

— E vós todos, mostrae-me um pouco as mãos. — Bem, Jacques, bem, és um rapazinho esperto, sempre cuidadoso. E' tua mãe, por certo, que te recommenda sejas asseado, como eu o faço agora. Tem muita razão a tua mãe.

— E tu, Paulo, tens as mãos limpas ; as unhas, porém, estão negras. E' feio ter unhas de luto. Que ? Dizes que não conseguiste limpá-las ; isso, entretanto, não é tão difficil ; basta qualquer objecto pontudo, um palito de phosphoro, por exemplo, para fazer a operação. Faze-a. Vê como é simples. Presta attenção a isto : um homem com unhas pretas excita sempre a repugnancia. Esta ninharia, negligenciada, pôde bastar para te considerarem como rapaz mal educado. Cada vez que as mãos se sujam, devemos lavá-las. Mas não é bastante ter as mãos limpas. Ha o nariz, a bocca, os olhos, os cabellos, toda a cabeça enfim. E' ainda necessario lavar a bocca, todas a manhãs, e escovar os dentes, após a ultima refeição, de maneira a dormir-se com a bocca limpa de todas as migalhas de alimentação, que fermentam no vão dos nossos dentes.

E' preciso ter muito cuidado com a limpeza dos olhos, porque senão podem sobrevir inflammações capazes de prejudicar. Quanto aos cabellos, vós todos sabeis que são depressa habitados por esses incommodos animaezinhos que se chamam piolhos e que se multiplicam de modo atterrador. Quando uma criança na classe tem piolhos, todas as outras tambem podem contraí-los. Elles occasionam desagradaveis pruridos.

Se acontecer algum dia que um de vós sinta destas comichões na cabeça, que venha dizer-m'o francamente, após a aula, e eu indicarei remedio facil de empregar e que deixá-lo-á livre dos parasitas. O piolho não resiste ao sabão.

Não ha, comtudo, apenas os cuidados da cabeça e das mãos. E' todo o corpo que deve ser asseado. Se abandonardes o asseio do corpo sentir-vos-eis mal, ficareis sujeitos a aborrecimentos, expor-vos-eis a molestias. Não se deve pensar que, porque os pés se occultam nas botinas, elles podem andar menos limpos d'o que as mãos. Não tenho precisão de dizer-vos da conveniencia que ha também no evitar que as roupas se sujem. Ellas, as roupas, custam caro e dareis despesas a vossos paes se os obrigardes a comprarem vestuarios novos para substituirem os que manchastes ou rasgastes. A vossa mamã vos dirá, melhor do que eu, tudo isto.

Quanto ás coisas da escola, peço-vos que tenhaes bem limpos os cadernos e os livros. O bom escolar pôde ser julgado pelos cadernos. Olhae os de Victor, como são asseados. Gustavo poz, nos seus livros, capas de papel cinzento para impedir que elles se sujem pela poeira, pela chuva ou pelos signaes dos dedos engordurados. Quereis que vos mostre como se faz uma capa como essa? Não é tão difficil. Vêde!

E toda a classe deve ser limpa, os serventes fazem tudo o que podem para mantê-la convenientemente; não torneis sua tarefa mais penosa, entrando na escola sem attenção. Não tragais lama nos pés ao chegardes aqui em dias de chuva. Não esmagueis os pedaços de giz caídos do quadro-negro. Não lanceis ao chão os papeis servidos ou o conteúdo dos vossos bolsos. Façamos, juntos, todos os esforços para que nossa classe seja limpa, amavel e alegre. Sejamos asseados, criança. (*)

(*) O mestre não perderá de vista que as crianças são observadoras sem piedade. Se

Nas regiões agricolas, o mestre chamará a attenção sobre as vantagens da limpeza relativamente á eriação dos animaes domesticos, quanto á fabricação da manteiga, do queijo, etc.

Seguem-se as APPLICAÇÕES.

“A noção “limpeza” tendo assim fixado a attenção das crianças, todas as lições da semana terão a preocupação — naturalmente em graus diversos — de lembrá-la, de modo que a affirmação repetida erie no alumno um habito mental. Assim, a *leitura*, individual ou collectiva, no quadro-negro ou num livro, terá por objecto palavras ou phrases evocando a idéa de limpeza. Da mesma maneira para a *escripta*. As palavras ou as phrases a escreverem-se falarão da limpeza. O mestre poderá lembrar seus conselhos sobre o modo de ter os cadernos: fará notar que a limpeza contribue para a clareza e para a legibilidade da *escripta*. Observação análoga far-se-á a proposito dos problemas e dos algarismos no *calculo*, emquanto que os problemas chamarão a attenção da criança para as idéas associadas á idéa de limpeza. O mesmo se dará para o *canto*. Os trechos cantados ligar-se-ão tanto quanto possivel com a idéa da semana.

Mas será, sobretudo, por occasião das lições de *lingua materna* que o instituidor poderá resuscitar na memoria das crianças as recommendações feitas no inicio da semana. Haverá exercicios de *ditado*, de *recitação* e de *redacção*. Todos deverão exercitar-se sobre o thema da semana. Póde parecer inutil citar exemplos visto como cada mestre deverá escolhê-lo segundo o grau de comprehensão de seus escola-

a apresentação do mestre ou da classe contradissesse o ensino, este perderia toda a efficacia e os escolares zombariam logo do instituidor que lhes offerecesse um exemplo sem concordancia com a lição dada. (Nota do folheto).

res. Convem, entretanto, assignalar a importancia quasi igual, para o estudo da lingua materna, destes tres modos de exercicios. O ditado habitua a criança a escrever correctamente as phrases que ouve; elle serve para corrigir as faltas de grammatica ou de orthographia, mas póde servir tambem para aprofundar no espirito a idéa expressa nas phrases. Os pensamentos, maximas, proverbios, implicando fortemente e em poucas palavras uma idéa, são de se recommendar nos ditados. A recitação é não somente o meio de verificar e corrigir a pronuncia, a elocução ou o accento, como tambem é o meio de fazer penetrar na memoria certos preceitos. A redacção emfim desenvolve na criança as faculdades de imaginação e de observação, todavia não é indifferente que este desenvolvimento se faça no mesmo sentido da idéa central em tórno da qual giram os outros exercicios.

Estes diversos exercicios deveriam ser precedidos ou seguidos de exercicios de vocabularios, tendo por fim ensinar, ás crianças, palavras e o sentido preciso dellas. (*) Damos disso um exemplo que se poderá simplificar ou complicar de accôrdo com o gráo de adiantamento dos alumnos".

(*) Semelhantes exercicios não são bastante frequentes. Elles deveriam ser multiplicados; se tantas crianças servem-se habitualmente de expressões vagas, como negocio, coisa, etc., é por pobreza de vocabulario. Se tantos adultos têm difficuldades em exprimir claramente suas idéas, é porque elles ignoram os recursos infinitos da lingua franceza para significar os mais delicados matizes dum pensamento. Os exercicios de vocabulario, mostrando o papel dos suffixos, permittirão á criança formar ella propria as palavras derivadas de um radical cujo sentido reconhecerá. (Nota do folheto).

(O termo francês *PROPRE*, que traduzo, presta-se a combinações varias, o que não se dá com a palavra portugueza *LIMPO*. Tentarei adaptar).

Limpo, adjectivo. Concorda com o substantivo em genero e numero. Rapazinho *limpo*. Meninazinha *limpa*. Homens *limpos*. Mulheres *limpas*.

Dá o substantivo *limpessa* e o adverbio *limpamente*. Verbo correspondente, *limpar*.

Além do sentido analysado, proprio, *limpo* tem ainda diversos outros, sentidos indicativos de maior ou menor perfeição. Terrenos *limpos*. Ficava *limpo* e salvo... Céu *limpo*. *Limpo* de mãos. Papel *limpo*. Porto *limpo*. Fonte *limpa*. Gente *limpa*.

Synonymo: *asseado*: no feminino *asseada*; substantivo *asseio*, adverbio *asseadamente*, verbo *assear*.

Synonymo: *limpido*, (limpida, limpidez, limpidamente).

Diminutivo: *limpinho*. Superlativo: *limpissimo*, *limpissima*. Forma superlativa adverbial: *limpissimamente*.

Antonymo: *sujo*, que dá *sujeira*, *suja*, *suja*, *suja*; ou *immundo* (no sentido *augmentativo*) que dá o substantivo *immundicie*, ou *manchado*, *maculado*, *deshonrado*, participios passados dos verbos *manchar*, *macular*, *deshonrar* que tem como substantivo *mancha*, *macula*, *deshonra*.

O corrimento da saliva se diz *baba*, donde *babado*, *babadouro*, *babão*, *babar*; o do nariz *ranho*, *donde ranhoso*, *ranhento*, ou *monco*, *moncoso*; o dos olhos *remela*, donde *remelado*, *remeleiro*, *remeloso*, *remelar*.

Noções associadas: *impureza*, *lixo*, *podridão* *desmazelo*, *sordidez*, *porcaria* de *porco*, e dahi toda uma serie: *porca*, *porcino*, *leitão*, *leitão*. *Presunto*, *fiambric*, *pressigo*, *lacão*, *carne de porco*, *toucinho*, *chouriço*, *banha*, *linguiça*, *miudos de porco*.

co, — exprime-se tudo por *salsicharia*, donde *salsicha*, *salsichão* (*paio*), *salsicheiro*.

As installações sanitarias e sua collocação. Designam-se pelas palavras inglezas Water-Closet (agua-fechada). Desuso das palavras *latrinas*, *privadas*, etc.

As expressões *lama*, *escova*, relacionadas com as idéas acima, geram muitos termos novos que vêm ao caso.

“E” evidentemente no curso da lingua materna que o instituidor achará mais facilmente occasião para completar seu esforço educativo. Seria, porém, um erro acreditar que os outros cursos lhe não podem offerecer igualmente occasião de recordar a idéa da semana. Assim, as noções de sciencias naturaes permittem-lhe falar da limpeza instinctiva do gato, da sujeira habitual do porco; as noções de hygiene levá-lo-ão a falar do cuidado que tomam as autoridades quanto á limpeza publica, do perigo em beber agua aparentemente limpa mas podendo conter, se não foi fervida, microbios perigosos; das facilidades que a negligencia e a sujeira offerecem á propagação das epidemias. No curso de HISTORIA, dirá o mestre da importancia das thermas na antiguidade, da pouca limpeza das casas, mesmo senhoriaes, na idade média e pela época da Renascença; elle notará que os habitos de limpeza são uma conquista relativamente moderna, etc. O proprio curso de GEOGRAPHIA permittirá salientar a sujeira dos povos selvagens, o extremo asseio japonéz, a desappareição da febre amarella na capital do Brasil pelo cuidado meticoloso da limpeza.

Assim nessas occasiões que o instituidor terá feito nascer, por sua vontade reflectida e engenhosa, durante toda a semana, e naquellas que o acaso das circumstancias (um acontecimento local, uma excursão, uma conversação, uma pergunta dos alumnos) poderá ainda fazer surgir, a attenção

da criança será incessantemente obrigada a voltar sobre o mesmo assumpto e a educação do alumno marchará ao lado da sua instrução.

Haverá oportunidade, enfim, cada vez que a materia o permittir, de recordar as sancções previstas pela lei belga; por exemplo, no que concerne á limpeza, podem ser punidos com multa de 15 a 25 francos, e com prisão por 1 a 7 dias, aquelles que voluntariamente jogarem numa pessoa um objecto que possa incommodá-la ou sujá-la (art. 563 C. P., § 3). (*) A pena não é senão de 1 a 10 francos se o facto foi commettido por imprudencia (art. 552, § 5.º, C. P.) (**) Aquelles que lançarem pedras ou objectos podendo sujar ou degradar, contra os vehiculos, as casas, os edificios, ou em recintos fechados, podem ser punidos com 5 a 15 francos de multa e com 4 dias de prisão (C. P., art. 557, § 4.) (***)

(*) Artigo 563: “Seront punis d’une amende de quinze francs á vingteinq francs et d’un emprisonnement d’un jour á sept jours, ou d’une de ces peines seulement: § 3.º Les auteurs de voies de fait ou violences légères, pourvu qu’ils n’aient blessé ni frappé personne, et que les voies de fait n’entrent pas dans la classe des injures; particulièrement ceux qui auront volontairement, mais sans intention de l’injurier, lancé sur une personne un object quelconque de nature á l’incommoder ou á la souiller”.

(Nota do trad.)

(**) Art. 552 § 5.º — Vêde nota ao numero 1. — Sejamos asseados.

(***) Art. 557: “Seront punis d’une amende de cinq francs á quinze francs et d’un emprisonnement d’un jour á quatre jours, ou d’une de ces peines seulement: § 4.º Ceux qui auront jeté des pierres ou d’autres corps durs, ou d’autres objects pouvant souiller ou dégrader contre les voi-

Ultimo entretenimento : AMEMOS

NOSSO PAIZ. (****)

Meus meninos, esta semana é a ultima do anno escolar. Mais alguns dias e iremos nos separar. Quero hoje prender vossos corações no amor da patria. Tudo aquillo que, desde muitas semanas, vos hei dito, tem por fim inspirar-vos este sentimento. O entretenimento de hoje é pois o mais importante de todos.

Qual é a vossa patria ? Tendes uma patria. Quem vem a ser a patria ? E' um bem superior, compreendeis ? Tendes notado que as bestas não têm patria ? Ha sem duvida, animaes que vivem melhor sob certos climas, comtudo o cão na rua, o gato na casa, os canarios na gaiola, o cavallo na estrebaria, a vacca no seu pasto não têm patria. Nossos longinquos antepassados, e em nossos dias, os selvagens, não tinham, não têm patria. A' medida que o homem eleva-se na civilização, á me-

tures suspendues, les maisons, édifices et clôtures d'autrui, ou dans les jardins et enclos". (Nota do trad.)

(****) Este entretenimento será o ultimo. Terá lugar quando os cursos de historia e de geographia já houverem permitido dar á criança algumas noções essenciaes sobre a Belgica. Elle terminará a serie de entretenimentos sobre as liberdades constitucionaes. Desde então, deverá ser concebido como uma synthese, no ponto de vista do sentimento, dos desenvolvimentos anteriores. Poderá tomar certa solemnidade e recorrer aos meios emotivos, por exemplo: canto em commum do hymno nacional e das árias locaes, visita ao memorial da guerra, ornamentação da classe com bandeiras nacionaes, leitura pelo instituidor dos nomes das victimas da guerra, respondendo as crianças em côro: "morto pela patria", etc. Nota do folheto).

didá que elle possui linguagem, que tem costumes tradições, que conquista liberdades, que se liga particularmente á terra que lhes traz lembranças, é que elle goza dos beneficios da civilização. Assim, elle ama, com um amor semelhante ao que se tem pelos paes, com um reconhecimento semelhante ao que se deve a todos aquelles que vos têm feito beneficios, todos os que no passado ou no presente, padeceram os mesmos soffrimentos, augmentaram por seus esforços este thesouro commum, partilharam as mesmas alegrias e as mesmas esperanças, afirmaram sua vontade perseverante de viver em commum.

Vossa patria é a Belgica.

Eis o que dizia um escriptor nosso :

“Eis-me pois, longe, muito longe, em terra estrangeira entre homens cuja lingua ignoro e sob um céu insólito, — porque a patria não se compreende bem senão quando se está distante della. E eu sonho... Penso na Patria. Quaes são as imagens que esta palavra evoca em minha alma ?

“Patria, cara e doce terra do pae... E eu revejo o lar domestico, á beira da estrada, no meio das arvores e tapizada de hera... O' minha querida casa, para onde eu fui ainda pequeno, onde passei as horas tristes e alegres da vida; onde viveram os meus; minha mãe tão terna, tão cedo fallecida, e na qual não posso pensar sem sentir a alma todo perfumada de clemencia e de bondade; meu pae, de maneiras severas, mas tão affectuoso, duma tão larga cultura de espirito, e de coração tão bem formado, tão nobremente compreensivo; ó minha querida casa, na qual me deram os meus tudo o que houve de melhor em mim, a piedade pelos fracos, o amor do bello, a loucura da justiça; onde fizeram com que estas lições augustas surgissem agora na minha memoria em imagens frementes, multiplas, confusas, e nas quaes eu não ousou parar de medo de não mais poder proseguir, onde

cada lage do corredor, cada degrau da escada, cada canto e cada quarto, cada movel de cada commodo, cada teteia sobre cada movel, tem sua historia e sua vida e me fala de coisas que não dirá senão a mim ; ó minha querida casa, onde eu amei, onde chorei, onde morreram os meus !

“E penso ainda nos que se foram... Batalhas de escolares, escapadas de garotos, loucas e francas alegrias de rapazelhos, zelos de arte communs... E nossas ferias, ao longe, na pequena aldeia de Erbisœul, onde alguns parentes possuem uma casa de campo, grande como um castello, e um jardim como um parque. Ao fundo do jardim, á direita, havia uma macieira cujos ramos deitavam para o jardim do cura e cujas maçãs brancas tocadas de vermelho tinham um gostinho acido assucarado que eu sinto ainda. Havia um tanque que nos parecia um lago; e, mais longe do que o tanque, algumas arvores que chamavamos o bosque. Para a fonte do bosque, á tarde, o pastor levava os rebanhos, cantando Ali ! Alô ! Ali ! Alô ! O’ doce melancolia deste canto psalmodiado no poente roseo !... Havia... Mas eu nunca saberia dizer tudo o que havia em Erbisœul ! O’ doce Patria, terra abençoada, na qual se encontram aldeias taes...

“E noutras férias, ainda, conduziram-nos a Mons, á casa dos avós, numa rua onde se via um grande boi vazado em ferro ao alto de um mercado. A torre do castello na collina, a Praça Grande, o Monte Panisel, todas essas ruas encantadoras e pittorescas, tão curiosamente velhotas e cuja vida parece ter parado por 1820, e, ao longe o Borinage, tragico e tão miseravel com suas casinhas acaçapadas ao pé dos triangulares monticulos de detritos carboniferos, vê-los-ia eu então como os vejo agora ? Não, sem duvida, mas seus meandros guardam farrapos de minha infancia, evocando figuras amadas que se desvaneceram, “vozes queridas que se extinguiram”...

“O’ a querida casa, nesse paiz negro, tão estranhamente, tão magnificamente atormentado por um formidavel labor humano: ruidos de usinas, atroadas de martellos, roncões de machinas, queixumes longos de locomotivas, e, nas noites, os incendios soberbos das fumaradas e dos fogos ! O’ meu Paiz, como me parece bello ! Porque, de repente, sinto-me presa de uma tão frenetica necessidade de rever-te e de encontrar-te ? A velha igreja de pedra está sempre lá, no centro da aldeia ? E o cemiterio, dize, com a estrada montante, o cemiterio onde dormem os meus ?

“Mais longe, era a cidade, eram os negocios... Successos e decepções. Em certos dias, a humanidade pareceu-me baixa. Agora, porém, como todas essas miserias esfumam-se e apagam-se; como eu as julgo melhor, como sou pleno de indulgencia e de sympathia para com os meus adversarios; não falamos a mesma lingua ? Para algumas differenças superficiaes, quantas semelhanças profundas ! Não eramos todos da mesma raça, do mesmo paiz, da mesma familia humana ? Como gostaria de ouvir o sotaque da terra natal; algumas palavras de Wallão ser-me-iam mais refrigerantes do que uma pouca de agua pura a um sedento viajor !

“E depois, são as outras cidades, Bruxellas primeiro, a capital, o centro da agitação nacional, com sua Grande Praça onde se perpetua, em rendilhados de pedra a vida heroica do passado communal, Santa Gudula gothica, o Palacio de Justiça babylonico... a Passagem que conheceu minhas vadições de estudante, as velhas arvores do Parque... o Palacio da Nação onde horas de febre e horas de amargura se passaram, o Museu com os Rubens e os Bouts, as salas de espectaculo onde encontrei as emoções ardentes das musicas ; Bruxellas e seus arredores, Laeken, Uccle, Tervueren, e a floresta de Soignes vestida

no outomno de tão sumptuosos mantos de purpura e de ouro fulvo; Liége, tão viva, ruidosa, espiritual, extendida á beira do largo rio, num quadro de collinas eriçadas de minas de carvão de pedra; Gand, sombria e feroz, com a pesada torre, as fiações tistonhas, e seu Van Eyck em uma capella; Tournai com os Chonq-Clotiers; Lovaina, com os mosteiros; Bruges dormente em seus canaes melancolicos sobre os quaes deslizam brancos eysnes, dormente, dolente e quasi morta, apesar dos sinos e carrilhões. Bruges onde estão os Memling; Antuerpia, com a flecha aguda de sua cathedral, cujo arrojo não é semelhante senão ao sobresalto do coração daquelle que, depois de longa viagem além dos mares, percebe-a enfim levantar-se no horizonte: vigia da patria com seu porto e seus navios e o povo forte que Constantino Meunier tão poderosamente symbolizou no seu "Débardeur", Antuerpia, onde me sorri tão estranhamente, no seu vestido róseo irisado, e seu gesto destacado, a pequena Salomé cruel com ingenuidade de Quintino Metsys!

"A Patria é ainda esta maravilhosa successão de paizagens que vae dos outeiros da Ardenne ás praias da Flandres. As florestas do Luxemburgo com velhas arvores magnificas, os vastos horizontes donde se vêem, pela manhã, os valles envolvidos na gaza ligeira dos nevoeiros, as estradas que vão, que sobem, descem e se dirigem ás povoações, os ribeiros negros que brincam sobre os seixos, deslizam furtivamente sob os folhagens arrastando as esbeltas trutas de prata, o Samois, o Ourthe, o Amblève e affluentes, mais seductores ainda; é o Mosa que concentra suas aguas e suas bellezas, neste valle, por vezes grandioso, sempre amavel, que vae da fronteira do Sul á fronteira do Norte; é o Entre-Sambre-e-Mosa, cantando por Delattre; ó, este Bruyl-de-Pesches tão commovente; é a Thudinia narrada por des Ombiaux, o Bo-

rinage descripto por Marius Renard; é o gordo e fertil Brabante Wallão cujas planicies viram o fim da epopéa napoleonica; é Bruyère e Genck, paúes a mirar os cambiantes celestes; são as extensões silenciosas e desertas da Campina; é o Escalda esplendido diante de Antuerpia, levando-lhe alguma coisa da immensidade do mar; é toda esta Flandres cultivada tenazmente como um jardim, as varas onde o lúpulo trepador se enrola, os campos de batatas, as searas de ouro, os prados verdes e os rebanhos que pascem; é a duna enfim, a duna de areia clara que as cinzentas herbas recobrem, com seu infeite de villas ridentes e propicias aos repousos do estio e a vasta praia que a onda marinha vem acariciar voluptuosamente, deixando nella brancos festões de rendas de espuma...

"E' tudo, tudo isto sob céus sempre outros, cuja mobilidade, para quem sabe vêr, produz um espectáculo encantador, inexaurivelmente variado. Curso das estações: alegrias frescas da primavera, esplendor triumphal do verão, opulentas melancolias do outono, lutos brancos do inverno; curso das horas: tremulas e doces auroras, manhãs leves, meios-dias radiosos, crepusculos inflammados, tardes febris, vós nos levaeis sem cessar, pelo jogo das nuvens e as magias da luz, a descobrir novas bellezas na terra amada. Haverá, na verdade, alguma outra região do globo na qual o destino clemente tenha consentido se juntassem num espaço tão restricto, tantas razões de viver? Compreende-se agora o gesto admiravel dos Flamengos, na batalha de Eperons d'Or, levando na bocca um pouco da terra pela qual iam elles morrer? Compreende-se.

L'heroique baiser de ces mangeurs de terre?

"A Patria, enfim, é não sómente o solo, mas o conjuncto dos homens que ahi vivem e que ahi viveram. E', conjunctamente, com amigos de hontem e de hoje,

Breydel, Van. Artevelde Annecessens, Van Eyck, Breughel e Rubens; Balduino de Constantinopla e Godofredo de Jerusalem; e tantas outras figuras familiares dos tempos idos! E' todo este povo valente, duma aptidão ao esforço jamais esgotada: são as duas raças que a compõem, a do Norte, lenta, paciente, teimosa; a do Sul, ardente, entusiasta, generosa; são seus soffrimentos e suas alegrias, suas coleras e suas piedades, suas tradições, seus costumes, e a lingua. Eu os amo porque os conheço, porque os compreendo, porque minha vida é feita de pedaços de suas vidas..."

Póde-se ainda citar o autor italiano Edmundo de Amicis que, num bello livro seu, "Coração", faz a pergunta: "Porque amo minha Patria?" e responde-se nestes termos:

"Amo minha Patria porque minha mãe ahí nasceu; o sangue que me corre nas veias é todo della; porque sob esta terra bemdita estão sepultados todos os mortos que minha mãe chora e meu pae venera; porque a cidade onde nasci, a lingua que falo, meus collegas, o grande povo no meio do qual vivo, a bella natureza que me cerca, tudo que vejo, que amo, que estudo e que admiro, faz parte de meu paiz!

"Oh! tu não podes ainda sentir toda inteira essa paixão! Senti-la-ás quando fores homem, quando ao voltares de longa viagem, depois de longa ausencia, chegando uma manhã á amurada da embarcação, vires no horizonte ao longe as montanhas azues de tua terra; senti-la-ás então, na onda impetuosa de ternura que te arrazará os olhos de lagrimas e irá descendo buscar um grito ao coração. Senti-la-ás em qualquer grande cidade distante no impulso d'alma que te arrastar, por entre uma multidão desconhecida, para o operario desconhecido, que ao passar ao teu lado pronuncia uma palavra da tua lingua. Senti-la-ás na colera dolorosa e sublime

que te fará subir o sangue ao rosto quando ouvires uma injuria ao teu paiz da bocca de um estrangeiro. Senti-la-ás mais violenta e mais profunda ainda no dia em que a ameaça de um povo inimigo desencadear uma tempestade de fogo sobre a tua patria, e vires levantarem-se, frementes, exercitos de todas as partes, correrem moços ás legiões, os paes beijando os filhos, exhortando coragem! Senti-la-ás com uma alegria divina, se tiveres a fortuna de ver entrar na tua cidade os regimentos, rreados pelos claros luminosos dos sacrificados, esfarrapados, com as bandeiras em trapos, varadas pelas balas, seguidos por um comboio sem fim de valorosos que levantarão alto as cabeças feridas e ligadas, no meio de uma multidão delirante que os cobrirá de flores, de bengãos e de beijos." (*)

APPLICAÇÕES

E' quasi inutil indicar as applicações que poderão ser feitas, no correr da semana, do motivo central: "Amemos nosso paiz". O instituidor encontrará facilmente nas obras de literatura e de pedagogia, phrases simples ou complicadas, que possam segundo o grau de comreensão das erianças, servir de modelo para as lições de ESCRITA ou de LEITURA. As lições de CANTO permitirão aprender e executar as arias nacionaes da Belgica e dos paizes alliados. As lições de CALCULO poderão proseguir sobre dados que lembrem a Belgica. As noções de SCIENCIAS NATURAES ou de AGRICULTURA serão relativas á fauna e á flora de Belgica. As lições de HISTORIA e de GEOGRAPHIA serão a synthese do que foi aprendido, durante o anno, da historia e da geographia da Belgica.

(*) Preferi recorrer ao trabalho de João Ribeiro a traduzir, neste bellissimo trecho, o texto francês do folheto, versão do italiano. (Nota do trad.)

Para as lições de LINGUA MATERNA, as ocasiões de lembrar a patria nos DITADOS, RECITAÇÕES, REDACÇÕES encontrar-se-ão sem difficuldade. Recommenda-se que taes trabalhos sejam precedidos ou seguidos de exercicios de VOCABULARIO, por exemplo :

PAIZ. "É uma extensão de territorio considerado quanto ás suas qualidades ou propriedades". Será uma aldeia assim como tambem pôde ser uma região (extensão cujos habitantes são ligados uns aos outros por interesses communs), ou uma zona (extensão considerada antes sob o ponto de vista geographico ou climaterico). Se os habitantes destes paizes formarem um Estado, republica, reino ou imperio; se elles são reunidos por uma communhão de lingua, costumes, tradições historicas, formam uma nação.

Tambem se emprega PAIZ com referencia aos habitantes delle: "Cada paiz tem os seus costumes especiaes".

PAIZAGEM. Pintor paizagista ou paizista.

PATRIA, patriota, patriotico, patriotismo, patrioteiro. A distinguir de patriarcha, patriarchado.

TERRA "é a freguezia, o municipio ou a provincia de que se é natural". Territorio.

CIDADE, cidadãos, civismo, civico, civil, civilidade.

COLONIA, colono, colonizar, colonização; metropole, metropolitano.

COMPATRIOTA, compatriocio, concidadão, estrangeiro.

EXILIO, exilado, exilar-se, expatriar-se. Destêrro, desterrado, desterrar. Nostalgia. Emigrar, emigrante, emigração. Imigrar, imigrante, immigração. Primeiros habitantes de um paiz: aborigenes, indigenas, autochtones.

NAÇÃO, nacional, nacionalizar, naturalização, nacionalização, antinacional, nacionalismo, internacional, cosmopolita; nascimento; natividade, natal, nativo.

FEDERAÇÃO, federativo, federalismo, Estados-Unidos, confederação.

BANDEIRA, bandeirola; pavilhão, pendão, estandarte, insignia.

ARMAS, escudo, brasão.

MONARCHIA, oligarchia, aristocracia, democracia.

Povo, povoar, população, popular, popularidade, populoso; despouarizar; despovoamento".

—
Por julgar que este trabalho possa auxiliar, de algum modo, a acção dos nossos professores, resolvi divulgá-lo. Dou-me por pago do serviço só com a idéa de poder concorrer, com a minha pedrinha, para a maior effieacia da escola.

São Paulo, Outubro — 1921.

Da "Educação".

Dra. MARIA MONTESSORI

PÉDAGOGIE SCIENTIFIQUE

— 2 VOLUMES —

VENDE-SE NA CASA RAMALHO-MACEIÓ

A mathematica do Tutuquinha

(MONOLOGO)

Tutuquinha, aos 4 annos era muito tolo e ainda mamava... mas hoje, aos 12 annos é o maior *lente* de casa e a maninha, coitada, mais nova e tola, é sempre enganada por elle, muito embora se julgue mais esperta...

Desde manhã, Tutuquinha
Com a rifa de fogos, cheia,
Discute, pois a maninha
Só quer os fogos *de meia* :

"Não senhora, eu sou maior
E pra não haver questão
Como a senhora é menor
Vou armar a proporção"...

E muito serio, o finorio
Que na arithmetica é *lente*,
Engana com *palavrorio*
Sua maninha innocente:

"Diz Trajano ou Serrasqueiro,
Que a proporção se arma assim:
"Sempre o maior é primeiro...
Logo, começo por mim..."

Este é meu, para dar certo,
Este é seu, vae muito bem;
Este é meu, não sou esperto
Nem quero enganar ninguem...

A proporção é quem diz
Chamando a isto equidade
E então quem fôr mais *felia*...
Terá maior quantidade...

E seguindo a pragmatica
Do sabido sacristão
Arrastou com a mathematica
A maninha no rojão!...

Recife, 10-927.

AUGUSTO WANDERLEY

O CANTO NAS ESCOLAS

Fazei que o canto, em vez de uma lieção a mais seja a alma harmoniosa da escola e para isto ligai-o estreitamente á vida quotidiana da escola. — F. Pécaut. — Alguns conselhos e recommendações : — 1.º *Escolher* os cantos escolares com muito cuidado e se for necessario pedir a opinião de pessoas muito competentes ; 2.º *Estudar* bem o tom no qual está escripto o canto a ensinar (escala correspondente *armature*, accorde perfeito desta escala); 3.º *verificar* o tom com o auxilio do diapasão ou de um instrumento afinado pelo diapasão;

4.º *cantar* no tom em que o trecho está escripto; 5.º *Comprehender* bem o compasso, o movimento, o rithmo no qual o trecho deve ser cantado; 6.º *marcar* sensivelmente o compasso; 7.º *fazer* que o canto comece sem hesitação e com todas as vozes reunidas; 8.º *estudar* os matizes; 9.º *não consentir* que as creanças gritem, mas procurar obter vozes suaves que só permittam matizes expressivos; 10.º *velar* pela correcta articulação das palavras — (Traduzido da Ajenda do Manual Geral). 1927-1928.

METHODOLOGIA



PERCEBER, COMPARAR E CLASSIFICAR SONS

CLASSE PRE-ESCOLAR

Primeiramente deve a professora collocar sobre a mesa diversos objectos productores de sons, chamar a attenção dos alumnos para elles e fazel-os dizer os respectivos nomes; apito, corneta, tympano, realejo, campá, chocalho, sineta etc.

Começando a tocar pelo mais forte, os fará ouvir todos os sons até o mais fracto; depois dirá admirada: ouviram?!?

O que foi isto? Foi uma conversa?

— Não senhora.

— Foi um choro?

— Não.

— Foi uma gargalhada?

— Também não foi.

— E o que foi então?

— Não sabemos, mas uma gargalhada não foi.

— Não sabem?!? Ouçam... Cada pancadinha destas é um som; como batí em todos estes objectos, elles formaram uma porção de sons. Vocês repararam bem? Cada objecto produziu um som differente.

Qual foi o som que mais lhes agradou, o do apito ou o do chocalho?

— O do apito.

— O do tympano ou o do realejo?

— O do realejo.

— O do sino ou o da corneta?

— O da corneta.

— Vocês já ouviram o toque de um bom piano, ou de um violino bem afinado?

— Já, sim senhora.

— E' uma belleza, não é?

— E' sim.

— Mas não é mais bonito do que uma porta batendo, muitas vezes em dias de ventania!

— Uma porta batendo?!? Esse som não agrada, aborrece a gente, faz até muita raiva.

— Ah! então uma porta batendo não agrada a vocês?

— Não senhora.

— Pois eu tenho outros sons para vocês, ouviram: escutem...

(Uma pessoa escondida dos alumnos, toca no violino u'a melodia qualquer; depois outra no bandolim). Dirige-se depois a professora á classe e diz: ouviram? Bonitinho. Que acham?

Gostaram mais dos primeiros sons, ou destes?

— Destes.

— Sim, eu tambem gostei mais destes.

Pois estes sons que agradam assim, aos nossos ouvidos, chamam-se sons meliodiosos.

Vocês sabem dizer quaes são os instrumentos que podem poduzir sons meliodiosos?

— O piano, o bandolim, a flauta, o violino e muitos outros.

— Sim. Tambem ha sons que nos alegam e outros que nos entristecem. Já repararam nas igrejas, o sino dobrar?

— Já, sim senhora.

— Elle toca á nossa alegria ou á nossa tristeza?

— A' nossa tristeza.

— Justamente, e por isto quando morre alguem elle começa a dobrar.

Ahi o som faz a gente chorar. Não se dá o mesmo com o piano, o bandolim, o

violino e outros que nos alegram até a alma, hein !

Esses nos fazem rir.

Já repararam em outro sino menor, que também se encontra no alto das igrejas ?

— Já.

— Pois esse tanto nos entristece como nos alegra. Se morre um irmãosinho nosso, ou qualquer outra pessoa, a quem muito estimamos, elle nos entristece cada vez mais, e se passa sobre as nossas cabeças, um lindo avião, dos muitos que estão a atravessar a nossa Capital, elle provoca o nosso contentamento, a nossa expansão de jubilo.

U'a modinha também alegra bastante, acompanhada ao violão em linda noite de luar. E' uma cousa encantadora !

Agora vou occultar os olhinhos de vocês, para adivinharem uma cousa.

Quem saberá cantar u'a modinha ?

— Eu, professora.

— Muito bem ; então dê-nos o prazer de ouvi-la.

(Depois que a menina canta, pergunta a professora :)

Agradou-lhes esta modinha ?

— Muito.

— E a mim também.

— Quem cantou ?

— Foi Dezinha.

— Adivinharam. Agora ouçam bem...

Em que tóca ?

— No tympano.

— E agora ?

— No despertador do relógio.

— Ainda ?

— Na campã.

— Ainda ?

— Na mesa.

Muito bem.

(Depois a professora toca o tympano acima da cabeça do alumno e pergunta :)

Onde está o som, perto ou longe ?

— Perto, está aqui, acima de minha cabeça.

(A professora manda tocar um pouco distante). E agora ?

— Longe.

— Em que direcção vem o som ?

— Vem da minha frente.

— E agora de onde vem ?

— De traz, um pouco distante.

— Agora ?

— Do lado direito, perto da janella.

— Ainda ?

— Fóra da sala do lado esquerdo.

— Longe ou perto ?

— Um pouquinho longe.

— Que é que está produzindo agora este som ?

— E' a sinêta que dá entrada para as classes.

(A professora dá a cada alumno um instrumento qualquer, ficando um alumno para puxar a corda da sineta e diz :)

Quando eu dêr o sinal no tympano, todos vocês e ao mesmo tempo, façam soar todos os objectos de uma vez.

Ouviram ? Qual o som mais fórte !

— O da sinêta.

— E o mais melodioso ?

— O do violino.

— Muito bem. Mas agora lembrei-me de uma cousa : a sinêta bateu longe e vocês ouviram aqui no mesmo instante ; quem trouxe o som aos seus ouvidos ?

— Eu não fui.

— Nem eu.

— Foi você Robertinho ?

— Eu, não senhora.

— Ah ! Já sei, foi Zélita ?

— Eu mesma, não.

— E quem foi então ?

Sabem o que foi ?

Foi o ar, este ar que respiramos.

Vamos provar isto.

(Fecha bem os ouvidos de uma creança com um pouco de algodão e toca num ins-

trumento qualquer, depois desenvolvendo os ouvidos pergunta:)

Ouviu alguma cousa ?

— Não senhora.

— E nem podia ouvir porque estavam fechadas as portas por onde tinha de entrar o som.

Maria Rozalia Ambrozio.

ANIMAES DOMESTICOS E FEROS

CLASSE PRE-ESCOLAR

(A professora mostrando aos alumnos diversas animaes de brinquedo).

— Qual de vocês conhece este animal ?

— Eu, é um cavallinho.

— E este ?

— Este é uma vacca.

— E' um carneiro.

— Este pequenino ?

— Ah ! este é o patinho.

— Quantos pés tem este cavallinho ?

— Tem quatro: um, dois, tres e quatro.

— O patinho tambem tem quatro ?

— Não senhora, o patinho só tem dois.

— Quem já viu um animal caminhando ?

— Eu todos os dias vejo uma porção.

— Como se chamam os animaes que vocês têm visto ?

— Cavallo, boi, carneiro, cachorro, gatto, cabra, porco, pinto, gallinha e pato.

— Muito bem. E onde moram esses animaes ?

— Moram nos quintaes de nossas casas.

— Vocês gostam de ver esses animaes, ou têm medo ?

— Eu gosto; brinco tanto com o meu gatinho...

— E o gatinho tambem brinca com os meninos ?

— Brinca, sim senhora.

— Como ?

— A mamãe amarra um pedacinho de papel num cordão, eu vou arrastando pelo chão e elle vai correndo atraz para agarrar o papel.

— Digam-me outra cousa: o gatinho não arranha nem morde vocês ?

— Não senhora, elle é muito mansinho e delicado.

— Trabalha o seu gatinho ?

— Trabalha, sim senhora.

— Em que ?

— Pegando os ratos.

— Muito bem. E o pintinho que trabalho faz ?

— O pintinho não trabalha, porque é ainda pequeno e tolinho.

— Sim; mas procura sempre as migalhas das comidas pelo chão e os bichinhos para comer; e isto para elle que é pequenino, já é um grande trabalho.

Não acham vocês ?

O pinto é manso tambem como o gatinho, ou briga como os meninos ?

— Não, os pintos da minha casa são muito bons, eu pego-os e elles não me beliscam.

— Sim; porque vocês tambem sabem pegal-os com delicadeza, sem lhes arrancar as pennugens, não é assim ?

Pois olhem: esses animaes que brincam com os meninos e vivem sempre perto das nossas casas, chamam-se animaes domesticos.

A gallinha será um animal domestico ?

— E' sim senhora.

— E o carneiro ?

— Tambem.

— Porque ?

— Porque vivem perto de nossas casas e não nos maltratam.

— Muito bem.

Elzinha, quantos animaes domesticos você conhece ?

— Eu conheço o boi, o cavallo e o carneiro.

— E você, Paulinho ?

— Eu conheço tantos que nem sei dizer.

— Sim, mas diga sempre alguns ? !

— O gato, o cachorriho, o porco o peru...

— Muito bem. Quem conhece mais animaes domesticos ?

— Eu; o coelhinho, o cabrito e o pato.

— Sim. Eu tambem conheço o ganso e o pavão.

Agora, olhem bem para este outro animal :

Quem o conhece ?

— Eu, é um elephante.

— E este ?

— Este é um leão.

— Este outro ?

— E uma onça.

— Qual foi o menino que já viu um animal como estes, vivo e caminhando ?

— Eu já vi, mas foi num circo.

— Solto ?

— Não senhora, preso numa gaiola de ferro.

— Sim. Essa gaiola se chama jaula.

— E solto nas ruas, ja viram algum ?

— Não senhora.

— Vocês sabem onde moram esses animaes ?

— Moram nos mattos.

— Muito bem. Nas grandes mattas cerradas, lá onde a gente não pôde viver, não é assim ?

E o que fazem ahi esses animaes ?

— Procuram outros animaes pequenos para comer e até a gente, se elles nos podessem pegar.

— São bons e mansos esses animaes, assim como o gatinho e o pinto ?

— Não senhora, são maus e fazem medo á gente.

— Vocês tinham coragem de brincar com esses animaes ?

— Eu, Deus me livre, elles me comiam.

— Sim. Deus nos livre de encontral-os soltos em nossos caminhos. Esses animaes terriveis, que vivem dentro das grandes mattas e que não podem vêr uma pessoa, que não tratem logo de a estrangular, se chamam — animaes ferozes. Ouviram ?

— Quem sabe dizer o nome de um animal feroz ?

— Leão.

— Outro ?

— Tigre ?

— Ainda outro ?

— Elephante.

— Outro mais ?

— Urso.

— Muito bem. Amanhã conversaremos mais um pouco, sobre esses animaes.

Maria Rosalia Ambrozzio.

SIGNAES DE PONTUAÇÃO

(3.º ANNO)

Queridos alumnos, vocês com certeza já sabem lêr, porque frequentam o 3.º anno. Se fossem analphabetos, estariam cursando o 1.º anno e não o 3.º.

Vamos, agora, falar de uns pequeninos signaes que encontramos em todos os livros.

São elles, (os signaes) muito seus conhecidos, mas, aos quaes vocês pouca ou nenhuma attenção prestam em vista de não lhes comprehenderem a importancia. Não pensem que são meros enfeites, não, senhores, tem grande utilidade. E' preciso estudarmos regras para emprega-los afim de não serem commettidos erros.

Chamam-se *signaes de pontuação*. Estudemos.

São elles collocados entre as palavras e phrases para podermos entender o que lemos.

(*Vae ao quadro negro e põe os signaes*).
Aqui estão : —

- (.) ponto final,
- (,) virgula,
- (;) ponto e virgula,
- (:) dois pontos,
- (?) ponto de interrogação,
- (!) ponto de exclamação.

O mais importante delles é o PONTO FINAL.

Abram ahi, nas suas bancas, os livros de leitura e vejam se o encontram em algum lugar. Ah! encontram muitos, perfeitamente. E' elle que marca o fim das phrases ficando estas, independentes das outras. Como já disse, é o signal mais importante.

Serviu para dar nome aos outros. Não podem vocês saber o porque do seu valor, pois, não teem ainda essas grandes noções de nossa lingua. Passo a explicar-lhes.

A palavra portugueza—PONTUAÇÃO deriva-se da palavra latina — *punctus*, que quer dizer *ponto*.

Vejam os VIRGULA e CASOS em que é empregada.

— Para separar, nas sentenças, as partes que poderiam ser eliminadas sem alterar o sentido do pensamento.

(*Vae ao quadro e escreve*).

Eis as seguintes orações :

Hontem, ao voltar do trabalho, um operario foi agredido na porta de sua casa.

O orador, animado pelos applausos, redobrou o entusiasmo.

Se retirarmos as partes da phrase que estão entre virgulas, ficará : *Hontem um operario foi agredido na porta de sua casa.*

O orador redobrou o entusiasmo.

E' verdade que as sentenças ficam menos elegantes, menos desenvolvidas, porém nada perdem do sentido.

Segundo emprego ; — destacam palavras que exprimem circumstancias de tempo, lugar, modo, causa, etc., quando vêm antes do sujeito.

Como sejam as orações :

Quando desperto, pela manhã, tenho o pensamento sempre em Deus.

Ha pouco, no jardim, a menina corria afim de apañhar borbolêtas.

Não 1.^a sentença, a circumstancia temporal, — *pela manhã*, está entre virgulas ; sendo retirada, não altera o que exprime a idéa.

Na 2.^a, dá-se a mesma cousa com a circumstancia de lugar, — *no jardim*.

Outro exemplo : — no fim de uma oração subordinada, intercalada. (*Escreve no quadro.*)

Ei-la ! O livro que me offerceste, é optimo.

Aqui a oração intercalada é :

— *que me offerceste.*

Intercalada quer dizer: que fica no meio.

Serve, finalmente, a virgula para separar sujeitos e objectos que podem ser collocados, facultativamente, uns antes dos outros, para designar pessoas ou cousas personificadas que servem de vocativo e para separar a proposição independente intercalada.

Temos, aqui, os exemplos :

As mesas, as cadeiras, os quadros da escola estavam em ordem.

Tenho livros, pennas, cadernos na minha gavêta.

Peço-te, meu amigo, para não faltares ao trabalho.

Embalsamae, bellas flôres, o ar com vosso aroma.

Amo, disse a menina, as flôres.

Na 1.^a oração, os sujeitos — *mesas, cadeiras e quadros* podem ser collocados como quizermos: *quadros, mesas e cadeiras.*

Na 2.^a, com os objectos directos *livros, pennas e cadernos* dá-se a mesma cousa.

Na 3.^a, a expressão — *meu amigo* é um vocativo; está entre virgulas.

Na 4.^a, é a expressão — *bellas flôres.*

Na 5.^a, a proposição independente, intercalada é — *disse a menina*.

Antes de estudarmos outro qualquer signal, vou recapitular o que ensinei afim de ver quem prestou attenção e quem comprehendeu.

(*Pará uma recapitulação, interrogando, de per si, os alumnos e pedindo exemplos.*)

Muito bem. Estou satisfetissima pela applicação dos meus alumnos.

Continuemos a lição.

O PONTO E VIRGULA serve para separar phrases e não palavras.

Temos aqui um exemplo :

Maria não cumpriu o seu dever; e a professora ficou muito mal satisfeita.

Não vou ao cinema estes dias; mas irei ao theatro.

O ponto e virgula pode ser collocado antes das particulas *e* e *mas* como estão aqui nos exemplos da pedra, o que não se dá com a virgula.

Continuem a prestar attenção.

Os DOIS PONTOS empregam-se antes de uma enumeração e tambem, da phrase que exprime uma citação. *Enumeração* é uma exposição methodica enunciada para a narração do facto a que se allude.

Exemplo : — "*As tres virtudes theologaes são: fé, esperança e caridade.*"

Citação quer dizer: palavras de outra pessoa.

Exemplo : — Deus disse : "*Faça-se a luz !*"

Passemos ao PONTO DE INTERROGAÇÃO.

E' elle usado depois de uma pergunta : *Sabes a lição ?*

Quando embarcas ?

Gostas de doces ?

O PONTO DE EXCLAMAÇÃO emprega-se depois das exclamações e das interjeições.

Que magnifico espectáculo é o nascer do sol !

Oh ! meu Deus, valei-me !

Já vocês, mais ou menos, conhecem os signaes da pontuação, usados nos livros.

Na proxima lição darei um dictado e mandarei pontuar.

Aquelle que empregar com mais acerto os signaes ganhará um premio.

Macció, 4 de Fevereiro de 1928.

Leticia de Pereira Barbosa.

Do Grupo Escolar Modelo "D. Pedro II".

PHYSIOGRAPHIA DE ALAGOAS

Vamos, hoje, tratar mais uma vez, da nossa terra querida, que se chama Alagôas. Na lição passada já tratamos da divisão politica do nosso Estado; agora tratemos da sua divisão physica, isto é, dos seus accidentes naturaes.

P. — Qual de vocês poderá me dizer o que é um mar ou oceano ?

A. — Mar ou oceano é uma grande massa d'agua salgada que cerca e separa os continentes.

P. — Muito bem. E qual o oceano que banha o Estado de Alagoas ? Ninguem sabe ?

Reparem o mappa da nossa terra, a leste. Leiam o que está escripto.

A. — Oceano Atlantico.

P. — Não se esqueçam mais do nome deste oceano, que banha não só Alagoas como todo o Brasil. Digam todos qual o nome do oceano que banha o nosso Estado. Como é ?

As. — Oceano Atlantico.

P. — Bem. Agora vamos ver quem diz o que é uma lagôa ?

A. — Lagôa é uma grande quantidade d'agua cercada de terra por todos os lados.

P. — Por causa da grande quantidade de lagôas que ha em nossa terra, mereceu ella o nome de Alagôas.

Comprehenderam ? Destas lagôas, duas pela sua grande extensão e quantidade d'agua se distinguem das outras. São ellas: Manguaba ou do Sul e Mundahú ou

do Norte. Procurem no mappa estes dois nomes.

As. — Manguaba ou do Sul e Mundahú ou do Norte.

P. — Gravem bem estes dois nomes. Alem destas duas lagôas que são as principaes ha outras menos importantes como a lagôa Poxim, dos Cavallos, das Antas, do Martins, lagôa Azeda, Jacareçica, Jiquiá, Boacica, etc.

Você procure no mappa o nome de algumas destas lagôas de que lhes falei.

A. — Lagôa Azeda, Boacica, Jiquiá, Vermelha.

P. — Basta, vá outro ao mappa.

A. — Lagôa dos Cavallos, das Antas, do Martins.

P. — Muito bem. Digam todos, quaes são as duas principaes lagôas do nosso Estado ?

A. — Manguaba ou do Sul e Mundahú ou do Norte.

P. — Alem destas ha outras ?

A. — Ha, sim senhora. Lagôa dos Cavallos, das Antas, Boacica, Jiquiá, Azeda, etc.

P. — Já vi que comprehenderam. Passemos a estudar outra coisa. Qual de vocês será capaz de me dizer o que é um rio ?

A. — Rio é uma consideravel corrente d'agua que se lança no mar, num rio ou num lago.

P. — Vamos estudar os rios que ha no Estado de Alagôas. Prestem attenção. Leia você, o nome do rio, aqui ao sul desse mappa.

A. — Rio S. Francisco.

P. Muito bem. Este rio, meninos, é o mais importante dos rios brasileiros. Nasce na serra da Canastra em Minas Geraes, que, como vocês sabem é um Estado do Brasil.

Separa o rio S. Francisco o nosso Estado dos de Sergipe e Bahia. Ha no seu curso, aqui em Alagoas, uma cachoeira notavel, importante, ou antes a mais fa-

mosa do mundo pelas suas bellezas naturais.

Chama-se *Cachoeira de Paulo Affonso*. Cachoeira, vocês devem saber, porque já estudaram, é uma grande queda d'agua. Alem do rio S. Francisco que é o mais importante, ha outros. Leia você, nessa carta aqui ao norte.

A. — Jacuhype e Persinunga.

P. — Estes dois rios separam o Estado de Alagoas do de Pernambuco. Servem portanto de limite entre o nosso Estado e o de Pernambuco. Você, procure no mappa os nomes de outros rios.

A. — Rio Camaragibe, S. Antonio Grande, S. Antonio Mirim.

P. — Muito bem. Vá outro procurar.

A. — Rio Mundadú, Parahyba do Meio, Coruripe, Sumaúma, Jiquiá.

P. — Vamos recapitular.

Qual o rio mais importante do Estado de Alagôas.

A. — Rio S. Francisco.

— Onde nasce ?

A. — Na serra da Canastra em Minas Geraes.

P. — Vamos bem. O que ha de notavel no curso do Rio S. Francisco, em Alagôas ?

A. — Cachoeira de Paulo Affonso, a mais famosa do mundo.

P. — O rio S. Francisco separa Alagôas de que Estado ?

Ninguem se recorda ?

A. — Eu sei. Separa Alagôas dos Estados de Sergipe e Bahia.

P. — Diga-me, você, os nomes de mais alguns rios da nossa terra.

A. — Mundahú, Parahyba do Meio, Camaragibe, S. Antonio Grande, S. Miguel, Coruripe, etc.

P. — Esse menino que está junto ao mappa: quaes os rios que separam o Estado de Alagoas de Pernambuco ?

A. — Jacuhype.

P. — Somente ?

A. — Já sei. O rio Persinunga.

P. — Vamos tratar agora de outro assumpto tambem muito importante.

Vocês sabem que o solo não é somente plano; tem altos e baixos, elevações e declives de terreno. O solo do Estado de Alagoas é geralmente plano, porem como o solo dos outros Estados, tem tambem algumas elevações de terra que nós chamamos Montanha ou Serra.

No nosso Estado a mais importante das serras é a da Barriga, que alem de ser a mais elevada é ainda historica, quero dizer, a essa serra se prende um facto muito importante da nossa historia Patria. Sabem que nome tem esse facto de que lhes falo? Não ha quem saiba? Chama-se "Quilombo dos Palmares". Querem saber o que foi o "Quilombo dos Palmares"? Vou lhes contar. Prestem muita attenção. Depois de descoberto, o Brasil começou a ser colonizado e os portuguezes traziam escravizados para trabalharem em nossos campos, em nossas mattas, os negros africanos. Estes negros que se separavam obrigados de suas familias, aqui chegados, iam trabalhar no eito, debaixo do açoite, do relho dos feitores, que não tinham para com elles a menor piedade.

Alem do trabalho extenuante, havia para os escravos torturas terriveis, caso elles não podessem trabalhar. Muitos destes negros morriam de cansaço, das torturas que padeciam, e alguns mais audazes conseguiam algumas vezes fugir.

Os negros fujões iam se refugiar justamente no sopé da serra da Barriga. Ahi viviam elles com uma certa organização de vida, formando grupos chamados "Quilombos".

Esse quilombo da serra da Barriga teve o nome de Palmares por causa do grande numero de palmeiras que existia em volta desta serra. Descoberto esse esconderijo, o chefe desses negros, Zumbi, preferiu atirar-se da montanha abaixo a voltar

ao captiveiro. E' portanto por esta razão que a serra da Barriga é celebre.

Comprehenderam bem? Já sabem porque a serra da Barriga é importante?

Vou repetir o facto afim de que gravem melhor.

(Repete o facto do "Quilombo dos Palmares".)

Alem da serra da Barriga ha outras importantes tambem. Vamos procurar no mappa.

A. — Serra dos Dois Irmãos, dos Pilões, do Capim, do Bolão, do Longá.

P. — Escreva no quadro negro os nomes destas serras.

P. — Vá outro ao mappa.

A. — Serra do Teixeira, do Gavião, Mariquita, da Balança.

P. — Muito bem. Escreva estes nomes na pedra. Você vá ao mappa.

A. — Maria Valeria, Olho d'agua, Pão de Assucar, etc.

P. — Vamos agora repetir todos estes nomes que estão escriptos no quadro negro.

Muito bem. — Terminemos a nossa lição.

Nós sabemos que a capital do Estado de Alagoas é Maceió e que toda a capital que é banhada pelo mar, por um rio ou lagôa tem um porto, lugar onde os navios ancoram com segurança. Sabem qual o porto de Maceió?

A. — Jaraguá.

P. — Este porto é banhado por mar, rio ou lagôa?

A. — E' por mar, pelo Oceano Atlantico.

P. — Logo, é um porto maritimo. Possue esse porto grande commercio com os outros estados e mesmo com alguns paizes.

Fiquemos aqui. Em outra occasião recordaremos o que hoje estudamos e trataremos de outros assumptos referentes ao nosso torrão natal.

Flora Malta Ferraz.

Do Grupo Escolar "Diegues Junior".

Pontos e virgulas



Tres jovens que suppunham ser, ao mesmo tempo, requestadas por um rapaz, exigiram um dia que elle declarasse qual preferia.

O rapaz annuiu, com a clausula de ser a declaração feita n'uma decima sem pontuação.

Acceita a proposta, fez elle a seguinte decima, sem pontuação, mas pela qual Soledade se julgou logo a preferida, pontuando-a da seguinte fórma:

Tres bellas, que bellas são,
querem que, por minha fé,
eu diga qual d'ellas é
que vive em meu coração.
Se obedecer á razão,
digo que amo Soledade;
não Julia cuja bondade
ser humano não teria;
não aspiro á mão de Iria
que não tem pouca beldade

Julia não concordou, suppondo-se a preferida, por esta pontuação:

Tres bellas, que bellas são,
querem que por minha fé,
eu diga qual d'ellas é
que vive em meu coração.
Se obedecer á razão,
digo que amo Soledade?
Não. Julia cuja bondade
ser humano não teria.
Não aspiro á mão de Iria
que não tem pouca beldade.

Iria, porem, não, se conformou, julgando-se a preferida, pela seguinte pontuação:

Tres bellas, que bellas são,
querem que, por minha fé,
eu diga qual d'ellas é
que vive em meu coração.
Se obedecer á razão
digo que amo a Soledade?
Não. Julia cuja bondade
ser humano não teria?
Não. Aspiro á mão de Iria
que não tem pouca beldade.

Não chegando por conseguinte a accordo, foi chamado o rapaz, que pontuou a decima d'esta maneira:

Tres bellas, que bellas são,
querem que, por minha fé,
eu diga qual d'ellas é
que vive em meu coração.
Se obedecer á razão
digo que amo a Soledade?
Não. Julia cuja bondade
ser humano não teria?
Não. Aspiro á mão de Iria?
Que?!... Não. Tem pouca beldade.

E todas ficaram descontentes. O que fazem os pontos e as virgulas!

O estudo do latim

No estudo do português, o methodo mais racional para o aproveitamento rapido do alumno, é o que parte dos factos da linguagem para a grammatica. Em vez do discipulo amontoar no cerebro regras e regras, como se amontoam moveis velhos num porão, apanha o phenomeno linguistico e estudando-o, formula elle proprio a sua regra, a norma a seguir para bem fallar e escrever a lingua. Porque não se fará o mesmo para o estudo do latim? Aprenda o alumno as declinações, conjugue bem os verbos, esteja enfim senhor da materia prima indispensavel para o manejo da lingua, que a syntaxe, aprendel-a-á com os classicos.

Dou aqui uma amostra do que poderá ser esse methodo; os phenomenos syntaticos e morphologicos, estão estudados ao acaso dos versos. Num trabalho didactico, porém, deverão caminhar do mais facil para o mais difficil, do elementar para o complexo, abandonados os casos que não estejam ainda ao alcance do discipulo.

— PHEDRO —

FABULA VIGESIMA — TERTIA

Rana rupta et bos — O boi e a rã que rebentou.

“Potentes ne tentes œmulari” — “Não tentes medir-te com os fortes”.

Inops, potentem dum vult imitari, perit.
In prato quondam Rana conspexit Bovem,

Et, taeta invidia tantæ magnitudinis,
Rugosam inflavit pellem; tum natos suos
Interrogavit, an Bove esset latior.
Illi negarunt. Rursus intendit eutem
Majore nisu; et simili quæsivit modo,
Quis major esset. Illi dixerunt Bovem.
Novissime indignata, dum vult validius
Inflare sese, rupto jacuit corpore.

ORDEM DIRECTA e TRADUÇÃO

Inops (1)	O fraco	potentem. (3)	O forte
perit	perde-se		
dum	quando	Rana,	Uma rã
vult	quer		
imitari (2)	imitar	quondam	outrora

(1) Tem este adjectivo a particularidade de não se declinar nos casos do plural da terminação neutra. Como elle, *decolor, oris*—descorado, *deses, idis* — preguiçoso, *dives, itis*—rico, *uber, eris*—fecundo, *trux, ucis*—carrancudo, e outros.

(2) Verbo depoente. Os depoentes tem a forma em *or* como os passivos, mas a significação é activa. Os depoentes transitivos, como *imitor* têm o gerundivo com significação passiva: *imitandus* se traduz: que deve ser imitado. O português guarda reminiscencia do depoente latino. Pessoa *lida*, por exemplo, diz-se de quem lê muito.

(3) O Complemento directo traduz-se em latim pelo caso accusativo.

conspexit		viu	inflavit	inchou
Bovem		um boi	pellem	a pelle
in prato (4)		num Prado,	rugosam; (7)	rugosa;
et		e,	tum	então,
tacta (5)	Com inveja	movida	interrogavit	interrogou
invidia		pela inveja	suos	seus
tantæ		de tão grande	natos	filhos,
magnitudinis, (6)		tamanho,	an (8)	si porventura não
esset	estaria		maiore (11)	com maior
latur (9)	mais volumosa		nisu;	esforço;
Bove.	que o Boi.		et	e
Illi	Elles		quæsit	perguntou
negarunt. (10)	disseram que não.		simili (12)	de igual
Rursus	De novo		modo	maneira
intendit	distendeu		quis	quem
cutem	a pelle		esset	era

(4) O nome do lugar onde se está ou se faz alguma cousa, põe-se em ablativo com *in*: *ego sum in urbe*; omittese porem a preposição *in* antes dos nomes proprios de cidade ou ilhas pequenas. v. g. *Natus est Carthagine*. Si porém o nome da cidade é da primeira ou da segunda declinação, e do singular, põe-se no caso locativo, que é igual na forma ao genitivo. *Natus est Romæ*; si é do plural põe-se no ablativo. *Natus est Athenis*.

(5) Exprime-se em latim o complemento de causa entre outras maneiras com o ablativo sem preposição.

Quando o nome exprime impulsos da alma, ás vezes é acompanhado de um participio. v. g. *Amore ductus* — por amor. *Tacta invidia* — por inveja.

São ablativos de causa, e usados somente nesse sentido; *hortatu* = por exhortação; *impulsu* = por impulso; *jussu* = por ordem de; (muito encontrado em Cezar) *rogatu* = a pedido.

(6) O genitivo é o caso do adjuncto attributivo e do complemento restrictivo. Ha o genitivo subjectivo, o objectivo, o oppositivo, o possessivo, o partitivo e o de regencias de adjectivos e verbos. Por causa da confusão entre os genitivos subjectivos e objectivos, ás vezes empregam-se para o

caso as preposições *in*, *erga*, *contra*, *adversus*, com o accusativo. Assim, em vez de se dizer *odium inimicorum*, onde o genitivo pode ser subjectivo ou objectivo, emprega-se *odium adversus inimicos*.

Tambem se encontra o genitivo subjectivo regido dos ablativos *causa*, *gratia*, usados como preposição: *doctor honoris causa* = doutor para honra.

(7) O adjectivo concorda com o substantivo em genero, numero e caso.

(8) A interrogação indirecta latina simples usa-se com a particula *ne* e o subjunctivo, quando a resposta pode ser negativa ou positiva; *nonne*, quando se presuppõe resposta affirmativa. No presente caso, embora interrogativa, a proposição lembra a duvida em que está a rã. Phedro empregou *an*, porque nas frases dubitativas usa-se aquella particula, quando, na incerteza, se quer indicar inclinação para o *sim*.

(9) O segundo termo da comparação pode-se exprimir com o ablativo sem preposição; *latior bove*, ou no mesmo caso do primeiro termo, precedido da comparativa *quam*.

(10) Ha em latim, verbos, que para serem bem traduzidos em portuguez, necessitam do auxilio dos verbos poder, dizer,

major (13)	maior.	dum	emquanto
illi	Elles	vult	quer
dixerunt	disseram	validius	mais fortemente
Bovem	que o Boi	inflare (15)	inchar-(se)
(esse	era	ser	a si mesma,
majorem) (14)	maior.	maior.	rebetado tendo rebetado o corpo,
Novissimé	Finalmente	corpore	ficou por terra.
indignata	irritada,	jacuit.	

ousar, dever, etc. São os verbos *phraseologicos*: *cogor* = vejo-me obrigado; *fa-teor* = devo confessar; *non fero* = não posso supportar; *offendor* = sinto-me of-fendido. *Negarunt* na presente accepção é um verbo phraseologico.

(11) O complemento de modo põe-se no ablativo com ou sem a preposição *cum*. É indispensavel a preposição quando o nome não vem acompanhado de adjectivo. Quasi sempre, porém, ao nome acompanha o ad-jectivo, e então o *cum* é facultativo.

(12) *Modo*, ablativo de *modus*, *i*, acom-panhado dos adjectivos pronominaes, usa-se da seguinte maneira: *hoc, eo, modo, pari, tali, simili modo, omni, aliquo, quo-dam, quo, alio, nulli modo*. Com outros adjectivos usa-se diversamente. Em vez de *servili modo*, por exemplo diz-se *ser-vilem in modum*, ou *serviliter*.

(13) O superlativo portuguez, quando só se trata de duas pessôas ou cousas, tra-duz-se em latim pelo comparativo, no caso correspondente.

(14) O mesmo que a nota acima.

(15) A accção reflexa exprime-se em la-tim, com a voz passiva: *effundi* = expan-dir-se; *augeri* = accrescentar-se; *falli* = enganar-se. Exprime-se tambem com a voz activa e os pronomes *me, te, se, nos, vos*, para dar maior relevo á accção: *me exerceo in venando* = exercito-me na caça.

(16) A's vezes para dar mais força á expressão, dobra-se o accusativo singular dos pronomes reflexos! *meme, tete, sese*.

(17) Ablativo absoluto, assim chamado porque é independente da oração princi-pal. Póde constar o ablativo absoluto de um substantivo ou pronome e de um par-ticipio passado ou presente — *rupto cor-pore*: (o ablativo absoluto com o partici-pio presente é commum em Livio e Tacito, menos em Cezar, e raro em Cicero.) de um substantivo e adjectivo e exclusiva-mente de substantivos, sendo um o execu-tante da idéa:

O professorado primario de Alagôas deve fazer grande questão da frequencia escolar. De nada vale uma grande matricula, com diminuta frequencia.

Sobre Christovão Colombo

ESMARAGDO SOUZA

Um telegramma que li ha dias, no "Jornal de Alagôas" diz que vae ser erigido, na bahia de S. Domingos, um symbolo da união pan-americana, da gloria e da memoria de Christovam Colombo. E foi este telegramma que nos levou a escrever estas modestas linhas, baseados que estamos em João Ribeiro, Viriato Corrêa, e mais alguns pacientes investigadores e historiadores.

A idéa que geralmente se faz de Colombo é de um sabio, "um homem que devia estar acima do estalão do saber scientifico dos outros homens da sua época". A empreza que elle realisou, faz, com effeito, que se tenha esta idéa.

A verdade é outra, entretanto. O grande navegante não tinha capacidade, saber, para fazer o que fez, para realisar o que realisou.

Um dos maiores, senão o maior dos historiadores allemão, Sophus Ruge, reduz em a sua "Historia dos Descobrimtos", ás menores proporções, o feito de Colombo, que, segundo elle, estava abaixo do empreendimento que o celebrisou.

E', realmente, de surpresa em surpresa, que a gente se vae apercebendo da ignorancia do genovês.

Colombo, (apezar de alguns historiadores pretenderem que elle tenha estudado na Universidade de Pavia, o que é impossivel) não sabia fazer um calculo de latitude, traçar um mappa dos seus proprios descobrimtos, achar a extensão das terras por elle conquistadas, e mais ainda, — o que parece inacreditavel, negou a espheroidade da terra, attribuindo-lhe a fórma de uma pêra. Para as costas de Cuba,

calculou elle, 42° de latitude, e no entanto esta ilha tem apenas 22° ou 21°. Na opinião autorisada de Viriato Corrêa, este engano "é brutal em geographia". Conforme o seu calculo a extensão de Haiti (antiga Hespaniola) é de 138 legoas, quando, na verdade, não chega a 60 milhas maritimas !...

O documento em que elle nega a espheroidade da terra, dando-lhe, ao mesmo tempo, a forma de que ja falámos, revela grande falta de saber scientifico, falta esta que o fez morrer na convicção de que havia descoberto em vez de terras americanas, terras indianas.

Onde se vê que Colombo não possuia a sabedoria que elle mesmo se attribue e por alguns eminentes historiadores lhe é attribuida...

Mas, dirão, como poderia Colombo, sendo tão ignorante conceber a idéa verdadeiramente genial de alcançar o oriente pelo occidente ?

Eis ahi outro ponto já esclarecido bastante, apezar de pouco divulgado.

As pretensões de Colombo — é esta a verdade — não subiram a tanto. Foram mais modestas...

O seu desejo era achar uma ilha imaginaria — Antilha — especie de fabula dos tempos dos descobrimtos.

"Esse mytho da Antilia, escreve João Ribeiro enchia a época de Colombo e já figurava nas cartas geographicas, antes das suas viagens. Foi bebido no ambiente portugûes."

Atrevemo-nos, neste ultimo ponto a discordar do grande mestre, porquanto ja Martim Behaim marcara, no seu famoso

globo de cobre, conservado em Nuremberg, a posição dessas mesmas terras.

Como quer que seja, a idéa attribuida a Colombo, "foi archictetada por sua propria familia, afim de engrandecel-o aos olhos do mundo e dos pósteros."

Della foram sustentaculos o historiador das Indias, Las Casas (1571) e, mais tarde, (1601) Herrera que o repete, e ambos se inspiram nos archivos da familia de Colombo.

Outros juizos contribuem para a opinião de que o almirante genovês nunca pretendeu alcançar "el levante por el poniente".

Oviedo, seu contemporaneo, e seu conhecido pessoal, não a menciona.

Gomara, tambem.

"Como é possível, diz o auctor de "O Oriente e a Grecia", que ambos concordassem sobre o mesmo assumpto?"

Em Palos, a maruja recusava embarcar, sob pretexto de que a "Antilia" era uma miragem. O proprio Piloto Agron affirmou que era pensamento de Colombo desvendar o mytho daquella ilha.

E tanto isso é verdade que já no mappa português de Calino (1502) apparecem os archipelagos descobertos por Colombo, com a denominação de — "Antilhas del Rey de Castella."

Outras razões, a nosso favor, ha, e si não as mencionamos é porque julgamos estas sufficientes.

Entretanto, como disse João Ribeiro, "será toleima desconhecer a immensa gloria do navegante genovês."

Christovam Colombo descobriu a America. E isto basta para glorificar o seu nome.

O MANDARIM

Camarada, por estes calores de estio, que embotam a ponta da sagacidade, repousemos do aspero estudo da Realidade humana...

EÇA DE QUEIROZ

Tenho muito desejo de mata-lo,
Tocando no meu timpano tambem!
Mas reflecto, depois, no grande abalo
Que eu sentiria assassinando alguem.

—Vêr o mundo a meus pés feito vassalo
E olhar de cima, como Pedro Cem,
Os que não têm, na vida, esse regalo
E nada valem porque nada têm!

Pensei tudo isso relembrando-te, Eça!
E aquelle funcionario da Travessa
Da Conceição, a quem fizeste assim...

A quem deste os milhões do teu talento
Para matar, num rápido momento,
Lá, no fundo da China, um Mandarim!

CYPRIANO JUCÁ

A instrução sanitária nas escolas



O trecho seguinte é um extracto ao relatório que a educadora D. Maria Antonietta de Castro, apresentou ao chefe da Inspectoria de Educação Sanitária e Centros de Saúde, dr. Waldomiro de Oliveira, sobre os serviços effectuados nas escolas durante o anno de 1926.

Para se avaliar da importancia da instrução sanitária nas escolas é preciso lembrar que ella tem por fim fazer a creança:

- adquirir a saúde pela correcção dos defeitos phisicos ;*
- conservar a saúde pela aquisição de habitos sadios ;*
- preservar a saúde pelo aprenhido dos meios de evitar as molestias infecto-contagiosas.*

Dahi a sua divisão em *assistencia sanitaria* e *instrucção sanitaria* propriamente dita, abrangendo esta :

- 1 — *instrucção sanitaria em geral*
- 2 — *formação de habitos de hygiene.*
- 3 — *prophylaxia de molestias infecto-contagiosas.*

Estenderam-se a todas essas actividades o nosso trabalho nas escolas durante o anno de 1926.

Em cada uma dessas categorias podemos apontar os seguintes trabalhos, iniciados uns, incrementados e desenvolvidos outros.

Assistencia sanitaria

- 1 — *Pesagem para a selecção dos desnutridos*
- 2 — *Cuidado aos desnutridos.*

3 — *Exames e tratamentos de verminose*

4 — *Exame medico geral*

5 — *Exames especializados de olhos nariz, ouvidos e garganta.*

6 — *Exame de acuidade auditiva.*

7 — *Exame de communicantes de tuberculose.*

Instrucção sanitaria

1 — *instrucção sanitaria em geral*

a) — *instrucção em grupos e individual*

b) — *distribuição de impressos educativos*

c) — *instrucção aos paes dos alumnos por meio de visitas*

d) — *demonstrações praticas de puericultura.*

— 2 *formação de habitos de hygiene*

e) — *implantação do uso do copo individual e outros habitos.*

f) — *instrucção sobre habitos de hygiene em geral*

g) — *trabalho experimental sobre habitos sadios no "Jardim da Infancia".*

3 — *Prophylaxia*

h) — *instrucção sobre verminose*

i) — *instrucção sobre tuberculose*

j) — *instrucção sobre febre typhoide*

k) — *instrucção sobre peste bubonica*

l) — *instrucção sobre outras molestias*

Passemos a examinar cada um desses trabalhos separadamente.

Assistencia sanitaria

1 — *Pesagem e mensuração*

Não foi descurado tal trabalho este anno, limitando-se porem, as educadoras,

a proceder á pesagem de alumnos novos, ficando, a dos antigos, confiada aos professores das classes para, em tres pesagens annuaes, ir verificando, em quadros especiaes, o estacionamento ou diminuição de peso para orientação das educadoras sobre a saúde dos alumnos.

Conseguimos isto apenas em parte, pelo que não nos foi possível colher os dados que desejavamos. Houve tambem difficuldade material da falta de balança em um dos grupos.

Foram, por esse meio, seleccionados os desnutridos.

1925 - Desnutridos	Normaes	(Fevereiro de 1926)		
141	39	(27,65%)		
1926 — 27	49	(41,18%)	Desnutridos	(fins de 1926)
Total — 168	88	(52,38%)	78	(46,42%)

3 — Verminose

Os alumnos novos matriculados foram todos submettidos a exames e, a pedido medico, outros tambem fizeram novos exames e tratamentos.

2 — Cuidado aos desnutridos.

Todos elles, sem excepção, foram submettidos ao tratamento de verminose, uma das causas possiveis de sua desnutrição, e, após os tratamentos, foram encaminhados a exame medico.

Ainda dois delles foram submettidos a tratamento de syphilis e dois outros soffreram extirpação das amigdalas.

Após esses cuidados, 88, isto é, 52,38 % alcançaram o peso normal.

O quadro seguinte mostra a relação entre os desnutridos existentes e os que alcançaram peso normal :

Em seguida, alguns dados sobre esse trabalho, aliás já incorporados nos resumos dos Centros de Saúde :

	Neste anno	%	Até esta data	%
Exames feitos	756		2.254	
Exames positivos	654	86,50%	1.894	84,02%
Exames negativos	102	13,48%	360	15,97%
N.º de alumnos tratados	no Centro de Saúde.	570	1.261	
	c/ medico particular, a conselho da Educadora.	28	52	
Alumnos não tratados	por eliminação.	68	115	
	por outros motivos.	—	382	
	Numero de tratamentos	985	2.378	

E' interessante o confronto entre os vermes encontrados nos exames feitos, segundo o quadro annexo :

	Neste anno	%	Até esta data	%
Exames positivos para:	trichocephalus	327	1.102	48,89%
	ascaris	397	926	41,08%
	hymenolepis	105	280	12,42%
	ancylostomos	167	395	17,52%
	oxurus	41	112	4,96%
	taenia	10	21	0,93%
	trichostrongylos	6	6	0,26%
	outros	3	5	0,22%

4 — Exame medico geral

Demos mais amplitude este anno, ao exame medico geral. Foram a elle submettidos, em primeiro lugar, os desnutridos, e em seguida, os presumiveis de molestias ou defeitos.

Foi o seguinte o movimento :

	Neste anno	Até esta data
Exame medico geral	158	158

Si mais não conseguimos foi porque os paes dos alumnos relutam em acompa-

Exames de :	garganta, nariz e ouvidos	72	72
	olhos	32	32
Operações		12	12

O mesmo que dissemos acima applica-se á reluctancia dos paes em consentir a fazer seus filhos se submeterem á extirpação de amygdalas.

6 — Exame de acuidade auditiva.

Iniciamol-o este anno para o effeito de melhor collocação de alumnos nas carteiras e consequente exame medico de escolares de audição deficiente.

Encaminhados 79 para o exame, foram encontrados 11 (13,92 %) com deficiencia auditiva.

7 — Communicantes de tuberculose

Ao serem feitas as visitas por motivo de obitos de tuberculose occorridos na familia ou casos de tuberculose aberta, foi cuidadosamente pesquisada a existencia de escolares entre os communicantes, sendo,

nhar seus filhos ao Centro, só a isso resolvendo-se após reiterados conselhos e visitas das educadoras.

E' de tal modo proveitoso o exame medico, que, por elle vimos, após o exame do muco nazal pedido á Inspectoria de Leprosia, positivado um caso em escolar do Grupo Marechal Deodoro, encaminhado a esse exame por suspeita da Educadora.

5 — Ouvidos, Nariz e Garganta.

Após o exame medico foram alguns escolares encaminhados a exames especializados, donde o seguinte movimento :

	Neste anno	até esta data
garganta, nariz e ouvidos	72	72
olhos	32	32
Operações	12	12

os mesmos, encaminhados a exame medico.

Infelizmente não pudemos dar maior desenvolvimento a esse serviço, a nosso ver, de grande relevancia.

1 — *Instrucção Sanitaria em geral*

a) — em grupos e individual

A instrucção sanitaria não consta, sómente, das palestras nas classes, a grupos de alumnos mediante gravuras, diapositivos, etc., mas tambem é feita individualmente no recreio, na pesagem, ou quando qualquer descuido do escolar em relação á hygiene desperta a attenção da educadora.

Assim sendo, sua acção é continua, tenaz, e como tal, tem por força de ser efficaç e duradoura, como devemos esperar pelos trabalhos executados.

Instrucção em grupos	Neste anno	Até esta data
pesagem e mensuração	10	50
Habitos de hygiene	37	478
Verminose	64	224
Tuberculose	3	18
Peste bubonica	44	44
Febre typhoide	240	274
Total	398	1088

Instrução individual	Neste anno	Até esta data
Verminose	514	696
Habitos de hygiene	114	2.583
Hygiene pessoal em geral	503	614
Febre typhoide	186	186
Total.	1.317	4.079

b) — distribuição de impressos educativos.

Alem disso, a instrução sanitaria é fei-

ta tambem, por meio de impressos de que fizemos larga distribuição este anno, segundo o quadro abaixo.

	Neste anno	Até esta data
Impressos sobre pesagem e mensuração. . .	1.523	4.228
" " puericultura	179	179
" " verminose	1.887	4.665
" " habitos de hygiene	1.164	1.932
" " tuberculose.	—	88
" " peste bubonica	1.783	1.783
" " variola	2.712	2.712
" " febre typhoide.	3.582	4.871
" " exame medico.	327	435
Total.	13.157	20.893

c) — Instrução aos paes

Não sendo, ás vezes, bastante a instrução dada aos alumnos na escola, para obter delles um exame medico, material para exame etc. mister se faz que a educadora faça uma visita aos paes procurando convencel-os dos cuidados a serem dispensados aos filhos neste ou naquelle sentido.

Instituímos, pois, as visitas aos paes dos alumnos recalcitrantes, sendo, este anno, feitas em numero de 18.

d) — Puericultura

Levando em conta que a grande porcentagem da mortalidade infantil é devida muitas vezes, ao descuido e ignorancia das mães, e, vendo nas mocinhas que frequentam o 4.º anno dos grupos as futuras mães e auxiliares na criação de seus irmãosinhos, achamos de grande necessidade mi-

nistrar-lhes conhecimentos de puericultura que as orientassem nesse sentido.

Inauguramos, pois, sob os melhores auspícios, um curso de puericultura no Centro Modelo, sob a denominação de "Escola das Mãesinhas" destinado ás alumnas dos quartos annos dos Grupos.

Para isso, enviamos circulares, em numero de 179, ás mães convidando-as a assistir, em companhia de suas filhas, a essas demonstrações.

2 — Formação de habitos de hygiene.

Dedicamos um carinho todo especial a esta parte tão importante da instrução sanitaria.

e) — implantação do copo individual nas escolas.

Esforzamo-nos para implantar esse habito nas escolas, tendo-o, entretanto, con-

seguido em parte, dependendo, a sua completa adopção do esforço e bôa vontade de directores e professores.

Outro tanto podemos dizer a respeito do uso da toalha individual. Sugerimos, entretanto, que fosse adoptado, em vez do panno, para esse fim, o papel de calculo, barato e de larga distribuição nas escolas. A deficiencia e má adaptação das instalações adequadas tem difficultado o uso de lavar as mãos antes do lanche.

Entretanto os directores vão voltando as vistas para este importante problema.

f) — Instrucção sobre habitos em geral.

Temo-nos esforçado pela implantação de bons habitos em geral, por todos os meios ao nosso alcance, pela correcção dos maus habitos no momento opportuno, distribuição de impressos, etc.

g) — Trabalho experimental no "Jardim da Infancia."

Iniciados a 21 de Agosto os serviços de instrucção sanitaria no "Jardim da Infancia", o nosso principal interesse foi a implantação de habitos sadios nas creanças ahí reunidas, as de 4 a 7 annos.

3 — Prophylaxia.

Si o alumno não aprendesse a conhecer os meios que o levam a evitar os perigos que, ao redor de si ameaçam a sua integridade physica, de nada lhe adeantaria a instrucção sanitaria.

Procuramos pois, inculcar-lhes taes conhecimentos por meio de palestras, gravuras, diapositivos, etc.

h) Instrucção sobre verminose.

Continuamos a lhes mostrar o perigo dos vermes intestinaes e a necessidade do exame microscopico, tendo, nesse ponto, conseguido um bello resultado como atraz já ficou exposto.

i) — instrucção sobre tuberculose.

Continuamos a instrucção sobre o modo de tossir, escarrar, etc., emfim, sobre como se propaga e como se evita a tuberculose.

j) — instrucção sobre typhoide.

Desde 1925 já vimos fazendo propaganda efficaz, preconizando a vaccina anti-typhica, tendo já feito enorme distribuição de impressos educativos, prelecções e distribuição de vaccinas.

Esse movimento foi, entretanto, intensificado em julho do anno corrente no Grupo "Prudente de Moraes" e começado a 13 e 24 de Agosto, respectivamente, nos Grupos "Regente Feijó" e "Marechal Deodoro", entregando para maior efficiencia, a vaccina aos proprios alumnos para leval-as ás pessoas de suas familias.

Esse movimento se estendeu ás escolas particulares, tendo sido iniciado á 11 de Outubro, no Instituto Lievore.

Só este anno fizemos a distribuição de 15.974 vaccinas por via gastrica, e até esta data 15.980, o que demonstra cabalmente o exito alcançado, sendo de registrar o interesse das proprias familias que reclamavam, pelos alumnos, as vaccinas para seus membros.

Para alcançarmos esse resultado, foi necessario que um trabalho paciente e constante, fosse feito de classe em classe.

k) — instrucção sobre peste bubonica.

Tendo havido, em Março, alguns casos de peste bubonica, fizemos um trabalho de instrucção em todas as classes dos Grupos "Prudente de Moraes" e "Regente Feijó", procedendo a indagações sobre a existencia de ratos na residencia dos alumnos e sobre o contacto com doentes.

*
* *

Foram esses, em summa, os trabalhos por nós executados em 1926.

Convem frisar que a esses trabalhos foi dada maior amplitude, pois, sendo, em 1925, feito apenas em dois grupos ("Prudente de Moraes" e "Regente Feijó") passou tambem a ser executado no Grupo "Marechal Deodoro" e no "Instituto Lie-

vore", sendo iniciado respectivamente, a 21 de Agosto e a 11 de Outubro.

No "Jardim da Infancia" iniciamos a 21 de Agosto um trabalho experimental sobre habitos de hygiene.

O numero de visitas feitas ás escolas foi o seguinte :

Neste anno — 212

Até esta data — 342

O numero de escolares sob cuidado das educadoras foi de 3.251.

Resta acrescentar o interesse que vae despertando a instrucção sanitaria e a bôa vontade com que vae sendo recebida pelos directores, professores e escolares, o que nos serve de estimulo para proseguir na lucta em prol do nosso ideal, que é o de todos os brasileiros — o revigoroamento phisico da raça pela hygiene, para a grandeza do Brasil.

"Escola das Mãesinhas"

Em nosso contacto diuturno com as camadas populares mais desfavorecidas da fortuna, vimos observando o quanto de ignorancia reina entre as mães no tocante á arte de criar os filhos.

Muitos dos principios de hygiene, os mais comeseinhos, são, por ellas, desprezados.

A começar pelo modo de vestir a creança, até ao asseio corporal, á posição, ao somno, etc., em tudo reina um tal descaso que assombra os que se interessam pela saude da creança.

Que diremos então da alimentação? Mal cuidada, em qualidade e quantidade improprias, sem observancia de horario, mingaos e sopas mal preparados, falta de asseio nas mamadeiras e bicos...

Iriamos longe se fossemos ennumerar todos os pontos falhos mediante os quaes a saúde da creança periclita. E, vem, então, na melhor das hypotheses, o eterno

desfilar das creanças pelos dispensarios, quando não a morte prematura.

Em tudo e por tudo a ignorancia das mães, as responsaveis pelas parcellas que se vão amontoando no obituario infantil.

Não cabe ás mães, entretanto, grande culpa. Sómente a educação póde amparal-as contra esse mal avassalador.

Campanha formidavel e sagrada !

Educar as mães ! dizer-lhes quanto de cuidado e carinho merece a creança, á qual assiste, antes de tudo, o direito de viver !

Educar as mães ! seja a directriz de todos quantos se interessam pelo futuro da raça !

Educar ás mães ! seja a voz propagada aos quatro ventos por todo o Brasil !

Que á mãe brasileira não seja lançada a pecha infamante de causadora irresponsavel da morte do proprio filho a quem deu o ser !

*

* *

Sob a inspiração de tão grande necessidade na solução do problema da hygiene da creança, foi instituido, em Junho do corrente anno, um curso de puericultura em o Centro de Saude Modelo.

Obedecendo a um plano racional, sem preoccupações theoricas, destina-se a ministrar conhecimentos de puericultura, indispensaveis na vida pratica, não só ás mães que accorrem ao Centro, como ás alumnas dos annos adelantados das escolas publicas, ás futuras mães, as auxiliares na criação de seus irmãosinhos.

E' de ver a assiduidade com que comparecem ás aulas, o interesse demonstrado ao ser dado o banho em um bébé rechonehudo; a boa vontade com que aprendem o modo de confeccionar um enxovalzinho e recebem os moldes que lhe são distribuidos ! A attenção no lavar mamadeiras, ferver o leite, vestir, despir a creancinha,

o gosto que demonstram ao preparar o mingão, a sopa !

Adoráveis as phrases com que reproduzem as lições aprendidas, em composições escriptas.

Do que vimos fazendo, o programma abaixo, dá uma idéa clara e precisa.

PROGRAMMA :

- 1 — Enxoval de um recém-nascido — Como fazer as peças — Modo de usal-as — Moldes.
- 2 — Vestuario — como vestir a creancinha — Como despil-a — Roupas de accordo com a temperatura : no verão ; no inverno.
- 3 — Banho — Como dar banho a uma creancinha — Cuidados a observar.
- 4 — Somno da creança.
- 5 — Posição quando deitada, carregada e na mamadura.
- 6 — Desenvolvimento — Peso da creança.
- 7 — Aleitamento natural : — Vantagens — Hygiene da mãe quando amamenta — Technica da mamadura.
- 8 — Aleitamento natural : — Nos primeiros dias após o nascimento — Do 2.º ao 6.º mez — Horario.
- 9 — Alimentação mercenaria.
- 10 — Desmame — Introducção gradual de alimentos artificiaes — Alimentação da creança dos 6 mezes a 1 anno — De 1 a 2 annos.
- 11 — Alimentos usados para o desmame — mingãos, sopas de legumes, caldos, etc.
- 12 — Preparo de mingãos, sopas, etc.
- 13 — Alimentação mixta.
- 14 — Alimentação artificial : — Qualidades de um bom leite — Como e quando deve ser administrado á

creança — Como ferver o leite — Preparo das mamadeiras.

- 15 — Alimentação artificial : — Typos de mamedeiras e bicos — Bons e maus — Cuidados e asseio dos mesmos — Perigos da chupeta.
- 16 — Dentição.
- 17 — Perigos da poeira, dos beijos, da amizade com animaes, de apanhar restos do chão, etc.
- 18 — Lendas, superstições, bruxarias, quebranto, desmazello.
- 19 — Passeios.
- 20 — Ar livre.

Habitos de Hygiene no Jardim da Infancia

As creanças devem se exercitar na pratica de bons habitos de hygiene a começar desde a mais tenra idade.

Foi por essa razão que tentamos um trabalho experimental em o "Jardim da Infancia" que reúne creanças de 4 a 7 annos.

Nessa edade a creança deve considerar a hygiene como um brinquedo e um passatempo, pois o seu fim principal não deve ser, como já dissémos, adquirir conhecimentos, mas adquirir habitos cuja pratica lhe dê prazer. E' preciso, indispensavel mesmo, que a phantazia da creança entre em jogo no combate aos maus habitos.

Esse ensino deve ser transformado habilmente em um brinquêdo divertido, assumindo as verduras, a escova, o banheiro, o sabão, o ar fresco, o papel de genios protectores, emquanto o desasseio, os maus alimentos, etc. devem ser apontados á exeração da creança.

Outras faculdades devem trazer tambem a sua collaboração. Deve ser utilizado o gosto que a creança tem pela tesoura, lapis de côr, gomma arabica, para recortar figuras de accordo com historias allusivas a habitos de hygiene, coloril-as, grudal-as

em papel cartão e movimental-as a seu bél prazer.

E' manifesto o seu intêresse pelos contos e brinquedos que lhe constituem uma attracção sem cansaço ou aborrecimento.

Isto, e mais representações, poesias, musicas, facilitam, de muito, a execução dos habitos de hygiene.

Deve, a creança, de ante-mão, saber que praticando os habitos de hygiene, fica forte e bonita, augmenta seu peso, e é nisto que está o segredo e o fim principal do ensino.

Feitas as pesagens regularmente, e observados os augmentos e diminuições de peso, a creança deve ser lavada e comprehender a relação entre o peso e a saude, fazendo disso um brinquedo cujo juiz é a balança, que representa o ponto de partida de toda a formação de habitos da creança.

Ao lado disso, organisadas turmas dos "Amiguinhos do Asseio" têm as creanças de se exercitar na pratica de certos habitos, como lavar o rosto, escovar os dentes ao chegar á escola, lavar as mãos antes de tomar o lanche e mastigar bem os alimentos, tendo cada um o seu copo, toalha, sabão, etc.

Controlada a execução dos habitos de hygiene no lar por meio da revista de asseio, outras turmas virão fazer o seu treino, até que todos os alumnos por elle tenham passado.

Com estas suggestões temos estabelecido todo um programma de hygiene a ser posto em pratica nos Jardins, escolas maternas, primeiros annos dos grupos escolares.

*

* *

Dentre os trabalhos executados no "Jardim da Infancia" desde 21 de Agosto, destacamos os seguintes :

A necessidade do banho lhes foi mostrada através de uma historia: "Os animaes tomam banho", acompanhada de recortes cujos desenhos lhes foram distribuidos.

A prova de que as creanças gostaram é que, no dia seguinte e nos outros todas affiançaram á professora ter tomado banho.

Isto quer dizer que a repetição de historias identicas chamaria forçosamente a attenção da creança para o banho cuja pratica começaria a ser feita por espirito de novidade, por prazer, não por obrigação, acabando por se impôr, transformando-se em habito.

Os bons alimentos foram preconizados pela historia; A "Casa dos Bons Alimentos", cujas partes foram recortadas, coloridas, emfim, uma linda casa por ellas confeccionada.

A propaganda do leite foi feita pela "Lição sobre o Leite" e a das verduras, pela historia "A Verdureira" a que se seguiram recortes feitos segundo os desenhos distribuidos.

Foram a 12 de Outubro representadas duas pequenas comedias: "Os Amigos do Leite" e "O Inimigo da Escóva", com geral agrado dos assistentes.

Desse trabalho experimental tiramos a seguinte deducção; A formação dos habitos de hygiene, entre as creanças em idade pre-escolar deve ser sempre associada á recreação ao interesse para que offereça, a sua pratica, alegria e prazer.

D"O Brasil de Amanhã".

O trabalho do homem, é tanto mais productivo, quanto mais cultivada a sua intelligencia.

HORACIO GREELEY

ESCOLA NORMAL

Resultado dos exames de 1927

CURSO ANNEXO

Materias	CURSO ANNEXO	Approvadas com Distincção	Approvadas Plenamente	Approvadas Simplesmente	Reprovadas	Não obtiveram medias	Faltaram à Chamada	Obs.
Portuguez	"	—	7	9	3	13	1	
Francez.	"	1	9	5	1	—	1	
Geographia	"	1	5	6	—	—	1	
Historia Patria.	"	2	4	6	3	—	—	
Arithmetica.	"	2	7	3	—	—	1	
Calligraphia.	"	7	4	1	—	—	—	
	Total.	13	36	30	7	13	4	

CURSO NORMAL

PRIMEIRO ANNO

Materias	Approvadas com Distincção	Approvadas Plenamente	Approvadas Simplesmente	Reprovadas	Não obtiveram Medias	Faltaram à Chamada	Obs.
Portuguez.	—	4	3	4	—	6	
Francez.	—	1	8	1	—	7	
Arithmetica.	3	4	3	6	—	1	
Geographia Geral.	4	3	3	4	—	3	
Desenho	1	2	12	—	—	2	
Musica	—	6	6	4	—	1	
Educação Physica.	7	7	3	—	—	—	
	15	27	38	19	—	20	

SEGUNDO ANNO

Materias	Approvadas com Distincção	Approvadas Plenamente	Approvadas Simplemente	Reprovadas	Não obtiveram Medias	Faltaram à Chamada	Obs.
Portuguez	—	—	1	—	—	1	
Arithmetica e Noções de Algebra	—	—	2	—	—	—	
Historia do Brazil	—	—	—	—	—	—	
Chrorographia do Brazil.	—	—	1	1	—	—	
Phisica	—	—	2	—	—	—	
Desenho	—	1	1	—	—	—	
Musica	—	1	—	1	—	—	
Educação Phisica.	—	2	—	—	—	—	
	—	4	7	2	—	1	

TERCEIRO ANNO

Materias	Approvadas com Distincção	Approvadas Plenamente	Approvadas Simplemente	Reprovadas	Não obtiveram Medias	Faltaram à Chamada	Obs.
Portuguez	—	2	5	7	—	—	
Historia Universal	3	6	1	—	—	4	
Chimica	—	2	7	2	—	3	
Geometria	2	1	6	5	—	—	
Desenho	—	6	4	—	—	4	
Cosmog. e Cartographia	—	7	3	—	—	4	
Musica	—	2	5	6	—	1	
Educação Phisica.	3	1	10	—	—	—	
	8	27	41	20	—	16	

QUARTO ANNO

Materias	Approvedas com Distinção	Approvedas Plenamente	Approvedas Simplemente	Reprovadas	Não obtiveram Medias	Faltaram a Chamada	Obs.
Portuguez Historico e Literatura portu- gueza e brasileira	—	6	9	3	—	—	
Historia Natural e Hygiene escolar.	—	—	17	—	—	1	
Pedagogia.	—	3	7	1	—	1	
Methodologia	—	2	15	—	—	1	
Musica	—	4	11	3	—	—	
Educação Physica.	13	4	1	—	—	—	
	13	19	60	7	—	3	

Os inimigos do professor

(RENATO DE ALENCAR)

O lar é um delles. No lar é que se destróe o que aprende o alumno na escola. Mas o descalabro vae mais longe no des-côco : fazem do discipulo um inimigo do mestre.

Excepções não faltam, de certo, e eu de-sejaria que, a que abro agora, podesse tam-bem abrigar o leitor.

Inspirou-me este artigo um facto mole-do.

Naquelle dia o professor chamára, por varias vezes, a attenção de certo discipulo, para os numeros de gymnastica sueca, obri-gatoria para todo o collegio, cujos nume-ros não eram correctamente obedecidos pelo tal escolar, que, claramente, se mostrava aborrecido com a instrução.

O professor o repreendeu, chamando sua attenção para o curso e respeito ao regime do educandario.

O rapaz ficou amuado. Depois da aula ás 14 horas, la se foi elle para sua casa.

Pouco tempo depois chega o pae ao col-legio. Quer um particular com o profes-sor. E' satisfeito, e, começa assim :

— Venho pagar o mês do menino e ti-ral-o do collegio.

— Pois não. — Responde o mestre. —

— Não me serve mais conserval-o aqui.

— Sim senhor. — Concorda o profes-sor, calmo. — E o homem proseguiu :

— Chegou-me em casa, hoje, chorando. Explicou-me depois que havia sido descom-

posto pelo senhor, porque não queria fazer uma tal de gymnastica sueca...

— Aqui tem a conta. — Fez o mestre não desejando dar satisfações áquelle selvagem. Elle não se deu por achado e continuou :

— Então, professor, só porque meu filho não quer fazer exercicios, está sujeito a censuras ?...

Professor calado.

— Não voltará mais !

E lá se foi o homem com sua raiva. Parece que o estou a ver, zangado, a dar razões ao filho :

— Fez bem ! Devia ter mandado aquelle idiota plantar batatas !

Ora, não vê ! Querer mandar mais no meu filho do que eu ! e o filho radiante, satisfeito por se ver sobrepujando o mestre, a quem não mais respeitará ou considerará, pelo menos. Podendo o humilhará no primeiro encontro.

Entretanto, nada mais util ao corpo e ao espirito do que a instrucção physica. O exercicio methodico, regular, systematico, normal e racionalmente applicado ao corpo, é a maior garantia para o exito de quem estuda.

E imaginar-se que, em nosso seculo e em nosso pais ainda se encontrem desses paes, quando sabemos que, 700 annos antes de Christo, ja os espartanos reconheciam a importancia da educação physica, subministrando-a a ambos os sexos !

Depois, os gregos, os romanos seguiram o mesmo regime, sendo o *mens sana in corpore sano*, um paradigma.

Com a instituição da pedagogia como arte scientifica da educação todos os paes têm procurado intensificar a educação physica entre a mocidade escolar e nos quartéis para a formação de raças fortes.

Por isso escreveu o emerito pedagogista alemão, Locke :

“Um espirito são em um corpo são, tal é a breve, mas completa definição da felicidade neste mundo”. O lar, porém, critica sempre o esforço do mestre, ridicularisa e destróe a obra do professor.

Entre os povos de origem saxonica ou anglo-saxonica, não tanto. Talvez nenhum lar o faça. Mas entre os povos latinos, maxime no Brasil, a escola é apenas uma especie de cadeia, de casa correccional que só serve para prender menino.

Quando o professor procura convencer os paes de que devem obrigar o filho a fazer exercicios, elles replicam em cima da lúcha :

“Ora ! isto é tolice ! Nós nunca fizemos isso, e, entretanto estamos vivos !”

Os ensinamentos de Spenser, de Marion, Amoros, *melle*. Chalamet, etc. são recebidos com risos de mofa...

Mas é defeito de herança. Somos um povo de pessimos antecedentes ethico-historicos neste sentido.

Ja o Eça nos “Maias” criticava a educação em Portugal servindo-se daquelle pequeno Carlinhos. Um inglês, Mr. Brown era o preceptor do menino. Ao invés de ensinar-lhe taboada, analyse logica com o Camões á frente e rezas do cathecismo dava-lhe salutaros exercicios physicos, racional educação muscular, prescrevia-lhe restauradores passeios equestres.

Certa vez, uma tia velha, com a mãe do Carlos, interpellou o inglês porque não ensinava cathecismo, doutrina christã, ao pequeno. Ao que o inglês respondeu, forte como um touro: “*primerro forrça, primerro forrça !*”

Ahi está de onde nos vem o defeito . . .

NOTICIÁRIO



VIDA ESCOLAR

JANEIRO — 1928

DIA 13

Por decreto n. 4 de 12 de janeiro de 1928, o Exm. Sr. Governador transferiu as 13.^a e 22.^a cadeiras, isoladas, vagas, do perímetro urbano para os bairros da Levada e Jacutinga desta capital na ordem em que se acham collocadas.

— Foi jubilada, com todos os vencimentos, a professora publica, do povoado Branca, Municipio de Atalaia, D. Antonia Correia da Silva, conforme requereu, em vista de se achar impossibilitada de continuar no exercicio do alludido cargo e contar mais de 30 annos no magisterio publico.

— Conforme pediu, foi removida a professora publica de instrucção primaria da cadeira de 1.^a categoria da Villa de Limoeiro de Anadia, D. Anna Correia da Silva, para uma cadeira vaga da mesma categoria.

— Foi removida, por conveniencia do ensino publico, a professora de instrucção primaria da cadeira do sexo masculino da cidade de Porto de Pedras, D. Eudesia Santos, para a cadeira mixta, vaga, do povoado Jacuhype, Municipio de Porto Calvo.

— Foi removida, por conveniencia do ensino publico, a professora que ora serve no Grupo Escolar "Diegues Junior", desta Capital, D. Adelia Accioly de Vasconcellos, para o Grupo Escolar "Cincinato Pinto", desta cidade, e foi designada para substitui-la, em commissão, no referido Grupo, a professora da cadeira mixta do

povoado Barra, Municipio de Camaragibe, D. Judith Mattos.

— Foi removida, por conveniencia do ensino, a professora da 1.^a cadeira isolada de Bebedouro, arrabalde desta cidade, D. Amelia de Albuquerque Mello, para a cadeira do bairro do Jacutinga, desta Capital.

— Foi removida, por conveniencia do ensino, a professora da 8.^a cadeira isolada do bairro da Levada, desta capital, D. Rosa Virgolina Alves de Amorim, para a 3.^a cadeira isolada, vaga, de Bebedouro, arrabalde desta cidade.

— Foram removidas, por conveniencia do ensino, as professoras publicas D. D. Celsa de Assis Romão Velloso, da cadeira mixta de Ponta Grossa para a 1.^a cadeira isolada da Levada, desta Capital; Celina Barbosa Batinga, da cadeira mixta da cidade de Penedo, para a 8.^a cadeira isolada da Levada, desta Capital; Maria Cecy Malheiros, da cadeira mixta do Flechal, suburbio desta cidade, para a 1.^a cadeira isolada de Bebedouro, nesta Capital; Alice Brandão Coêlho, da cadeira mixta de Cajueiro Grande, arrabalde de Penedo, para a cadeira mixta da mesma cidade; Francisca Augusta de Oliveira, da 1.^a cadeira isolada da Levada, desta Capital, para a cadeira vaga, do povoado Ipioca, deste Municipio; e, a pedido, Anna Correia da Silva, da cadeira de 1.^a categoria da Villa de Limoeiro, Municipio do mesmo nome, para a cadeira mixta, vaga, de 3.^a categoria, do povoado Carrapato, deste Municipio.

— Foram designadas as professoras publicas que ora servem, respectivamente, nos Grupos Escolares "Ambrozio Lyra", da cidade de Camaragibe e "Torquato Ca-

bral" da do Parahyba, D. D. Maria do Carmo Tavares Sampaio e Maria Carmelita Jucá, para a 13.^a cadeira isolada, vaga, do bairro, da Levada e de Ponta Grossa, desta Capital.

DIA 14

Foram removidas, a pedido, as professoras publicas D. D. Cecilia Helcias da Silveira, da cadeira de 1.^a categoria do sexo feminino da Villa de Bello Monte, Municipio do mesmo nome, para a de igual categoria, vaga, da Villa de Porto Real do Collegio; Hosanna Couto Guimarães, da cadeira mixta de 1.^a categoria do povoado Pontal, Municipio de Coruripe, para a cadeira vaga, de 2.^a categoria, do povoado Coqueiro Secco, Municipio de Santa Luzia do Norte.

— Foi considerado sem effeito o acto nomeando o cidadão Antonio Costa, para o cargo de Inspector Rural do Ensino do povoado Utinga, Municipio de Santa Luzia do Norte, por não haver assumido o respectivo exercicio no prazo legal; e foi nomeado, para substituil-o, o cidadão Miguel Gomes Bomfim.

— Foi nomeado o cidadão Mauro Brandão de Moura, para exercer o cargo de Inspector Rural de Ensino do povoado Barra da Caçamba, Municipio de Viçosa.

— Foram exonerados os cidadãos Antonio dos Santos Cunha e José Simplicio da Rocha, dos cargos, respectivamente, de Inspector Rural de ensino dos povoados Tatuamunha, Municipio de Porto de Pedras, e Tapera, Municipio de Anadia e foram nomeados, para substituil-os, os cidadãos Mariano da Cunha Mendonça e Zacharias Trindade.

DIA 15

Benedicto Cunegundes da Silva, professor publico de instrucção primaria, pediu sua jubilação na fórmula da lei n. 1054,

de 16 de Junho de 1925, por não poder continuar a exercer o magisterio em virtude de seu estado de saúde e contar mais de 30 annos de exercicio effectivo.

Foram designados os Drs. Abelardo Duarte, João Vasconcellos e José Carneiro de Albuquerque para comporem a segunda junta medida de inspecção de saúde a que se deve submeter o requerente.

— D. Leonilla de Assis Lima, professora publica da cadeira do sexo masculino do povoado Fernão Velho, deste Municipio, pedindo sua jubilação de accordo com a lei n. 1.054, de 16 de Junho de 1925, por não poder continuar a exercer o magisterio, em vista do seu estado de saúde e contar mais de 27 annos de exercicio effectivo.

Foram designados os Drs. Abelardo Duarte, João Vasconcellos e José Carneiro de Albuquerque para comporem a segunda junta medica de inspecção de saúde a que se deve submeter a requerente.

— D. Hermelinda Barbara de Souza Mello, professora publica de Palmeira de Fôra, Municipio de Palmeira dos Indios, pedindo sua jubilação por não poder continuar a exercer o magisterio e contar mais de 30 annos de effectivo exercicio — Foram designados os Drs. Abelardo Duarte, João Vasconcellos e José Carneiro de Albuquerque para comporem a segunda junta medica de inpecção de saúde a que se deve submeter a requerente.

— Foram concedidos, a D. Auta de Oliveira Souza, professora publica do povoado Piquete, em S. José da Lage, 60 dias de licença, sem vencimentos, para tratar de negocios de seu particular interesse.

— Conforme pediu, foi exonerado o cidadão Francisco Ferreira da Rocha, do cargo de membro da Junta Escolar do Municipio de Victoria.

DIA 17

Sebastião Felisberto dos Santos, profes-

sor subvencionado do Municipio S. Luiz do Quitunde, pedindo 60 dias de licença para tratamento de sua saúde.

Foram designados os Drs. José Carneiro de Albuquerque, Manoel Gonçalves Ferreira e Alberto Lins Coelho da Paz para inspecionarem de saúde o professor publico Sebastião Felisberto dos Santos, no dia 19 do corrente, ás 14 horas, no estabelecimento onde funciona a Escola Normal.

— D. Elisa Gomes Ribeiro, professora publica do povoado Mundahú-mirim, Municipio de União, pedindo 3 mezes de licença, para tratamento de sua saúde.

Foram designados os Drs. José Carneiro de Albuquerque, Manoel Gonçalves Ferreira e Alberto Lins Coelho da Paz, para inspecionarem de saúde a professora publica D. Elisa Gomes Ribeiro, no dia 19 do corrente, ás 14 horas, no estabelecimento onde funciona a Escola Normal.

— D. Benedicta de Araujo Oliveira pedindo 3 mezes de licença para tratamento de saúde.

Foram designados os Drs. José Carneiro de Albuquerque, Manoel Gonçalves Ferreira e Alberto Lins Coelho da Paz, para inspecionarem de saúde a professora publica D. Benedicta de Araujo Oliveira, no dia 19, ás 14 horas, no estabelecimento onde funciona a Escola Normal.

— D. Maria Celeste Vieira dos Santos, professora publica da Villa de Junqueiro, no mesmo sentido.

Foram designados os Drs. José Carneiro de Albuquerque, Manoel Gonçalves Ferreira e Alberto Lins Coelho da Paz, para inspecionarem de saúde a professora publica D. Maria Celeste Vieira dos Santos, no dia 19 do corrente, ás 14 horas, no estabelecimento, onde funciona a Escola Normal.

DIA 18

Conforme pediu, foi removida, a profes-

sora publica da cadeira mixta de 1.^a categoria do povoado Jundiá, Municipio de Porto Calvo, D. Rosalia Correia de Mendonça, para a cadeira, vaga, de 1.^a categoria do sexo masculino da cidade de Porto de Pedras.

— Foi jubilada, com todos os vencimentos, a professora publica do povoado Porto da Rua, Municipio de Porto de Pedras, D. Maria Hortencia de Souza Leão, visto, se achar impossibilitada de continuar as suas funções, segundo os laudos medicos de inspecção de saúde a que a mesma se submetteu, e contar mais de 30 annos de exercicio effectivo.

— Foi exonerada D. Leonor Assumpção do cargo de professora publica do Grupo Escolar "Torquato Cabral", da cidade do Parahyba, conforme pediu.

DIA 19

O Exm.^o Snr. Governador do Estado, por acto de 9 de janeiro, resolveu que a professora publica da cadeira mixta subvencionada da Avenida do Prado, nesta Capital, D. Maria Augusta da Silva Barretto, tenha exercicio effectivo no Flechal, suburbio desta mesma Capital, para onde foi transferida aquella cadeira, por decreto desta data.

— Foi removida a professora publica da cadeira de 2.^a categoria, do sexo masculino da cidade de Triumpho, Municipio do mesmo nome, D. Euthalia Besouchet Silva, para a cadeira mixta, vaga, de 3.^a categoria, de Cajueiro Grande, Municipio de Penedo, e a professora publica de 1.^a categoria do sexo feminino da cidade de Traipú, D. Clotildes Alves de Lima, para a cadeira de 2.^a categoria do sexo masculino da cidade de Triumpho, conforme pediram.

DIA 20

D. Rosa Virgolina Alves de Amorim,

professora publica de instrucção primaria da 8.^a cadeira isolada do bairro da Levada, suburbio desta cidade, pedindo a sua jubilação, por contar mais de 30 annos de effectivo exercicio e não poder mais continuar a exercer as suas funcções, devido ao seu estado de saude. Foram designados os Drs. José Carneiro de Albuquerque, José Rodrigues Mauricio e Hebreliano Wanderley para comporem a primeira junta medica de inspecção de saúde a que se deve submeter a requerente.

— D. Anna Sampaio de Campos Machado, professora publica da cadeira mixta da cidade de Triumpho, pedindo sua jubilação, com o tempo que tiver de serviço, por não poder continuar a exercer o magisterio primario, em virtude do seu estado de saúde. Foram designados os Drs. José Carneiro de Albuquerque, José Rodrigues Mauricio e Hebreliano Wanderley para comporem a primeira junta medica de inspecção de saúde a que se deve submeter a requerente.

— D. Antonia Brandão de Mello, professora publica da cadeira mixta da cidade de Maragogy, pedindo sua jubilação com tempo que tiver de serviço, por não poder mais continuar a exercer as suas funcções, devido ao seu estado de saude. Foram designados os Drs. José Carneiro de Albuquerque, José Rodrigues Mauricio e Hebreliano Wanderley para comporem a primeira junta medica de inspecção de saude a que se deve submeter a requerente.

— Foi nomeada D. Maria Lisbôa de Albuquerque para exercer o cargo de professora extra-numeraria da cadeira do sexo masculino, vaga, da cidade de Paulo Affonso, Municipio do mesmo nome.

— Foi nomeado o Bacharel Augusto Pereira da Costa, Juiz Substituto do Municipio de Victoria, para exercer o cargo de Membro da Junta Escolar.

Dia 21

Foi nomeada a alumna mestra D. Regina Wanderley Lima, professora effectiva de 1.^a entrancia da 10.^a cadeira isolada, vaga, de 3.^a categoria do bairro da Levada, desta capital, de accordo com o art. 117 do Regulamento da Instrucção Publica.

DIA 22

O Exm.^o Sr. Governador do Estado indeferiu, por acto de 22 de janeiro, o pedido da professora D. Amalia Leite, de mais 12 mezes de licença, em prorogação da de um anno de que se acha em gozo, para tratamento de sua saúde.

— D. Maria Ritta de França, professora publica da cadeira mixta do povoado Ipioca, deste Municipio, pedindo sua jubilação, com o tempo que tiver de serviço, por achar-se physicamente impossibilitada de exercer o magisterio primario.

Foram designados os Drs. José Rodrigues Mauricio, José Carneiro de Albuquerque e João Vasconcellos para comporem a primeira junta medica de inspecção de saúde a que se deve submeter a requerente.

— D. Francisca Augusta de Oliveira, professora publica da 1.^a cadeira isolada desta Capital, pedindo sua jubilação por achar-se physicamente impossibilitada de exercer as suas funcções e contar mais de trinta annos de effectivo exercicio no magisterio primario. Foram designados os Drs. José Rodrigues Mauricio, José Carneiro de Albuquerque e João Vasconcellos, para comporem a primeira junta medica de inspecção de saúde a que se deve submeter a requerente.

— O Exm.^o Sr. Governador do Estado, por acto de 22 de janeiro nomeou o Bacharel Eduardo Magalhães da Silveira, para exercer o cargo de Director do Grupo Escolar "Diegues Junior", desta capital.

— Foi exonerada a alumna-mestra, D. Maria de Lourdes Braga, do cargo de pro-

fessora adjunta, do Grupo Escolar "Torquato Cabral", da cidade do Parahyba.

— Foi nomeada a alumna-mestra, D. Maria de Lourdes Braga, para exercer o cargo de professora effectiva de 1.^a entrada da cadeira mixta, vaga, de 1.^a categoria do povoado Branca, Municipio de Atalaia.

DIA 26

Foi considerado, por acto de 26 de janeiro, sem effeito o de 20 de julho do anno findo, nomeando o Bacharel Oscar Heitor Cavalcante Borges, para exercer o cargo de Membro de Junta Escolar, do Municipio de Arapiraca, visto não ter assumido o respectivo exercicio, e nomeado para exercer dito cargo o cidadão José Gomes Correia.

— Foi exonerado o cidadão Antonio Arnaldo Bezerra Cansangão, de igual cargo no Municipio do Pilar, e nomeado, para substituil-o, o cidadão Modesto Lins.

— Foi exonerada D. Maria Augusta da Silva Barreto, do cargo de professora publica subvencionada da cadeira mixta do Flechal, arrabalde desta cidade, conforme pediu.

— Foi jubilada, com todos os vencimentos, a professora publica de instrução primaria da cadeira do sexo feminino do povoado Palmeira de Fóra, Municipio de Palmeira dos Indios, D. Hermelinda Barbara de Souza Mello, conforme requereu, visto se achar impossibilitada de continuar a exercer suas funções, segundo os laudos medicos de inspecção de saúde a que a mesma se submetteu, e contar mais de trinta annos de exercicio effectivo.

— Sebastião Felisberto dos Santos, professor publico subvencionado da cadeira do povoado Flecheiras, Municipio de São Luiz do Quitunde, pedindo 60 dias de licença, com os vencimentos da lei, para tratamento de saúde. Foram concedidos dois mezes, na fórmula da lei.

— Foram concedidos 30 dias de licença, para tratar de sua saúde, á professora D. Ritta de São José Brennand, que ora serve no Grupo Escolar "D. Pedro II", desta Capital.

— A. D. Laura Moreira Lima, professora publica da cadeira de musica do Grupo Escolar "Fernandes Lima", foram concedidos 90 dias de licença, na forma da lei.

— Foi indeferido o pedido, de D. Elisa Gomes Ribeiro, professora publica do povoado Mandahú Meirim, Municipio de União, de 3 mezes de licença, com os vencimentos da lei, para tratamento de saúde.

— D. Maria Celeste Vieira dos Santos, professora publica da Villa de Junqueiro, pedindo 3 mezes de licença, com os vencimentos da lei, para tratamento de saúde. Foram concedidos sessenta dias, na forma da lei.

— D. Benedicta de Araujo e Silva, professora publica do povoado Flecheiras, Municipio de São Luiz do Quitunde, pedindo 3 mezes de licença, com os vencimentos da lei, para tratamento de saúde. Foram concedidos 30 dias, na fórmula da lei.

— D. Maria Ritta de França, professora publica da cadeira do povoado Ipioca, deste Municipio, pedindo sua jubilação, com vencimentos proporeionaes ao tempo de serviço, por não poder continuar a exercer o magisterio, em virtude de seu estado de saúde. Foram designados os Drs. José Mauricio e Hebreliano Wanderley, para comporem a primeira junta medica de inspecção de saúde a que se deve submitter a requerente.

DIA 27

Foi exonerada, a pedido, D. Annete de Mesquita, professora publica extranumeraria da 2.^a cadeira isolada do sexo masculino da cidade de Pão de Assucar.

— Foi indeferido, em vista das conclusões dos laudos de inspecção de saúde, o pedido de jubilação, de D. Leonilla de Assis Lima, professora publica da cadeira do sexo masculino do povoado Fernão Velho, deste Municipio.

DIA 28

Foi nomeado por acto de 28 de janeiro, o cidadão Delfirio Amaral, para exercer o cargo de Porteiro do Grupo Escolar "Diégues Junior" desta capital.

DIA 31

Foi concedido a D. Edith Amaral de Athayde, professora publica, que ora serve em comissão no Grupo Escolar "Ambrosio Lyra", da cidade de Camaragibe, um anno de licença, sem vencimentos, para tratar de negocios de seu particular interesse.

— Foi mandado pagar a D. Maria Carmelita Jucá, professora publica da 13.^a cadeira isolada da Ponta Grossa, arrabalde desta Capital, a ajuda de custo a que tem direito, na fórmula do Regulamento da Instrucção Publica em vigor.

— Foi designada a professora publica da cadeira mixta do povoado Branca, Municipio de Atalaia, D. Maria de Lourdes Braga, para servir, em comissão, no Grupo Escolar "Torquato Cabral", da cidade do Parahyba.

— O Exm.^o Sr. Governador do Estado exonerou a alumna-mestra, D. Nathercia Alexandrina de Mello, do cargo de professora extranumeraria da cadeira mixta do povoado Páo Amarello, Municipio de Limoeiro, nomeando-a para exercer o cargo de professora effectiva de 1.^a entrancia da cadeira mixta de 1.^a categoria, vaga, do povoado Pontal, Municipio de Coruripe.

— Foram nomeadas as alumnas mestras, D. D. Alcidomira Marina de Abreu, Hy-

gina Coelho e Maria Judith Malta de Sá, para exercerem, respectivamente, os cargos de professoras effectivas de 1.^a entrancia das cadeiras de 1.^a categoria, vagas, mixta e do sexo femenino do povoado Branca, Municipio de Aatalaia, villa de Limoeiro, Municipio do mesmo nome, e povoado Pedra, Municipio de Agua Branca.

FEVEREIRO

DIA 2

Foram concedidos 3 mezes de licença, com o ordenado, a D. Maria Percê de Carvalho, professora publica de Coruripe, para tratamento de sua saúde.

— D. Perminia Bonifacio de Oliveira, professora publica do povoado Apollonia, Municipio de Santa Luzia do Norte, pedindo sua jubilação, na fórmula da lei. Foram designados os Drs. José Carneiro de Albuquerque, João Vasconcellos e Abelardo Duarte, para comporem a segunda junta medica de inspecção de saúde a que se deve submeter a requerente.

— Foi exonerada a alumna-mestra, D. Maria dos Anjos de Oliveira Pinto, do cargo de professora adjuneta do Grupo Escolar "Messias de Gusmão", da cidade de São Luiz do Quitunde.

— Foi nomeada, para exercer o cargo de professora effectiva de 1.^a entrancia da cadeira mixta, vaga, de 1.^a categoria, do povoado Barra, Municipio de Camaragibe, D. Maria dos Anjos de Oliveira Pinto.

— Foi nomeada a alumna-mestra, D. Maria do Carmo Macedo, para exercer o cargo de professora effectiva de 1.^a entrancia da cadeira mixta, vaga, de 1.^a categoria do povoado São Bento, Municipio de Maragogy.

DIA 4

Foi exonerada, a pedido, D. Maria Ritita da Silva, professora publica da cadeira

do sexo feminino da villa de Santa Luzia do Norte.

— Conforme pediu, foi exonerada D. Percilia Nogueira de Souza, professora publica subvencionada do povoado Campo Grande, em Muricy.

— Foi exonerado o cidadão Propicio Vieira de Almeida do cargo de Inspector Rural de Ensino do povoado Riachão, Municipio do Parahyba, por não poder residir no alludido povoado.

DIA 5

Foi nomeada a alumna-mestra, D. Noemia Baptista de Nazareth, para exercer o cargo de professora effectiva de 1.^a entrada da cadeira mixta, vaga, de 1.^a categoria do povoado Itajubá, Municipio de Leopoldina.

— O Exm.^o Sr. Governador do Estado, por acto de 5 de fevereiro resolveu que as professoras publicas de instrucção primaria das 8.^a, 9.^a e 10.^a cadeiras isoladas do bairro da Levada, desta capital, e da cadeira mixta de Ponta Grossa, desta cidade, D. D. Celina Barbosa Batinga, Maria do Carmo Tavares Sampaio, Regina Wanderley Lima e Maria Carmelita Jucá, tenham, respectivamente, exercicio effectivo na Escola Reunida "Thomaz Espindola", daquelle bairro, para onde foram transferidas aquellas cadeiras por decreto desta data.

DIA 6

— Foi mandado pagar á professora publica, D. Maria do Carmo Tavares Sampaio a ajuda de custo, por ter sido transferida para a Escola Reunida "Thomaz Espindola", do bairro da Levada, desta cidade.

— D. Claudemira dos Anjos Cavalcante, professora publica da cadeira mixta do povoado Mandahú Mirim, Municipio de

União, pedindo sua jubilação, na forma da lei, por não poder continuar a exercer o magisterio, devido ao seu estado de saude e contar mais de 30 annos de effectivo exercicio. Foram designados os Drs. José Carneiro de Albuquerque, Leorne Menezal e José Rodrigues Mauricio, para comporem a segunda junta medica de inspeção de saude a que se deve submitter a requerente.

— Foram concedidos 5 mezes de licença, sem vencimentos, a D. Elisa Gomes Ribeiro, professora publica da cadeira mixta do povoado Mandahú-Mirim, no Municipio de União.

DIA 7

— Foram justificadas 20 faltas dadas pela professora, D. Maria dos Anjos de Oliveira Pinto e 20 dadas pela professora D. Elizabeth Campos Barbosa.

— Foram justificadas 20 faltas dadas por D. Laura Cavalcante Lins, professora publica que ora serve no Grupo Escolar "Messias de Gusmão", da cidade de São Luiz do Quitunde.

DIA 10

Foi nomeada a alumna mestra, D. Nair Cordeiro dos Santos, para exercer o cargo de professora adjunta do Grupo Escolar "Diegues Junior", desta cidade.

— Foi nomeada a alumna-mestra, D. Olivia de Araujo e Silva, para exercer o cargo de professora effectiva de 1.^a entrada da cadeira de 1.^a categoria do povoado Branca Municipio de Atalaia.

— Foi designada a professora publica de instrucção primaria da cadeira mixta do povoado Branca, Municipio de Atalaia, D. Alcimira Marina de Abreu, para servir, em commissão, no Grupo Escolar "Torquato Cabral", da cidade do Parahyba.

— Foi removida a professora adjunta do Grupo Escolar "Diegues Junior", desta cidade, D. Octacilla Marques de buquerque, para igual cargo na escola Reunida "Thomaz Espindola", do bairro da Levada.

— Foi removido, com decesso, o professor publico de instrucção primaria da cidade de Leopoldina, cidadão João Cancio de Andrade, para a cadeira de igual sexo do povoado Pedra, Municipio de Agua Branca.

— Foi nomeado o cidadão Manoel Iago de Mello Aguiar Filho para o cargo de Inspector Rural de ensino da Chã de Bebedouro, desta Capital.

— Foi mandado pagar a D. Alcimira Marina de Abreu, professora publica do povoado Branca, em Atalaia, a ajuda de custo a que tem direito na forma do Regulamento da Instrucção Publica em vigor.

— D. Josepha Leite de Souza Lima, professora publica da cadeira do sexo feminino de Sant'Anna de Ipanema, pedindo sua jubilação por contar mais de 30 annos de exercicio effectivo no magisterio e achar-se impossibilitada de continuar a exercer suas funcções.

Foram designados os Drs. José Mauricio da Rocha, Hebreliano Wanderley e João Vasconcellos, para comporem a 2.^a junta medica de inspecção de saude a que se deve submitter a requerente.

— Foi indeferido, em face dos laudos das duas juntas medicas a que se submetten, o pedido de aposentadoria do professor Benedicto Cunegundes da Silva.

— D. Adelia Paulina da Costa, professora publica da cadeira mixta de Sant'Anna do Ipanema, no mesmo sentido.

Foram designados os Drs. José Mauricio da Rocha, Hebreliano Wanderley e João Vasconcellos, para comporem a segunda junta medica de inspecção de saude a que se deve submitter a requerente.

— Foram concedidos 90 dias de licença,

sem vencimentos, a D. Helena Galvão Cavendish, professora contractada do Grupo Escolar "Fernandes Lima", desta cidade.

— Foi concedido um anno de licença, sem vencimentos, a D. Latura Cardoso de Vasconcellos, professora publica que ora serve no Grupo Escolar "Torquato Cabral", do Parahyba.

DIA 12

Foi mandado pagar a D. Florisbella de Lima Soares, professora publica de Annel, Municipio de Vigosa, a ajuda de custo a que tem direito, de accordo com o regulamento da Instrucção Publica.

— Foi nomeada a alumna-mestra, D. Alice Salles Nascimento, para exercer o cargo de professora effectiva de 1.^a entancia da cadeira mixta, vaga, de 1.^a categoria, do povoado Caxangá, Municipio de Porto Calvo.

— Foi nomeado o cidadão João Pedro Xavier de Souza para exercer o cargo de Membro da Junta Escolar do Municipio de Santa Luzia do Norte.

— Foi exonerado o cidadão João Feliciano de Mello, do cargo de Inspector Rural do ensino do Povoado Lagôa da Canôa, Municipio de Traipú.

Foi nomeado, para substituil-o, o cidadão Francisco Bezerra de Sant'Anna.

— Foi exonerado o cidadão Serapião Rodrigues de Macedo do cargo de Presidente da Junta Escolar do Municipio de Piassabussú, por não residir mais no alludido Municipio.

— Foi nomeado o cidadão Pedro de Lima Castro, para o cargo de Presidente da Junta Escolar do Municipio de Piassabussú.

DIA 14

Foram concedidos 60 dias de licença, a D. Elisabeth Campos Barbosa, professora

publica que ora serve no Grupo Escolar "Messias de Gusmão", de S. Luiz do Quitunde, para seu tratamento.

DIA 15

D. Hortencia de Campos Barboza, professora publica da cadeira mixta de Cruz de Almas, Municipio da Capital, reque-rendo um mez de licença, para seu trata-mento.

Foram designados os Drs. Arthur Sampaio, José Carneiro e Hebreliaso Wanderley, para comporem a junta medica de inspecção de saúde a que tem de se sub-metter a supplicante, ás 14 horas do dia 16 deste mez, na Escola Normal.

DIA 16

Foram justificadas 17 faltas dadas pela professora extranumeraria da cadeira do sexo feminino da cidade de Maragogy, D. Maria José da Silva.

— Foi designado o lente cathedratico da cadeira de Francês do Lyceu Alagoano, professor Agnello Marques Barbosa, para prover a cadeira de Arithmetica e Algebra, da Escola Normal.

DIA 17

Foi exonerado o cidadão Manoel Messias de Gusmão do cargo de Director do Grupo Escolar "Messias de Gusmão", da cidade de São Luiz do Quitunde, conforme pediu, e foi nomeado o Bacharel Luiz Potiguar de Oliveira Fernandes para substituil-o.

— Foi nomeada a alumna-mestra, D. Esmeraldina da Cunha Gomes, para exercer o cargo de professora effectiva de 1.^a entrancia da cadeira de 1.^a categoria do povoado Branca, Municipio de Atalaia.

— Foi designada a professora publica

de instrucção primaria da cadeira mixta do povoado Branca, Municipio de Atalaia, D. Olivia de Araujo e Silva, para servir, em commissão, no Grupo Escolar "Torquato Cabral", da cidade do Parahyba, e foi nomeada D. Maria Candida Duarte, para exercer o cargo de pofessora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira mixta, vaga, do povoado Cacimb-nhas, Municipio de Palmeira dos Indios.

DIA 23

Foi nomeada a alumna mestra, D. Maria Yvonne Torres, para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado da 1.^a cadeira, vaga, do sexo feminino da cidade de Viçosa.

DIA 24

Bacharel Archimedes Gomes da Nobrega, Inspector Geral de Ensino, pedindo 90 dias de licença para seu tratamento: Foram designados os Drs. José Carneiro, João Vasconcellos e Hebreliano Wanderley para comporem a junta medica de inspecção de saude, a que se deve sub-metter o suppli-cante, ás 14 horas do dia 27 deste mez, na Escola Normal.

DIA 28

O Exm.^o Sr. Governador do Estado resolve approvar o termo de contracto celebrado nesta data, entre o Sr. Secretario de Estado dos Negocios do Interior e a alumna-mestra, D. Hermelinda Fazio, afim de ministrar, por um anno, o ensino de Gymnastica aos alumnos do Grupo Escolar Modelo "Pedro II", desta cidade.

— O Exm.^o Snr. Governador do Estado, tendo em vista, a representação da Directoria Geral da Instrucção Publica, em officio de 8 do corrente mez, sob n. 178,

e de accordo com os artigos 6, 7 e 8 da Resolução n. 340, de 1.º de Junho de 1902, resolve decretar a perda, por abandono, da cadeira mixta do povoado Itamaracá, Municipio de Muricy, em que incorreu a respectiva professora publica, D. Isaura Pinheiro.

— Foram concedidos 30 dias de licença a D. Dolores Baptista de Nazareth, professora publica do Grupo Escolar "Diegues Junior", desta cidade, para tratamento de sua saude.

— Foram concedidos a d. Isaura Maria de Jesus, professora publica de Junqueiro, 60 dias de licença, sem vencimentos, para tratar de negocios de seu particular interesse.

— Foi jubilada D. Adelia Paulina da Costa, professora publica da cadeira mixta de Sant'Anna do Ipanema, por contar mais de 30 annos de serviço effectivo e não poder mais continuar a exercer suas funções.

— D. Josepha Leite de Souza Lima, professora publica da cadeira do sexo feminino de Sant'Anna do Ipanema, foi jubilada, por não poder continuar mais no magisterio, tal o seu estado de saúde.

— Foi concedida á professora D. Francisca Augusta de Oliveira, professora publica de Ipioea, nesta Capital, a ajuda de custo a que tem direito, na fórmula do Regulamento da Instrução Publica vigente.

— O Exm. Snr. Governador do Estado, removeu, a pedido, a professora publica de instrução primaria do povoado Flecheiras, Municipio de São Luiz do Quitunde, D. Benedicta de Souza Oliveira e Silva, para a cadeira vaga, do sexo feminino, da villa de Santa Luzia do Norte, na fórmula do art. 216, n. 1, do Regulamento da Instrução Publica, vigente.

— O Exm. Snr. Secretario do Interior, por acto de hontem, designou a professora da 2.ª cadeira do Curso Annexo da Escola Normal, desta Capital, D. Maria Carmelita Cardoso para reger a cadeira de Historia Universal e do Brasil da mesma Escola, até o seu definitivo proveniente, na fórmula do art. 460 do Regulamento da Instrução Publica em vigor.

— D. Alice dos Santos Balbino, professora publica de Bebedouro, desta capital, pedindo sua jubilação, na fórmula da lei. Designo os Drs. Leone Menescal, José Rodrigues Mauricio e Abelardo Duarte, para comporem a primeira junta medica de inspecção de saude a que se deve submitter a requerente.

— D. Maria Percê de Carvalho, professora publica da cadeira de Coruripe, no mesmo sentido: Foram designados os Drs. Leone Menescal, José Rodrigues Mauricio e Abelardo Duarte, para comporem a primeira junta medica de inspecção de saúde a que se deve submitter a requerente.

O ensino da lingua portuguesa deve constituir sempre e cada vez mais a grande preocupação do professor, sobretudo do professor primario que vae formar a base dos conhecimentos da criança. Nesta materia o methodo é tudo. E' preciso primeiro saber escrever certo para depois aprender o porque.

A Escola Normal deve ser rigorosamente uma escola profissional. As disciplinas necessarias á instrução geral o alumno deve possuil-as ao entrar para a Escola. Essas disciplinas servem apenas de temas de educação profissional. O que o alumno-mestre vae aprender na Escola Normal é o methodo de ensinar essas disciplinas.

SUMMARIO :

Revista de ensino	
A proposito de Congressos	Renato de Alencar
As leis biologicas da linguagem	Auryno Maciel
O Leão enfermo	Ad. Marroquim
O senso da economia	Luis Accioly
O programma do Chiquinho	Roberto Correia
Sobre a educação Nacional	Diegues Junior
Do papel educativo da escola prim.	Dr. Carlos Silveira
A mathematica do Tutuquinha.	Aug. Wanderley
O canto nas escolas	
Methodologia	Diversos
Pontos e virgulas	
O estudo do latim	
Sobre Christovam Colombo	Esmaragdo Souza
O Mandarim	Cypriano Jucá
A instrucção sanitaria nas escolas	
Escola Normal (mappas)	
Os inimigos do professor	Renato de Alencar
Noticiario	

SUMMARIO:

Antagonias da Didactica na Unilateralidade do Ensino	Renato de Alencar Olavo Bilac Da Costa e Silva
Respostas na sombra	
A Queimada	
Pequena palestra sobre a cultura dos sentidos	M. R. Ambrozzio
O paiz onde não havia gatos	
A Cigarra e a Formiga	Ad. Marroquim Diversos
Methodologia	
Carta ao Exmo. Snr. Pedro da Costa Rego	
Calligraphia vertical	Elizabeth Leal Car- rascosa
Programmas da Escola Normal .	
Escola Normal (entrega de diplomas)	
Noticiario	

REVISTA DE ENSINO

ORGAN OFFICIAL DA DIRECTORIA DA INSTRUÇÃO PUBLICA

ANNO II

MACEIÓ, MARÇO-ABRIL DE 1928

NUM. 8

Antagonias da Didactica na Unilateralidade do Ensino

These apresentada na PRIMEIRA CONFERENCIA DE EDUCAÇÃO NACIONAL realizada em Curityba, capital do Paraná, aos 19 de dezembro de 1927, pelo prof. RENATO DE ALENCAR, lente de Pedagogia da Escola Normal de Maceió e Delegado da Instrução de Alagôas na CONFERENCIA.

A falta de estudos de natureza pedagogica que regularizem o ensino entre as populações do interior, vem causando á existencia do pais, males de variados aspectos, cada qual que mais se caracterize no trabalhar em desgabos para tropeços em nossos destinos.

Um dos maiores males é este: inspirar a emigração da população rural para as cidades, ou então formar individuos inimigos do trabalho do campo.

O de que precisamos para pôr termo ao phenomeno demographico, assumpto que nos inspirou escrever esta these, é de, antes da applicação de methodos de ensino na população rural infantil, procedermos a estudo intelligente sobre a elaboração das materias a ensinar, contanto que se não repita o erro em que nos vemos compromettidos, a concorrer criminosamente para o retardamento e desequilibrio social e economico do Brasil.

Para alcançar-se um methodo normal, consentaneo com a razão, applicado ao ensino rural, faz-se mister acurado estudo de psycho-pedologia, especialmente no que concorre ás percepções, comparativamente, entre

as creanças do meio *mato* e as do meio *praça*. E' sabido que essas percepções, pela influencia do meio social e physico, soffrem differenças radicaes. (1) ajustando-se muito bem o conceito repetido por Piffault (2): "tant vaut le milieu, tant valent ceux qui y vivent".

Servimo-nos ainda de A. Piffault, e tomamos de sua obra as seguintes indicações abonadas tambem por W. James, cuidadoso psychologista que interessam á natureza da educação das creanças :

"De 7 a 12 ans, des intérêts speciaux apparaissent. Ils orientent les jeux. Car, cet âge est par excellence l'âge actif. L'enfant utilise sa connaissance du milieu. Chasse, guerre, pêche, dressage d'animaux, constructions diverses, jardinage, troc, commerce, voyages, retiennent diversement son attention. Il aime tout ce qui marche, court, vole,

(1) Cf. Rouma, *Pedagogie Sociologique*. Le Bon, *Psych. des foules*, Guyau, *Education et Heredité*.

(2) *Psych. app. a l'Education*, 32.